



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**LILIAN DE LIMA BESERRA**

**VIVER NO SERTÃO:  
NARRATIVAS DO COTIDIANO SERTANEJO EM IBIARA – PB (1948-1990)**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2020**

**LILIAN DE LIMA BESERRA**

**VIVER NO SERTÃO:  
NARRATIVAS DO COTIDIANO SERTANEJO EM IBIARA – PB (1948-1990)**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

**Orientadora:**

Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos

**CAJAZEIRAS – PB**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

B554v Beserra, Lilian de Lima.  
Viver no sertão: narrativas do cotidiano sertanejo em Ibiara-PB (1948-1990) / Lilian de Lima Beserra. - Cajazeiras, 2020.  
128f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos.  
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2020.

1. Crenças populares. 2. Narrativas. 3. Ibiara-PB. 4. Memórias. 5. Ditadura. 6. Sertão. I. Ceballos, Viviane Gomes de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 398.3(813.3)

**LILIAN DE LIMA BESERRA**

**VIVER NO SERTÃO:  
NARRATIVAS DO COTIDIANO SERTANEJO EM IBIARA – PB (1948-1990)**

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Viviane Gomes de Ceballos  
(Orientadora – UFCG/CFP)

---

Dra. Rosilene Alves de Melo  
(Titular – UFCG/CFP)

---

Dra. Ana Rita Uhle  
(Titular – UNILA)

---

Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino  
(Suplente - Rede Privada de Ensino)

**CAJAZEIRAS – PB**

**2020**

Dedico à todas as mulheres, em especial, as nordestinas, as quais tiveram, por tanto tempo, suas vozes silenciadas e esquecidas pela sociedade. De vocês tenho a inspiração e a garra para lutar pelo que eu quiser!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todas as forças do Universo que me sustentaram nesse árduo caminho, dando-me força e mostrando sempre uma faísca de luz na estrada. Senti e sinto que vocês sempre estiveram e estão comigo.

Agradeço a painha por TUDO, principalmente seu apoio às minhas escolhas, pois mesmo não sendo o curso o qual ele queria que eu fosse “formada”, a partir do momento em que decidi continuar no curso de História, ele apenas disse: “É isso mesmo, continue, se você está gostando”. Era tudo o que queria ouvir. Obrigada por sua dedicação e exemplo de coragem, você foi e é minha maior inspiração para superar os dias de fraqueza e desânimo.

Agradeço à mainha por mais outro TUDO. Ela que com sua fé sempre esteve aconselhando pelo lado do amor, da paciência, da coragem e do perdão. Mainha, tu és a minha fortaleza. Você é a mulher mais forte que conheço. Obrigada por tanto amor.

Agradeço ao meu irmão, o meu bambino, pelos seus ensinamentos, mesmo que ditos e mostrados de forma indireta. Você cresceu tão rápido e aprendeu tantas coisas novas, mas em minhas memórias sempre o terei como aquele pitoco de gente correndo pelos terreiros atrás das vacas. O meu amor por você é inexplicável!

Mesmo não sendo uma pessoa muito simpática, nesses quatro anos e pouco me bati com muita gente, as quais devo minha gratidão: Diogo, obrigada por me mostrar que sempre conseguimos e o quanto de força podemos ter. Samira, obrigada pelo seu colo, amizade e, principalmente, por ser exemplo de garra para passar por cima dos piores problemas. Anderson, obrigada pela sua paciência. Vinicius, obrigada por sua amizade. Vocês são os melhores e únicos amigos(as) de turma, com os quais tenho certeza que posso contar. Irei sempre lembrar de todos(as) e os tenho em meu coração.

A minha gratidão se segue também a: João Kaio, alguém com quem construí um laço forte e dividi muitas amarguras, sob muito álcool; Marleide, pessoa que me proporcionou muitos momentos de alegrias e com quem compartilhei algumas aventuras alcólicas; Manoel, a pessoa mais dramática que encontrei, mas um amigo que me ensinou o que é ser família longe de casa; Higor, a pessoa mais popular do campus e pau para toda obra, aprendi muito com esse ser humano; Douglas, alguém que aguentou muita coisa minha, principalmente meus desabafos; Marcelo, amigo que ganhei e com quem dividi muitos choros e alegrias; Damião, a pessoa mais responsável com que pude compartilhar muitos momentos; Itamar, alguém com que tive o prazer de dividir muitas cachaças e conversas; Gutierrez, o mais reservado, mas com quem compartilhei muitas alegrias. Todos vocês estão em meu coração!

Agradeço às mulheres mais incríveis que tive a chance de conhecer, conviver e compartilhar os melhores e piores momentos que vivi dentro e fora da Universidade: Ana Maria, Ayrle e Yara. Vocês são de uma importância enorme para mim. Aprendi com vocês muitas coisas e devo minha gratidão por todos os ensinamentos e, principalmente, por enfrentarem comigo os desafios de ser mulher. Além de mostrarem-me que nós mulheres somos mais, sempre podemos ser mais, sermos o que quisermos e onde quisermos. Obrigada. Eu amo vocês!

Agradeço à Maiza por ter me ensinado tanto, principalmente, enquanto ser humano. E por ter me ouvido e orientado em muitas decisões. Obrigada pelo carinho e pela amizade!

Agradeço aos professores do curso de História: Isamar, por sempre me deixar com dúvidas; Uelba, por ter ensinado a posicionar-me; Francinaldo, por mostrar que ler é a alternativa para saber e conhecer algo; Francisco Neto, por mostrar-me que sempre podemos fazer mais; Rosilene Melo, por dizer sempre que em tudo há dificuldades, mas que podemos tornar as coisas leves, por que no fim “vai dar certo”; Rodrigo Ceballos, por mostrar que podemos viajar sem sair do lugar, e ensinar-me a buscar sempre ser melhor no que fazemos; Rubismar, por ter ensinado a ouvir o outro; Viviane, por mostrar que em tudo há uma explicação e aquilo que fazemos com amor torna-se mais leve e prazeroso; Israel, por ter mostrado que lutar é necessário e desistir nunca é a melhor saída; Silvana, por mostrar que só o superficial não é interessante; Laércio e Luiz Mário, por mostrarem que há sempre questões para serem respondidas; Rosemere, por mostrar que ser gentil é a melhor forma de ser; E Osmar, por ser exemplo de paciência. Todos e todas vocês mostraram-me que ser professor de História é ficar sempre com uma pulga atrás da orelha questionando as coisas, mas além de tudo mostraram-me que ser humano é o que podemos ser de melhor.

Agradeço à professora Lucinete pela experiência em seu projeto PIBIC, durante um ano aprendi muito como pesquisadora de memórias e histórias.

Agradeço à Raquel, uma pessoa magnífica que tive a sorte de conhecer e que se tornou uma mãe cajazeirense para mim. Obrigada, Quel!

Agradeço aos colaboradores dessa pesquisa: Seu Francisco, Dona Terezinha e Chico do Rádio, pois sem vocês não teria sido possível a escrita desse trabalho. Obrigada pela paciência, disponibilidade, acolhida e as boas conversas na volta ao tempo.

Agradeço ao meu avô (*in memoriam*) Isaac, pelas boas e ricas memórias deixadas!

Agradeço aos futuros e grandes professores e professoras de História que vivenciaram comigo o projeto da Residência Pedagógica: Dalua, Irmã Maria, Chico, Aline, Darlysson e Claudilene. Com essas pessoas pude compartilhar todas as nossas conquistas e também as

minhas angústias, obrigada por construírem comigo tanto conhecimento. E à Polyana, por ter sido uma preceptora amiga.

Quase por fim e muito importante, eu agradeço a pessoa mais incrível que conheci na reta final do curso: Moab. Meu namorado, meu amigo, meu noivo, o meu amor. Obrigada pela paciência com meus estresses, pelo carinho e colo nas minhas fraquezas, pelas broncas nos meus desesperos e pelo seu amor, que veio como gás para turbinar a minha vida. Obrigada pela grande ajuda, apoio e afeto comigo e nessa pesquisa. Amo-te!

Agradeço ao GEPHC (Grupo de Estudos e Pesquisa em História Cultural), nas pessoas de: Rodrigo, Katiana, Ewerton, Joedna, Larissa e Jaíne. Pesquisadores com quem dividi muitas conversas e boas risadas, as quais foram importantes para este trabalho e para minha vida.

Minha gratidão também vai lá pro século passado, ao grande Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Obrigada Luiz, por ter composto tantas letras de músicas incríveis, retratando momentos de sua vida e do Nordeste, ouvi-las inspirou e tornou bem mais leve a escrita dessa monografia.

Agradeço também aos funcionários terceirizados do CFP, os quais sempre estiveram preocupados com o bem-estar dos alunos/residentes. O pessoal do Restaurante Universitário, os responsáveis pela limpeza da Residência e aqueles com quem compartilhei palavras pelos corredores. Obrigada a vocês por todo carinho!

Agradeço de coração a minha orientadora Viviane Gomes de Ceballos. Pessoa por quem construí um afeto e amizade, mesmo com medo de entrar em contato no início. Obrigada pela atenção, preocupação e carinho com esse trabalho. Pelas conversas nas quais você sempre se mostrou disposta a compreender e ajudar, mesmo com inúmeras atividades e toda loucura do período em que estamos vivendo. Obrigada, Vivi! Você é uma das mulheres mais incríveis e poderosas que tenho a honra de conviver. Obrigada por ter construído comigo tanto conhecimento e espero que não paremos por aqui!

Agradeço a professora Nadja pelas conversas e boas histórias que compartilhamos juntas. Através de um estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de um contato mais próximo. Antes eu a admirava de longe, e hoje continuo a estimá-la como profissional e mulher. Obrigada, Nadja!

Meus singelos agradecimentos vão para as pessoas que aceitaram o convite de ler e contribuir com essa pesquisa: Rosilene Melo e Ana Rita Uhle. Obrigada, maravilhosas. Para mim é uma honra e alegria tê-las como parte da banca examinadora. Vocês inspiram-me!

Se você não respira quando escreve, não grita, não canta, então sua literatura será limitada. Quando não escrevo, meu universo se reduz, sinto-me numa prisão. Perco minha chama, minhas cores. Escrever para mim é uma necessidade.  
(Anayde Beiriz)

A seca fez eu desertar da minha terra  
Mas felizmente Deus agora se alembrou  
De mandar chuva  
Pr'esse sertão sofredor  
Sertão das muié séria  
Dos homes trabaiador.  
(Luiz Gonzaga)

## RESUMO

A presente pesquisa aborda a análise do almanaque de feira “O Nordeste Brasileiro”, um tipo de livreto que apresenta conhecimentos astrológicos (horóscopo), medicinais, calendário lunar com previsões de chuvas, o tipo de alimento que geraria lucro durante o ano, melhor época para plantar, além de versos, conselhos, propaganda e apresentação de talismãs e amuletos. Seu autor, o pernambucano Manoel Luiz dos Santos, endereçava os seus escritos a todos aqueles que acreditavam em suas profecias, sendo os agricultores os grandes receptores desse almanaque em Ibiara – PB, entre o período de 1948 e 1990. Deste modo, a partir de entrevistas orais com agricultores e agricultoras, o estudo investiga as apropriações e usos deste almanaque em Ibiara, por meio das memórias dos que o utilizaram e viveram sob tais crenças e experiências. Analisamos, nesse sentido, os significados atribuídos a este folheto e sua influência no modo de vida dos agricultores ibiarense, principalmente no período da Ditadura Civil-Militar, destacando os momentos das grandes estiagens na região. Assim, investigar as práticas suscitadas pelo folheto de almanaque e os fenômenos que permearam o cotidiano dos ibiarense neste árduo período do Brasil é o nosso objetivo.

**Palavras-chave:** Almanaque de feira. Apropriações. Memórias. Ditadura.

## ABSTRACT

The basis of research lean out on the analysis of the fair almanac “O Nordeste Brasileiro”, a kind of booklet that which demonstrates astrological knowledge (horoscope), medicinal, lunar calendar with rain in the forecast, the kind of food that would father profit during the year, best time to grow, aside from verses, advice, advertising and presentation of talismans and amulets. As the author, Pernambucano Manoel Luiz dos Santos, addressed his writings to all those who believed in his prophecies, with farmers being the main recipients of this almanac in Ibiara - PB between the 1948s and 1990s. That way, from the interviews oral with farmers, the study emphasizes the appropriations and uses of this almanac in Ibiara, by way of the memories of those who used and lived under such beliefs and experiences. Along those lines, we analyzed the meanings attributed to this leaflet and its influence on the way of life of Ibiaran farmers, mainly in the period of the Civil-Military Dictatorship, highlighting the moments of the great droughts in the region. Investigate the practices in the face of the almanac leaflet and the phenomena that permeated the day-to-day lives of Ibiarans in this hard period of Brazil.

**Keywords:** Fair almanac. Appropriations. Memoirs. Dictatorship.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do almanaque O Nordeste Brasileiro do ano de 1979.....	28
Figura 2: Capa do Almanaque O Nordeste Brasileiro do ano de 1988.....	28
Figura 3: Almanaque O Nordeste Brasileiro, ano de 1980. ....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>SABERES E LEMBRANÇAS: AS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS NO SERTÃO DA PARAÍBA.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>20</b>
<b>O ALMANAQUE DE FEIRA E SEUS MISTÉRIOS NO SERTÃO NORDESTINO ....</b>	<b>20</b>
<b>1.1 O Calendário e o Almanaque: Produção, Mudanças e Apropriações .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2 O Que é o Almanaque de Feira? Estrutura/Formato e Conteúdo .....</b>	<b>26</b>
<b>1.3. <i>O Nordeste Brasileiro</i>: Sua Circulação e Receptividade em Ibiara – PB .....</b>	<b>31</b>
<b>1.4 Futuro do Folheto: Os Efeitos da Modernização.....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>39</b>
<b>ANO (DES)FAVORÁVEL: OS “HERÓIS” E OS SERTANEJOS NA ESTIAGEM DO SERTÃO (1960-1990) .....</b>	<b>39</b>
<b>2.1 O Nordeste e a Ditadura Civil-Militar.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 <i>As Emergências</i>: Frentes de Trabalho Como Ajuda Paliativa do Governo.....</b>	<b>45</b>
<b>2.3 <i>Indústria da Seca</i>: Os “Heróis” e seus Feitos .....</b>	<b>49</b>
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>54</b>
<b>“O POVO DEIXOU DE ACREDITAR”: OS PERSONAGENS POPULARES E SEU LEGADO.....</b>	<b>54</b>
<b>3.1 Adverte o Profeta Manoel Luiz dos Santos: Só Eu Mesmo Posso e Tenho Como Resolver Todos os Problemas da Sua Vida.....</b>	<b>54</b>
<b>3.2 Os Ofícios no Sertão Como Parte de uma Religiosidade Popular .....</b>	<b>58</b>
<b>3.3 Entre o Atraso e a Civilidade: Saberes que Comungam .....</b>	<b>64</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

### Saberes e Lembranças: As Memórias Construídas no Sertão da Paraíba

“Era uma vez, um lugarzinho no meio do nada, com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada [...]” (ERA, 1997).

Um lugarzinho no Sertão Paraibano com sabor de leite quente, aconchego e aventuras. Uma casa amarela com alpendre, cadeira de balanço e vista para um terreiro que virava palco de diversão e alegrias quando a chuva molhava o chão e criava as poças d’água que permitiam fazer a comida das bonecas que ficavam todas espalhadas pela varanda. A chuva sempre alegrava, pois permitia também apostar corrida de bicicleta, já que não íamos ouvir dos mais velhos que a poeira ia causar uma gripe, ou levarmos umas boas cipoadas. Foi nesse cenário que ouvi muitas histórias e vários costumes e simpatias. Superstições foram compartilhadas, fazendo parte das coisas que, até hoje, acredito.

Cresci acreditando que a lua crescente ou nova é a melhor época para cortar o cabelo, ou melhor, “aparar as pontinhas”, pois a mulher deveria estar sempre de cabelos longos. Quando o galo cantava fora de hora, o cachorro uivava ou as coãs<sup>1</sup> esbravejavam seu canto, a notícia de alguma tragédia (acidente, assassinato ou morte) chegaria em breve. Esses medos trazidos por essas crenças me causam incômodo e inquietação, pois sempre me questiono como surgem tantos discursos que, de certa forma, guiam o modo como as pessoas lidam com as situações do dia-a-dia.

No momento de descoberta da História<sup>2</sup>, sua importância e o que de fato ela representa para a sociedade, compreendi também que teria uma empreitada<sup>3</sup> pela frente: buscar questões e a partir delas construir história(s). No entanto, os questionamentos já existiam, só não sabia onde encontrar os rastros que poderiam ajudar-me a chegar nas respostas. Não imaginava que as experiências e narrativas que estavam bem pertinho seriam os vestígios que me guiariam nessa empreitada.

---

<sup>1</sup> Mesmo que acauã, um pássaro parecido com um gavião que existe em várias regiões do Brasil. No Norte de Minas Gerais, acredita-se que quando ela canta está agourando alguém. A infeliz pessoa agourada, segundo a crença, não dura muito tempo. O que se diz é que quando a “coã”, como é chamada nessa região, canta, fatalmente alguém ali por perto morre no dia ou morrerá em breve (PALAVRA, 2011).

<sup>2</sup> Através da leitura do livro “Apologia da História” de Marc Bloch (2002) entendi o significado da História enquanto uma ciência e o papel do historiador como “caçador”, de procurar e encontrar respostas sobre os acontecimentos da vida humana no tempo, por meio de “pegadas” deixadas pelo homem investigar histórias. Assim como a curiosidade me fez abrir a mala dos almanaques, me fez encantar pelo ofício de historiadora e continuar na busca por rastros humanos.

<sup>3</sup> Tarefa muito difícil e que demanda muito tempo (DICIO, 2020).

Até que a venda caiu dos olhos e em um dia qualquer, para matar minha curiosidade, fui revirar uma mala que estava no salão onde meu avô guardava seus pertences. Ao abrir a mala, também se abriu pra mim um mundo cheio de novas perguntas e inquietações. Nela estavam almanaques de feira, uns folhetos que para mim eram igual caviar, pois só tinha ouvido falar. E as falas eram da professora Rosilene, que contava da sua experiência também com os cordéis. Curiosa que sou, apressei-me a folhear aquelas páginas, já quase deterioradas pelo tempo, e percebi que aquilo era tudo o que precisava encontrar. Foi uma rica lembrança deixada pelo meu avô, uma pena não o ter mais aqui para ouvir as suas histórias sobre o almanaque. Mas mesmo assim, fico a imaginar-me viajando nas décadas de 1960, 70 e 80 quando escuto as experiências dos que viveram esse período.

As pistas deixadas pelo meu avô davam início a uma importante pesquisa, tanto para o mundo acadêmico quanto para a construção de um história local<sup>4</sup>, que tem como principais atores os sertanejos e sertanejas que construíram suas vidas no interior do Sertão do Nordeste. Ouvir e inserir as falas dos sertanejos neste trabalho é uma forma de romper com o discurso estereotipado sobre essa região e ocupar os arquivos com as encantadoras narrativas sobre o Sertão.

Meu objetivo sempre foi contar a história daqui e não de lá. A história que poucos se interessam e acham importante. Minhas outras opções seriam pesquisar e contar história(s) sobre o ser mulher ou adentrar aos saberes das rezadeiras, pois são questões que sempre me instigaram e ainda me causam curiosidades. Desse modo, o aqui é o que me interessa, e me interessou desde o início, os silêncios que guardam os grandes ensinamentos e conhecimentos do Sertão e de seu povo. O meu foco é compartilhar as dúvidas e as pistas que, desde criança, me incomodaram. O aqui é a pequena cidade de Ibiara – PB, que faz parte do conjunto de cidades que formam o Vale do Piancó, marcada pelas experiências de um povo que tornaram o meu dia-a-dia mais dinâmico e carregado de saberes.

O almanaque apareceu como um elemento intrigante e uma forma de começar a pesquisar a cultura dos ibiarenenses, os costumes que fizeram e fazem parte do seu cotidiano, as crenças que caracterizavam os medos, os sonhos e as práticas que conduziam seu modo de viver. E isso instigou-me mais ainda quando no processo de pesquisa bibliográfica para dar base ao estudo, deparei-me com muitas lacunas sobre os almanaques de feira, os leitores, a

---

<sup>4</sup> Nesse contexto, esse termo não se refere, especificamente, a um dos campos de estudo da historiografia, mas reporta-se as produções sobre e na própria cidade de Ibiara-PB, a fim de contribuir com os estudos e narrativas desse lugar.

cidade de Ibiara, os personagens que atuaram diretamente na rotina dos ibiarense e, principalmente, sobre as vivências dos sertanejos.

Para adentrar nessa viagem precisei contar com a colaboração das pessoas desse lugar. Pessoas como a agricultora, mãe e viúva, Dona Terezinha Furtado Leite de Sousa, 76 anos de idade, que desde sua infância teve intimidade com a vida no Sertão da Paraíba, especificamente em Ibiara – PB. Filha de agricultores, Dona Terezinha conheceu de perto as dificuldades e alegrias de levar uma vida sertaneja. Seguiu a tradição da maioria das mulheres do período: encontrar um bom homem, de família, para casar e ter muitos filhos. Onze, foram quantos ela deu à luz. Mesmo com as poucas oportunidades de estudo no interior, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, o seu pai conseguiu que ela e seus irmãos tivessem acesso à educação e se alfabetizassem. Assim, Dona Terezinha, conhecedora das letras, dos números e da vida, casou-se aos dezoito anos de idade e passou a exercer papel de esposa e dona do lar. Grande leitora da Bíblia Sagrada, Dona Terezinha carrega consigo muitas histórias e uma enorme fé.

Seu Domingos Francisco de Lima ou seu Domício, como é chamado por todos, é outro protagonista das histórias que aparecerão neste trabalho. Residente no sítio Fartura (município de Ibiara), agricultor e apaixonado pela criação de gado. Vendedor de leite e do melhor queijo da cidade. 80 anos de idade e ainda o mesmo gosto pela terra e pelos animais. Hoje com a idade que já não lhe deixa ter a mesma dinâmica, seu Domício tinha um encontro marcado, toda semana, na feira do gado da cidade de Conceição – PB (vizinha à cidade de Ibiara) e na feira livre em Ibiara, sempre em busca de informações com relação ao comércio dos bois e dos cuidados para com as suas plantações. Talvez isso explique a sua paixão e compromisso com as previsões e conselhos do almanaque produzido por Manoel Luiz.

Francisco de Assis Gomes ou Chico do Rádio, como é conhecido na região, hoje com 65 anos de idade, tem as mesmas inquietações que eu desde criança. Nasceu no município de Ibiara, mas atualmente reside na cidade de Cajazeiras – PB. Era curioso para entender como os mais velhos sabiam e conheciam os sinais de chuva, ficava intrigado com a forma que a natureza se comunicava e se comunica com o ser humano. Crescido também na zona rural, teve acesso aos saberes da vida no Sertão. As suas inquietações e curiosidades o levaram a pesquisar e viajar em busca de respostas e quando as compreendeu, resolveu compartilhá-las, tornando-se um escritor de almanaque de feira, amante da natureza e da sabedoria sertaneja.

Foram essas pessoas que deram calibre a esta pesquisa. Suas experiências e vivências, compartilhadas através de entrevistas, conduziram a forma como esse trabalho foi construído. Escolher trilhar pelo caminho da História Oral foi um desafio, sobretudo pelo fato de “ativar a memória”, como afirma Delgado (2003), já que este amplo campo de conhecimento “[...] é

mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam.” (DELGADO, 2003, p. 16). Desse modo, entendemos a memória como algo que não é limitado ao “ato de recordar”, mas que, por meio dos significados atribuídos às lembranças/experiências reveladas e narradas, a humanidade (re)constrói sua própria identidade e preserva seus elos e raízes (TODOROV, 1999 apud DELGADO, 2003). Nesse sentido, mediante a metodologia da História Oral, as entrevistas nos possibilitaram mergulhar no cotidiano dos ibiarenenses, nos costumes e práticas singulares do modo de viver desse povo.

Aproximava-se o mês de outubro, tempo de trovoadas, e os sinais de chuvas já eram aguardados pelos agricultores para fazerem suas plantações. A casa do João-de-barro, virada para o nascente, causava desânimo, pois ele não faria sua morada para que a chuva (vinda do nascente) a derrubasse, assim como as formigas não fariam seus ninhos no meio de um caminho para que quando a água escorresse as levassem. Assim seguiam-se os anos em Ibiara. Simpatias e superstições faziam parte da espera de um novo ano.

Além da ansiedade pelas festas natalinas ou a chegada de algum parente distante, em Ibiara as feiras de final e início de ano eram as mais aguardadas pelos agricultores. O homem de negócios já tinha sua roupa reservada: calça bem passada e modesta, camisa longa e definida, botinas brilhantes e engraxadas, chapéu de couro e o arreio do cavalo na mão. Cruzava a estrada todos os domingos em direção a cidade para fechar negócios, reencontrar e tomar umas bicadas com os compadres. Mas havia um propósito: comprar o almanaque de Manoel Luiz.

As conversas com os entrevistados nos proporcionaram conhecer os modos como esses sertanejos lidaram com a seca no período entre 1948 e 1990, onde perpassa no Brasil um momento marcado pelo autoritarismo e participação militar no poder. Além de identificarmos as formas de uso e apropriação do folheto de almanaque, apreendendo, desse modo, as vivências diárias desses sertanejos. As lutas, os medos, as renúncias e a esperança, são sentimentos que marcaram as falas dos colaboradores. Além das boas risadas, claro. E, sobretudo, nos possibilitaram compreender a importância e poder das pessoas consideradas sábias nessa pequena cidade.

Recorrer às memórias dessas pessoas nos viabilizou enveredar por um caminho antes não pensado. Nos relatos, principalmente de Dona Terezinha, foi constantemente pontuada a sua experiência durante a seca, o que faziam, como faziam, o que chegava para a população, e isso foi despertando uma curiosidade em relação a esse período. Apesar de já se ter ouvido e lido muitas histórias a respeito desses momentos, a versão contada pela colaboradora trouxe novas problemáticas, dignas de serem escritas neste trabalho.

Nas pesquisas bibliográficas realizadas, percebemos que as produções históricas sobre o período da Ditadura Civil-Militar focam bastante no que acontecia nos grandes centros e capitais, nas torturas e repressão de quem vivia na “cidade grande”, na vida de quem participava de manifestações políticas e lutava contra o regime no âmbito urbano. Aqui não se valem críticas a respeito dessas pesquisas, muito menos desmerecimento a quem se detém a esse campo da historiografia brasileira. No entanto, ainda são poucas as produções historiográficas que debatem o período da Ditadura voltado para as estiagens e a vida no Nordeste. Quem conta a história do sertanejo durante a Ditadura? O que conta? Como vivia o homem e a mulher do interior do Sertão da Paraíba? De que forma foram afetados pelo regime? O que foi viver a seca de 1970, por exemplo, em um período em que os militares eram detentores do poder do Estado?

A versão sobre a Ditadura Civil-Militar que ganha destaque e pesquisas é a de produções que retratam as vivências na zona urbana das grandes cidades. O medo do sujeito que morava na capital São Paulo ou Rio de Janeiro de sair na rua, era também o medo do homem do campo da chuva não cair, medo de não ter o que comer, medo de ver um filho morrer de fome e sede. Ao mesmo tempo em que ocorriam repressões, prisões e assassinatos, os sujeitos em Ibiara lutavam para enfrentar a falta de água e comida, causada pela seca e, conseqüentemente, a falta de assistência do Estado a essa população. Uma repressão que teve formatos diferentes em cada localidade, chegando através de outros meios em Ibiara.

O que, geralmente, se fala e se constrói em relação a esse período no Brasil são narrativas, de certo modo institucionalizadas, nas escolas e universidades, buscando expressar as tristezas, lutas, embates, perseguições, corrupção e autoritarismo dos militares enquanto “governantes” nesse momento. Batendo sempre na tecla de que foi um longo período rigoroso, antidemocrático e desumano. De fato, foi isso e muito mais, e negar isso seria um erro vergonhoso. No entanto, muitas pessoas ainda desconhecem esse lado, o lado das perseguições políticas, das torturas e do desaparecimento de pessoas, mas vivenciaram em outro formato a repressão e o autoritarismo que caracteriza o governo dos militares.

Nesse sentido, a partir dos relatos dos colaboradores buscamos construir uma outra versão da vivência sertaneja, especificamente, no período da Ditadura. O objetivo não foi usar as memórias como complemento desta pesquisa, mas produzir uma narrativa baseada nas falas dos colaboradores, apresentar esses sujeitos sociais como protagonistas de sua história. Uma história grifada pela atuação de personagens singulares que desempenharam um papel importante no cotidiano desses sujeitos. Personagens que tornaram a dinâmica do viver sertanejo ibiarense em um universo encantado. Dar visibilidade historiográfica a esses personagens foi um dos objetivos desta pesquisa.

Nesse caminhar, analisando o perfil de Manoel Luiz dos Santos e o papel desempenhado por ele no cotidiano sertanejo, procuramos destacar outros personagens que atuaram sabiamente no dia-a-dia do homem e mulher do campo, como influenciadores no modo de viver, acreditar e compreender a vida e o mundo. Recorrer a parteiras, rezadeiras, curandeiros, fazia e faz parte de uma manifestação de fé dessa localidade. A presença e poder desses personagens nesse meio sertanejo faz de Ibiara um universo encantado, com um cotidiano construído a partir de crenças que se misturam e se transformam em novas práticas.

Desse modo, entendemos que:

As manifestações da cultura popular não podem ser congeladas e emolduradas, porque estão enraizadas no dia a dia, pela tradição e pelo significado particular de cada uma delas. Tais práticas ganham significados importantes no cotidiano, que passa a transcorrer no limiar do ordinário e do extraordinário. A cultura e as suas práticas só existem por causa de seus significados para os sujeitos sociais que as vivenciam e delas trazem suas experiências. (ANDRADE; NOGUEIRA, 2014, p. 2).

Foi, portanto, a partir dessas experiências relatadas por nossos colaboradores que se construiu esse trabalho. Experiências estas que se caracterizam pela procura de rezadeiras para se livrar de um *olho gordo*, uma picada de cobra ou dor de cabeça; pela espera da comadre parteira que com suas orações e simpatias ajudaria em um momento difícil e alegre; pela chegada dos almanaques ao final do ano para se saber o que deveria fazer; pelo atendimento de um parteiro com novas técnicas para o período; pelas promessas e romarias realizadas ao Padre Cícero ou Frei Damião. Tais costumes e práticas serão aqui problematizados, dando visibilidade aos sujeitos e personagens atuantes em um conjunto de manifestações de fé, as quais dão sentido aos passos dados e não dados por esses sertanejos.

Seguindo por essas veredas, desenvolvemos nesta pesquisa três capítulos. No primeiro, **O Almanaque de Feira e seus Mistérios no Sertão Nordeste**, buscamos explorar o processo de produção e circulação do almanaque *O Nordeste Brasileiro*, destacando sua receptividade na cidade de Ibiara – PB. Apresentamos as especificidades do almanaque de feira e as tramas para a chegada desse livreto ao público leitor, além das transformações sofridas ao longo dos séculos. O Almanaque de feira *O Nordeste Brasileiro* levava aos agricultores as previsões de inverno e os sinais para se ter uma boa vida, os seus presságios representavam a esperança e a confiança para as plantações. Desse modo, procuramos perceber as apropriações e usos desse almanaque por seus receptores em Ibiara, visando identificar o modelo editorial e o percurso pelo qual o almanaque chegava a uma cidade no interior da Paraíba. Além de analisar os

conteúdos, o modo como os receptores desse folheto reagiam às suas mensagens e as formas que se realizavam as leituras. A partir dos relatos procuramos apreender as práticas orientadas pelo almanaque de Manoel Luiz e, por meio de seu conteúdo e modos de edição, apontar características pelas quais esse folheto guiou o cotidiano do homem do campo.

Com o objetivo de refletir sobre as experiências do sertanejo diante das estiagens em Ibiara, no período de 1960-1990, produzimos o segundo capítulo: ***Ano Des(favorável): Os “Heróis” e os Sertanejos na Estiagem do Sertão***. Aqui procuramos analisar o surgimento dos “heróis do povo” e as apropriações da seca para produzir política. Em outras palavras, nosso intuito foi discutir de que forma as previsões de Manoel Luiz contribuíram para o enfrentamento das estiagens e como o Estado, nesse momento, representado pelos militares, prestou assistência a população que encarava a falta de água, comida e trabalho. Desse modo, a partir das experiências narradas, problematizamos como os políticos usaram do evento da seca para construir para si próprios um perfil de heróis e de que forma as propostas emergenciais foram efetivadas em Ibiara, como também as relações estabelecidas nesse projeto político.

Para pensarmos na influência de personagens como Manoel Luiz nesses momentos de desânimo, doenças e desespero, quando Deus parecia não estar olhando para os seus filhos e havia a procura por hábitos e pessoas que pudessem dar sentido aos acontecimentos, tecemos o terceiro capítulo: ***“O Povo Deixou de Acreditar”*: Os Personagens Populares e seu Legado**. Tratamos de investigar o ator social e profeta Manoel Luiz dos Santos relacionando-o a outras figuras públicas do Sertão. Assim dizendo, nossa ideia foi discutir a presença e atuação de sujeitos sociais, como Manoel Luiz, parteiras, rezadeiras, profetas e demais personagens que desempenharam um papel de influenciadores e conselheiros do dia-a-dia do homem do campo ibiarense. Nossa reflexão buscou compreender como esses sábios sujeitos fizeram parte da composição de uma religiosidade popular singular, com hábitos e saberes que iam em confronto com os desígnios da Igreja Católica. Apresentamos práticas e costumes que constituíam o cotidiano do ibiarense, dando sentido aos fenômenos que ocorriam, fossem eles coletivos ou individuais. Nesse sentido, as discussões repousaram em pensar no desaparecimento e descrença dessas figuras e de seus saberes, e de como um projeto “modernizador” institucionalizou novos hábitos e novas visões de compreensão do mundo.

Assim, convidamos o leitor para entrar nesse universo encantado e arriscar-se a ser enfeitado pelas histórias aqui narradas.

## CAPÍTULO I

### O ALMANAQUE DE FEIRA E SEUS MISTÉRIOS NO SERTÃO NORDESTINO

É significativo pensarmos o almanaque de feira, seus leitores e o meio de sua circulação, quando este foi um elemento norteador de práticas e um guia das plantações e da vida de muitos sertanejos. Coube nesse capítulo uma discussão do que pode caracterizar um almanaque de feira e de que forma ele chega às bancas de feiras de muitas cidades, estabelecendo relações entre produtor, distribuidor e leitor, criando uma rede de comunicações e comércio por toda região.

Buscamos, nesse sentido, identificar o processo de produção do almanaque *O Nordeste Brasileiro* refletindo o seu caminho e receptividade na cidade de Ibiara – PB, dando destaque aos modos de leitura e apreciação desse folheto pelos agricultores. Nesse itinerário, discutimos como esses folhetos e suas narrativas foram afetados com a chegada dos saberes modernos e usos da tecnologia.

#### **1.1 O Calendário e o Almanaque: Produção, Mudanças e Apropriações**

Comunicar-se entre si, desvendar os sinais da natureza, dar significados aos eventos do universo, construir mitos e histórias para justificar processos naturais e históricos fez e faz parte do cotidiano humano. Signos, desenhos, pinturas e registros escritos foram tornando-se fontes para deixar inscritas tais histórias e, juntamente com novas invenções da sociedade, as formas humanas de expressar-se e comunicar, também foram se modificando.

Pergaminhos, papiros, tábuas, pedras e placas de barro, foram os primeiros locais de registros humanos. Entre esses registros estava o calendário como forma de controlar o tempo e os homens, definindo dias, meses, anos, estações, festividades, pois “[...] o tempo do calendário é totalmente social, mas submetido aos ritmos do universo.” (LE GOFF, p. 478, 2003). Assim, cada sociedade possui seu sistema de calendário de acordo com suas crenças.

O calendário por muito tempo foi um elemento de poder, somente reis, padres e revolucionários eram os senhores do poder e do calendário, estabelecendo dias religiosos, festivos e de descanso, isso porque o calendário servia como forma de controle do trabalho dos camponeses, pois os senhores determinavam dias para pagamento de tributos ao senhor e à Igreja, ou seja: “Tudo conspira, aqui, para apanhar o camponês na armadilha do calendário: o tempo da natureza e do trabalho, o tempo do senhor, o tempo da Igreja.” (LE GOFF, 2003, p. 487).

Assim como os senhores elaboravam o calendário dito “oficial”, com datas festivas e religiosas de acordo com seus interesses e do reino/estado, os camponeses definiam e apresentavam o ano do calendário seguindo acontecimentos naturais e as atividades que determinavam cada mês do ano, de acordo com o que acreditavam:

O ano agrícola iniciava-se no primeiro mês de Primavera, quando os animais em hibernação começavam a dar os primeiros sinais de despertar e os peixes se deixavam ver, subindo até o gelo que o vento do Leste tornara mais fino: preparavam-se então os arados e os camponeses associavam-se aos pares. No segundo mês, as andorinhas que voltavam assinalavam o equinócio, os pessegueiros floriam de novo, o verdilhão cantava, sabia-se então que se avizinhavam as primeiras chuvas, e ia-se logo trabalhar a terra e semear. O arco-íris reaparecia, o trovão soava de novo, milhares de animais surgiam ao mesmo tempo saindo da terra, a poupa pousava nas amoreiras: era o tempo de preparar as graziezinhas para os bichos-da-seda [...]. (LE GOFF, 2003, p. 527).

Percebe-se assim, que embora houvesse o calendário dos senhores e padres, os trabalhadores do campo descreviam seu ano de acordo com suas atividades e mudanças da natureza e dos animais. Tinham o seu calendário próprio, apesar dos seus imperadores lhes enviarem os calendários do império como forma de “[...] lembrar o próprio poder sobre o tempo e o pagamento de tributos.” (LE GOFF, 2003, p. 527).

O calendário e o almanaque andaram lado a lado, dois alimentos culturais do povo. Os calendários começam a aparecer em miniaturas e esculturas, objetos que apenas grandes senhores e ricos burgueses podiam adquirir. Contendo indicações astronômicas, xilogravuras, desenhos decorativos para separar páginas de livros, além dos calendários de gabinete.

Enquanto isso, os almanaques surgem como referência a grupos de trabalhadores (carteiros, barbeiros, corporações). Esses livretos vão levar informações do cotidiano para as pessoas, como horários das atividades, dos barcos a vapor ou dos ônibus. Os calendários publicam as divisões do ano e nelas as suas festividades, definidas pelos grandes senhores, e o almanaque irá levar ao “povo” notícias, saberes populares, conhecimentos diversificados, como bem definiu Le Goff (2003, p. 527):

Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos, que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras,

das chegadas e partidas de correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e finalmente astrológico.

Enquanto os calendários “oficiais” eram objetos, exclusivamente, dos reis e senhores ricos, os almanaques foram produzidos, principalmente, por e para aqueles das camadas “populares”, como forma de corresponder e responder aos questionamentos do seu modo de vida, dos seus costumes, refletindo o cotidiano do homem do campo, sua relação com o mundo e os outros.

Embora haja algumas distinções, o calendário e o almanaque possuem muitas características em comum, tanto que a palavra *Almanaque*, de origem árabe – *almanakh* – significa calendário, pois no corpo de seu texto possui as datas do ano e suas comemorações, sejam religiosas ou não. O almanaque trata-se de um conjunto de publicações anuais, é um “[...] livro sobre o tempo e o destino [...]” (MELO, 2011, p. 2), trazendo consigo revelações, prognósticos, conselhos e diversão.

Foi na Alemanha em 1455 – após a invenção da prensa por Gutenberg - que se teve conhecimento do primeiro almanaque, antes manuscrito e publicado esporadicamente, em 1471 surge com publicações anuais. A invenção da prensa no século XV possibilitou a expansão dos escritos pelas várias regiões, viabilizando a circulação entre os diferentes grupos sociais. Por meio dos vendedores ambulantes, charlatões, os pequenos livros ainda impressos em péssima qualidade e com uma encadernação fácil de se dissolver, eram vendidos por um preço baixo, e por isso muitas pessoas podiam comprar. Eram folhetos acessíveis as pessoas mais carentes.

Segundo Chartier (2004, p. 123) “[...] a fabricação dos almanaques foi uma das bases mais sólidas da prosperidade da livraria troyense<sup>5</sup>, ao mesmo tempo que difundia através do reino o livro mais divulgado”. Ou seja, por ter um público amplo e ser vendido por um preço barato, os almanaques vão ganhando espaço para circular e levar seus escritos até mesmo às pessoas que não eram alfabetizadas, além de gerar grandes lucros aos donos de livrarias pelo aumento das impressões devido ao grande consumo desses folhetos.

De acordo com Park (1999, p. 59), os temas contidos nos almanaques dos séculos XVII e XVIII estavam reunidos em:

Tempo, previsão, eclipses, fases da Lua, calendários; festas religiosas; signos astrológicos; anedotas; fábulas; contos; conselhos para viver bem; fatos estranhos e admiráveis da natureza, tais como inundações e tremores da Terra; saúde, informações sobre pragas, pestes e a fome; conselhos culinários;

---

<sup>5</sup> Livraria francesa responsável pela impressão de livros e folhetos nos séculos XV, XVI e XVII.

divertimentos; religião, vida-morte, corpo-alma, orações; provérbios; História, monumentos, igrejas, hospitais e construções antigas; pequenos trechos curtos recontados.

Com a ampla circulação a partir do século XVI, o almanaque foi ganhando uma nova roupagem e, de acordo com Trizotti (2008, p. 307), esse livreto surgiu “[...] com um padrão in-quarto, com oito páginas de um papel não muito bom e com gravuras grosseiras, com mais páginas e novo conteúdo, além de passarem a serem veículos de propaganda e instrução.” Em outras palavras, conforme sua difusão, a produção do almanaque foi readaptando-se às invenções e ao seu público. Essas mudanças possibilitaram ainda mais a sua expansão, assim o almanaque passou a atravessar os mares, chegando até o Brasil.

A circulação de periódicos no Brasil deu-se com a vinda da família real portuguesa em 1808, quando foi instalada a imprensa, pois antes disso todo material era enviado à Europa para ser impresso. No entanto, a imprensa no Brasil nessa época servia ao Estado, ou seja, era subordinada ao imperador, conseqüentemente, o conteúdo que era enviado para ser impresso deveria ser algo relacionado à corte portuguesa, com publicações a respeito das atividades governamentais. Esse contexto somente mudou em 1821 com a publicação da imprensa de independência e produção de jornais e almanaques com diversas informações (TRIZOTTI, 2008).

Os primeiros almanaques produzidos no Brasil foram de cunho administrativo das grandes e principais cidades: Bahia, Pernambuco e São Paulo; levando informações sobre horários da chegada de trens, preços de produtos, tarifas de transporte, entre outras. Isso interessava aos viajantes, que podiam obter conhecimento das particularidades da cidade, e a própria população, pois através dos almanaques tinham acesso aos valores de produtos do comércio. O almanaque já era utilizado como guia de informação do cotidiano urbano.

Além desses almanaques para as cidades, também eram produzidos os almanaques literários, nos quais os denominados homens de letras, responsáveis por parte dos escritos literários brasileiros dessa época (Eleyso Carvalho, José Maria Lisboa, Érico Veríssimo, Curvelo de Mendonça, Pedro de Couto, etc.) começaram a escrever sobre a(s) cultura(s) brasileira(s). Destacando o caipira, biografias, contos, novelas, poesias. Nesse sentido, o almanaque começava a adentrar nas particularidades brasileiras, as experiências vão fluindo com a circulação deste folheto.

A sociedade brasileira estava em processo de desenvolvimento. Assim como os rios seguiam seu curso desenhando o território nacional, os folhetos de almanaque levavam as informações sobre o Brasil, as culturas que se construía, os poemas que descreviam as

riquezas do país, as invenções científicas que surgiam, como também as calamidades que aconteciam. E, pouco a pouco, os almanaques foram tornando-se guias de como bem viver, exemplo disso são os almanaques de farmácia.

Marlyse Mayer (2001, p. 127-128) nos descreve muito bem as características do almanaque de farmácia:

Com uma forma intencionalmente popular (máximo de 35 páginas, formato 18,3 x 13,4 cm), o almanaque de farmácia podia ser levado de um lado para o outro com a maior facilidade – brinde das lojas, presente de Natal ou Ano Novo. E assim se espalhava pelo interior do Brasil, interessando sobretudo ao homem do campo e sua família, carentes de informação, que, no início de cada ano o procurava nas farmácias, para se informar e distrair, como se fosse um livro, objeto de difícil acesso para a maioria.

Percebemos, portanto, uma mudança entre os almanaques das cidades e os literários, pois os almanaques de farmácia vão começar a circular entre outros grupos sociais, como o meio rural, com conteúdo voltados para agricultura e também dicas de como viver melhor, conselhos sobre o cotidiano, a saúde e os cuidados com o corpo. O almanaque de farmácia distribuído pela indústria farmacêutica pode ser caracterizado, principalmente, como um manual de construção do homem do campo, caipira, em homem civilizado e moderno.

Enquanto isso, o processo de produção do almanaque popular, dava-se por meio de algumas etapas, nas quais cada tarefa possuía o seu profissional com atividades separadas. O caminho do livro/folheto até o leitor era conduzido pelo autor, tipógrafo<sup>6</sup>, distribuidor e livreiro/feirante. Assim, não era um trabalho rápido, pois no período que analisamos (1960-1990) a locomoção e a comunicação ainda eram carentes, como diria Luiz Gonzaga em uma de suas canções “automóvel lá nem se sabe se é homem ou mulher” (ESTRADA, 1950).

Nesse sentido, em suas pesquisas sobre a história do livro, Roger Chartier afirmou que os impressos não devem ser analisados somente pelo lado simbólico, por aquilo que significam para os leitores, mas também pelo lado econômico, pois os almanaques populares e/ou de feira diferente dos de farmácia, pois eram vendidos. Além de uma difusão de conhecimentos e reconhecimento pelos escritos também era necessário obter o lucro, por isso é interessante percebermos o folheto também como uma mercadoria, no qual, em muitos casos, significava a sobrevivência dos seus autores.

O livro, assim como as plantas e o ser humano, possui o seu ciclo de vida, explicado por Darnton (2009) como “circuito da comunicação”. Para o autor esse circuito: “[...] vai do autor

---

<sup>6</sup> Aquele que trabalha em serviços de tipografia (composição, paginação, impressão) (DICIO, 2020).

ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição.” (DARNTON, 2009, p. 117).

Desse modo o ciclo de vida/“circuito” do folheto de almanaque *O Nordeste Brasileiro* iniciava em seu autor, Manoel Luiz dos Santos em São José do Egito - PE, mas para tornar-se um folheto o conteúdo do almanaque era encaminhado para a impressão, a qual possivelmente era realizada na cidade de Caruaru – PE<sup>7</sup>. Após a impressão, o autor fazia a distribuição para seus agentes, localizados em várias cidades do Nordeste e de outras regiões. Para que *O Nordeste Brasileiro* chegasse até os leitores em Ibiara-PB, ainda era necessário repassar os folhetos para os vendedores, os quais realizavam a venda nas feiras livres. Os agentes também podem ser considerados como os vendedores.

A feira, como lugar dos negócios e das vendas, era o palco de encontro do leitor, vendedor e o almanaque. O vendedor usava da cantiga de alguns poemas para atrair o leitor/comprador, que guardava o almanaque em seu “borná/bornal/bornó”<sup>8</sup> para fazer a leitura no silêncio de sua casa. Dona Terezinha falou sobre o modo de leitura do seu esposo:

Não, lia nada, almanaque de Isaac era só pra ele, ele fazia as coisa dele pelo almanaque, mais ele num dizia a ninguém... ele num decifrava pra ninguém não (risos). [...] Oxe, ele sabia (ler), não precisava de ninguém orientar ele, ele mermo lia e entendia tudo, né. (SOUSA, 2020).

Michel De Certeau (1998, p. 271) discutiu sobre o tipo de leitura considerada “moderna”, sobre essa leitura ele afirmou: “Ela não é mais acompanhada, como antigamente, pelo ruído de uma articulação vocal nem pelo movimento de uma mastigação muscular [...]”, ou seja, uma leitura silenciosa, privada, feita para si, sem gestos. No entanto, o modo de ler do agricultor Isaac não era necessariamente uma leitura antiga e nem moderna, pois embora realizasse sozinho, sem compartilhá-la, não quer dizer que era feita silenciosamente, mas interiorizando o texto e como afirma Certeau (1998, p. 271): “[...] fazia da própria voz o corpo do outro, era seu ator.”

A leitura no espaço da intimidade, longe da comunidade, da “muvuca”<sup>9</sup>, permite ao leitor uma reflexão reservada (Chartier, 2004), para a “decifração” do que diziam os presságios

<sup>7</sup> A cidade de Caruaru fica próxima a do autor Manoel Luiz, além da proximidade, era/é também um dos grandes centros comerciais do Nordeste e seria onde possivelmente Manoel Luiz realizava a impressão do folheto e aproveitava para distribuí-lo e vendê-lo.

<sup>8</sup> Mesmo que saco, feito de pano com uma alça para levar no ombro. substantivo usado no norte e nordeste, tal como bornal, usando em caças (DICIONÁRIO, 2020).

<sup>9</sup> Excesso de pessoas em desordem; em que há confusão, bagunça, tumulto (DICIO, 2020).

de Manoel Luiz. Ler na intimidade, no silêncio particular era necessário para poder compreender os prognósticos, para “interiorizar” o que se lia, era preciso ler para si próprio, em voz um pouco alta e refletir sobre o que se ouvia.

## 1.2 O Que é o Almanaque de Feira? Estrutura/Formato e Conteúdo

Por ser produzido e comercializado, o almanaque de feira e/ou popular diferencia-se do almanaque de farmácia. Mas o que o almanaque de feira levava ao povo? Por que esse almanaque foi tão vendido no Sertão nordestino? O que encantava as pessoas que o compravam? Quem escrevia tantos prognósticos e conselhos ao agricultor e suas plantações? Quem lia os almanaques?

O tempo, a lua, o mês, horóscopo, signos, calendário agrícola, plantas medicinais, versos, curiosidades, dias favoráveis para plantações, viagens e mudanças, propagandas de talismãs... assim é composto e organizado o almanaque de feira ou almanaque popular. Presságios e prognósticos o tornam útil e prazeroso, “[...] ele não é um manual, ele não é assimilável de forma muito diferente do que é um romance, ele diverte sem prender à pura fabulação, ele ensina sem ser dogmático, ele não é, de modo algum, artigo de fé, ele obedece a uma grande lei que é sem dúvida aquela de toda leitura popular.” (PARK, 1999, p. 46).

Os almanaques de feira, de uma forma geral, possuem as seguintes características:

Destinam-se aos sujeitos que vivem na zona rural e nas pequenas cidades do interior; sua utilidade enquanto oráculo agrícola é orientar os agricultores a respeito das épocas propícias ao plantio e à colheita, como também sobre ocorrências de secas e inundações. Trazem informações sobre plantas medicinais e seus efeitos terapêuticos; apresentam indicações de chás, banhos e outras recomendações para o combate a doenças. Também são indispensáveis: o calendário anual, as datas comemorativas, as fases da lua, os eclipses, os santos de cada dia, as orações e anedotas, bem como propagandas de remédios, talismãs, anéis e toda sorte de amuletos. (MELO, 2011, p. 7).

Nesse sentido, enquanto um folheto rico em informações, o almanaque de feira *O Nordeste Brasileiro*, levava, principalmente, aos agricultores esperanças de chuvas no corrente ano para a colheita dos alimentos, o que significava o sustento da família. Esse livrinho guiou o modo de viver, plantar, colher e o dia-a-dia do homem do campo nordestino, como também o alertou sobre doenças e o ensinou as maneiras de curar-se.

O almanaque *O Nordeste Brasileiro* iniciou sua publicação e circulação no ano de 1948, produzido pelo poeta popular, ou como autodenominava-se “profeta do sertão”, Manoel Luiz dos Santos, natural da cidade de São José do Egito – PE. O seu almanaque circulou juntamente com *O Juízo do Ano*, do poeta Manoel Caboclo no Juazeiro do Norte – CE e muitos outros da região. Os dois referidos almanaques tinham semelhanças em seu formato e conteúdo, sendo os dois poetas revendedores um do outro. Podemos considerar que foram os dois almanaques com maior circulação e anos de publicação no Nordeste<sup>10</sup>.

Em sua forma estética, o almanaque possui as aparências da literatura de cordel, pois como identificou Melo (2011, p. 7-8) “[...] muitos são escritos por poetas de cordel, compartilham dos mesmos processos de editoração, circulam nos mesmos locais (mercados populares, feiras) e almejam o mesmo leitor.” Convém observar ainda no conteúdo do almanaque que “[...] a maioria dos produtos e serviços anunciados é confeccionada pelos próprios editores/autores: a comercialização dos horóscopos personalizados, talismãs e anéis, compõem outra expressiva fonte de renda associada aos almanaques.” (MELO, 2011, p. 8).

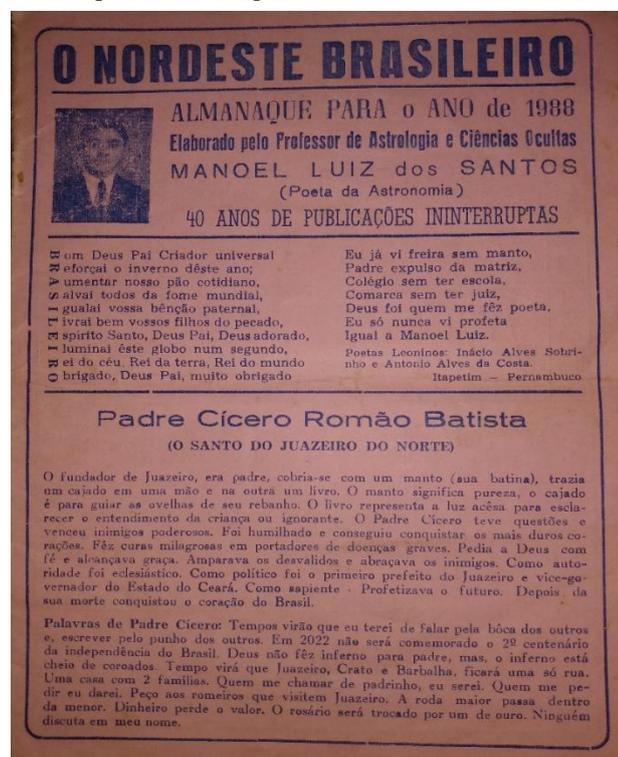
Sobre a esteticidade, o almanaque o *Nordeste Brasileiro* até o ano de 1980 estava no formato 11x13; já os que foram produzidos a partir de 1988 estavam no formato 15x21 em um papel mais forte e colorido. Isso pode ter ocorrido devido a uma mudança na perspectiva editorial. De acordo com Rodrigues Filho (2017, p. 24), “Os sujeitos envolvidos no sistema editorial, como os ilustradores, não se prendem a ‘modelos’ únicos, eles reinventam outras imagens, outras narrativas para atender aos seus interesses em relação a produção do livro.” Isso nos ajuda a compreender essa mudança estética do folheto de almanaque, e que aconteceu também com os cordéis.

---

<sup>10</sup> Dentre os almanaques de feira que circularam no Brasil, se tem registro que *O Vaticínio e Prognóstico do Ano* tenha sido o primeiro almanaque de feira a circular a partir do ano de 1929. Depois disso outros almanaques de feira também começam a serem produzidos, entre eles: *Almanaque Calendário Brasileiro*, *Almanaque de Pernambuco*, *Almanaque do Nordeste*, *Almanaque Aéreo da Paraíba*, *Almanaque Estrela*, *Almanaque O Vencedo*, *Almanaque O Nordeste Brasileiro*, *Almanaque Apolo Norte e Profecia de Nostradamus*, *Almanaque do Ano*, *Almanaque Leão do Norte*, *Almanaque São José*, *Almanaque O Juízo do Ano*, *Almanaque Paranor*. De acordo com a pesquisadora Rosilene Alves de Melo, há poucos acervos de almanaques de feira no Brasil e estes acima citados encontram-se catalogados no acervo da Biblioteca Átila Almeida (UEPB), em Campina Grande. Estes almanaques circularam entre as décadas de 1930 e 1990, sendo *O Juízo do Ano* (1960-1990) e *O Nordeste Brasileiro* (1949-1990), os dois almanaques com mais publicações anuais que se tem registro.

Figura 1: Capa do almanaque *O Nordeste Brasileiro* do ano de 1979.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2: Capa do Almanaque *O Nordeste Brasileiro* do ano de 1988.

Fonte: Arquivo pessoal.

É interessante percebermos a diferença estética: folheto maior, papel mais forte, com cores e letras maiores. Não temos registro de onde foram editados esses almanaques, pois no modelo menor não consta nenhum nome de gráfica ou tipografia onde possa ter sido editado. No entanto no de tamanho maior, mais especificamente o almanaque do ano de 1988, é registrado o nome da gráfica, denominada Santo Antônio, com telefone com código da Paraíba, possivelmente localizada na cidade de Patos – PB<sup>11</sup>.

Outra característica do almanaque *O Nordeste Brasileiro* que podemos perceber através da figura acima é a presença do retrato/imagem de Manoel Luiz na capa principal de seu almanaque. Como nada é por acaso, a existência da foto do autor em sua obra começou a aparecer quando os cordéis do poeta Leandro Gomes de Barros começaram a serem reproduzidos sem autorização. Isso levou o cordelista a inserir sua imagem em seus cordéis seguida de anúncios, deixando claro aos seus leitores que aquela obra era, de fato, sua. Portanto, possivelmente, o aparecimento da foto e uma pequena descrição do autor esteja relacionado a essa preocupação de violação dos direitos autorais (MELO, 2003).

Além disso, de acordo com Melo (2003) era comum nas capas de almanaques aparecer títulos de “astrólogos”, “amador das ciências ocultas”, “poeta da astronomia”, “profeta do sertão”, pois os próprios autores elaboravam as previsões para o corrente ano, principalmente, as profecias sobre o mês adequado para plantar e vender e os momentos em que as chuvas molhariam a terra. Essas previsões davam-se por meio da observação das posições do sol, da lua e dos planetas em relação à terra. Essas eram as informações que mais atraíam o agricultor.

Para o ano de 1988, escreveu Manoel Luiz sobre “fazer plantações”:

Antes da Lua Cheia: tudo quanto dá frutos acima da terra, em janeiro de 18 a 25. Fevereiro: 16 a 23. Março: 18 a 24. Abril: 16 a 23. Maio: 15 a 23. Junho: 14 a 21. Julho: 14 a 21. Agosto: 12 a 20. Setembro: 10 a 18. Outubro: 10 a 18. Novembro: 9 a 17. Dezembro: 8 a 16. Estrume a terra e trabalhe com fé em Deus. Depois da Lua Cheia: tudo quanto dá frutos debaixo da terra. Janeiro: 2 a 10. Fevereiro: 1 a 9. Março: 3 a 11. Abril: 1 a 9. Maio: 1 a 9. Junho: 13 a 21. Julho: 6 a 13. Agosto: 4 a 12. Setembro: 3 a 10. Outubro: 2 a 10. Novembro: 1 a 9. Dezembro: 1 a 8. Corte a terra, estrume a terra, dê vida a sua terra. (SANTOS, 1988, p. 3).

Embora o almanaque *O Nordeste Brasileiro* apresente informações sobre previsões de secas e inundações, o calendário e suas datas festivas/religiosas, conselhos, versos, horóscopo

---

<sup>11</sup> No entanto, ainda não possuímos a informação sobre a edição gráfica dos almanaques com outro formato, pois no folheto não há indicação de onde possa ter sido produzido. Mas, há a possibilidade de que tenham sido produzidos na cidade de Caruaru – PE, próxima a São José do Egito.

e o mercado de preços, estas estão distribuídas de forma diferente no almanaque, como já comentado acima, não há um “modelo” fixo. Como exemplo: o almanaque para o ano de 1988 apresenta em sua contra capa o calendário, fases da lua, festas durante o ano e elementos do cômputo eclesiástico<sup>12</sup>, o almanaque para o ano de 1995 expõe festas religiosas móveis, feriados nacionais, festas religiosas, um poema e um tipo de oração contra o mal.

Além disso, em alguns anos era apresentada alguma informação relacionada a situação do Brasil. Manoel Luiz escreve um trecho para o ano de 1990 intitulado “Brasil político”:

Haverá desunião entre civis e militares. Os militares voltarão ao poder; denota morte assassinato ou cassação de mandato dentro de pouco tempo. O Brasil é do signo de Virgem e neste ano passará pelo purgatório do Zodíaco. O Brasil está sendo perseguido pelo o olho mau da América do Norte. Em 2022, não será comemorado o 2º centenário da nossa independência. Antes disso, haverá sangue derramado. Mas o Duque de Caxias, lá do signo de Virgem, ressuscitará para defender todos os brasileiros da guerra sangüinolenta. (SANTOS, 1990, p.3).

Como a circulação do almanaque *O Nordeste Brasileiro* deu-se em um período da história do Brasil marcada pelo autoritarismo dos militares, processo de redemocratização, discursos de modernidade e civilidade, era comum os almanaques divulgarem essas notícias. Além de informações relacionadas ao governo, o almanaque também levava ao leitor dicas de saúde com plantas medicinais, pois a medicina científica/moderna ainda não havia se instalado no interior do Sertão, portanto, o almanaque também foi um veículo de informação de como curar-se e/ou evitar doenças.

Ainda como forma de encantar seu leitor, na folha final de seu almanaque, Manoel Luiz inseria propagandas para a venda de seus talismãs, como também o endereço para o encontrar e realizar consultas:

---

<sup>12</sup> Cálculo para determinar o dia em que deve cair a Páscoa e as festas móveis que dela dependem (WIKCIONÁRIO, 2020).

Figura 3: Almanaque *O Nordeste Brasileiro*, ano de 1980.

**Escolha aqui seus Talismãs desejados**

Talismã para curar o câncer	Cr\$ 6.000,00
Talismã para curar a epilepsia	\$ 4.500,00
Talismã para curar a eczema	\$ 5.100,00
Talismã para curar reumatismo	\$ 3.600,00
Talismã para recuperar a vista perdida	\$ 9.600,00
Talismã para curar a surdez	\$ 2.700,00
Talismã para curar a embriaguez	\$ 5.400,00
Talismã para retirar mau encosto	\$ 9.000,00
Talismã do Amor faça qualquer coração	\$ 6.000,00
Talismã dos negócios faz ganhar dinheiro	\$ 9.600,00
Talismã Sexual faz a potência do homem	\$ 6.000,00
Talismã para alcançar longa vida	\$ 9.600,00
Talismã para a mulher não ter filho	\$ 6.000,00
Talismã da Liberdade livra o réu da cadeia	\$ 5.100,00
Talismã do motorista evita os desastres	\$ 3.000,00
Talismã para o político ser eleito	\$ 18.000,00
Talismã do Criador desenvolve os rebanhos	\$ 4.200,00
Talismã da Riqueza enriquece o dono	\$ 3.000,00
Pedra Mágica descobre os tesouros	\$ 9.600,00
Talismã do Jogador faz ganhar em todos os jogos	\$ 9.000,00
Anel Zodiaco traz boa sorte	\$ 6.000,00
Talismã para afastar maus vizinhos	\$ 18.000,00
Signo de Salomão vence inimigos	\$ 8.100,00
Talismã da Saúde cura qualquer doença	\$ 9.600,00
Talismã do Agricultor faz aumentar os produtos	\$ 9.000,00
Talismã do estudante faz passar nos exames	\$ 7.200,00
Talismã da Memória faz aumentar as lembranças	\$ 2.400,00
Talismã para ninguém ter medo	\$ 1.500,00
Talismã para se defender de faca e bala	\$ 3.300,00
Talismã para amargar bicho brabo	Cr\$ 1.800,00

Só eu mesmo posso e tenho com que resolver todos os problemas da sua vida. Não responderei carta sem dinheiro. Faça seu pedido pelo correio ou venha pessoalmente. Vivo em casa todos os dias. Meu endereço: Avenida Poeta Rogaciano Leite, 6  
CASA DOS HORÓSCOPOS - 56.700 - SÃO JOSÉ DO EGITO - PE.  
MANOEL LUIZ DOS SANTOS

Fonte: Arquivo pessoal.

Quem se interessava pelas consultas era com o objetivo de saber o melhor dia para fazer uma mudança, viajar, ou comprar o talismã para resolver o seu problema, fosse para curar uma doença ou para adquirir sorte. Levasse o dinheiro e seu Manoel resolvia qualquer problema. Importante percebermos que cada talismã já possui o seu valor, nesse sentido, o almanaque além de um produto cultural é uma forma de comércio, com um caráter econômico, a venda do almanaque, dos talismãs e a realização de consultas possibilitava a renda do seu autor, ajudando na produção dos livretos.

### 1.3. *O Nordeste Brasileiro*: Sua Circulação e Receptividade em Ibiara – PB

Pesquisar, escrever, falar de Nordeste, Sertão, interior do Sertão, não é tão simples quanto irmos a um bar e pedirmos uma cerveja, mas conhecer, adentrar, ouvir histórias do Sertão nordestino, do homem e da mulher do campo, da vivência sertaneja, torna-se tão apetitoso e agradável quanto beber uma cerveja gelada depois de um dia cansativo. Assim como as cervejas, o Nordeste possui marcas (estados) e em cada marca há um ingrediente que torna

única e ainda mais saborosa, embora possa ser um pouco amarga, mas cada uma possui a sua marca, cada estado do Nordeste tem o seu gosto.

O Nordeste é palco dos cordelistas, repentistas, poetas e também dos autores de almanaques. Cordéis, cantorias e almanaques foram durante anos momentos de entretenimento, diversão e conhecimento. E embora essas práticas tenham sido, aos poucos, desprezadas, esses símbolos fazem parte das histórias do Nordeste e, principalmente, dos sertões.

Em meio a tantos gostos e sabores está a cidade de Ibiara – PB, localizada no Vale do Piancó, interior do Sertão paraibano, com 145 anos de fundação e 60 de emancipação política, distante 469 km da capital do estado. Essa pequena cidade também possui suas marcas, uma cultura intrigante, com rastros ainda de um Brasil colônia – o que percebemos no linguajar, nas crenças, nas formas de relacionar-se com o mundo, nos rituais e nas práticas cotidianas.

A crença no homem sábio do Sertão, na cura pela reza, nos significados dados aos sinais da natureza, nas superstições do cotidiano, na fé em Deus, são saberes e ensinamentos que ainda circulam e orientam a vida naquela comunidade. Dentre esses ensinamentos, os escritos do almanaque *O Nordeste Brasileiro*, conduziram e influenciaram durante décadas o modo de viver dos agricultores de Ibiara, sendo ela, portanto, um palco de disseminação das profecias de Manoel Luiz.

O surgimento das feiras livres na Idade Média, inicialmente como um espaço de trocas de mercadorias, foi expandindo-se devido aos grandes lucros com produtos do Mediterrâneo, como perfumes, joias, sedas, cascas de pau, frutos, sementes, óleos, entre outras especiarias. Nesse sentido, aumentou a concorrência entre os mercadores e estes viajavam em busca de novos produtos, estimulando o comércio, ou seja, a compra e a venda das mercadorias. Assim escreveu Barbosa (2013, p. 34) sobre as feiras: “Esses espaços de comércio tornaram-se tão importantes que, durante os dias de sua realização, interrompiam-se guerras, garantido a paz necessária para que os vendedores pudessem trabalhar, além de se converterem em espaços de celebrações e festas.”

Dessa forma, além de um local de comércio, as feiras livres foram se tornando lugares de diversão, encontros, músicas e paqueras, e não poderia ser diferente no Nordeste, na terra da sanfona e do forró. As feiras bem recheadas de muita comida foram também sendo palco de uma circulação de costumes e símbolos.

A circulação do almanaque de Manoel Luiz estava baseada, principalmente, em agentes distribuídos na região Nordeste e também nos estados de Goiás e São Paulo, sendo um deles Francisco de Assis Gomes, conhecido como Chico do rádio: “Eu ia buscar lá, eu era o agente dele, vendia em São João [...] fazia lá na gráfica de Patos, Santo Antônio. [...] tinha os agentes,

eu era um, seu Zé Cazuza era outro, aí vendia em Juazeiro.” (GOMES, 2020). Sobre esse processo de difusão do material impresso, Chartier (2004, p. 123) falou da figura do vendedor ambulante: “O vendedor ambulante de livros é, portanto, uma figura urbana, que propõe ao mesmo tempo publicações avulsas e peças oficiais, almanaques e livretos azuis, panfletos e gazetas.”

Na folha final do almanaque, Manoel Luiz descrevia o nome de todos os seus agentes distribuídos em várias cidades nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas, além do nome seguido da cidade, também identificava aqueles que desempenham alguma outra atividade, por exemplo: Josias Martins (fiscal), João Severo de Lima (cantador) em Patos, José Nunes da Silva (agente grossista), João Severo de Lima (cantador), João Antônio da Silva (agricultor e criador), Francisco Feitosa (Joalheiro), entre outros. Sobretudo, sempre se identificando como autor do almanaque e designando sua residência como “Casa dos Horóscopos”, lugar onde poderiam encontrá-lo e adquirir também o almanaque.

A grande circulação do *O Nordeste Brasileiro* dá-se também pelo fato de ter um grande público, público esse de pessoas que valorizavam e acreditavam no que Manoel Luiz informava através do almanaque, em como as suas palavras serviam para o benefício dos agricultores. Os presságios do “profeta do sertão” afetavam o cotidiano do sertanejo e o modo como lidava e conduzia os seus negócios e a sua vida.

O modo de distribuir agentes em várias cidades facilitava a circulação do livreto, fazendo-o chegar a muitos lugares, conquistando e encantando muitos leitores. Ainda é importante destacar que a identificação desses agentes do almanaque *O Nordeste Brasileiro* só é encontrada nos almanaques dos anos de 1967, 1970, 1977 e 1979, pois a partir do ano de 1988, o formato foi modificado e algumas informações foram excluídas<sup>13</sup>. Além disso, a cada ano podemos perceber uma mudança na edição, na forma como estão distribuídas as informações.

Aos domingos em Ibiara era o dia da feira, o dia do agricultor vestir a sua melhor roupa e “ir pra rua” depois de fazer as obrigações no sítio. Como não havia telefone e as notícias não chegavam rapidamente, o dia da feira era também o dia de saber das novidades e, no período de dezembro a janeiro, era também o dia esperado para comprar o almanaque de Manoel Luiz. O senhor Domingos nos diz: “Eles ficava na feira cantando aquelas página do, do, do almanaque. Era... pro povo ouvir e terem mais vontade de comprar.” (LIMA, 2020).

---

<sup>13</sup> No entanto, isso não quer dizer que os agentes deixaram de existir, possivelmente só não estavam mais sendo apresentados no próprio folheto, devido a mudança no modelo editorial.

Percebemos que havia a preocupação do feirante em chamar a atenção das pessoas, cantar os poemas e os prognósticos de Manoel Luiz para ativar a curiosidade e o desejo dos agricultores. Pelo preço de “cinco conto”<sup>14</sup> adquiria-se o almanaque de Manoel Luiz e com seus conselhos para as plantações, sabia-se o planeta regente do ano e como seria o mercado do milho, feijão, algodão, entre outros produtos. É interessante destacar também que esse “cantar na feira” poderia ser uma estratégia para atrair, principalmente, os “leitores” que não sabiam ler.

A ansiedade era grande para saber se as chuvas viriam, se o ano ia ser bom pro sertanejo, pois, como explica Dona Terezinha:

Se fosse um ano desfavorável pra inverno, os agricultor já tava tudo ciente que não ia ter uma boa safra, né. (...) se fosse favorável, aí todo mundo se animava já, sabia que ia ter uma boa safra, de mii, feijão, algodão, é... o que plantasse. Arroz, quem plantava arroz, tudo que cê plantasse, quando era um ano favorável, era favorável pra tudo. Quando era um ano variado, mas quando o ano era variado, nas previsão dele, ele já marcava. Marcava aqueles mês e o que... os mês que devia chover mais, que as veis chuvia menos, né, aí já dirmantelava. (SOUSA, 2020).

Mas é importante ressaltar que, embora muitos não soubessem ler, isso não era motivo para não comprar o almanaque. Dona Terezinha nos diz: “Lembro do tempo de pai, tempo do meu avô, pai lá na serra, todo ano tinha que comprar, ele num sabia ler não, mar era pra comprar o almanaque pra pai ler pra ele ver, saber como é que ia ser o ano. (SOUSA, 2020).”

A relação entre as formas de comunicar-se e o processo da produção e circulação do escrito fazem parte das “imbricações” comentadas por Chartier (2004, p. 11), sendo uma “figura” fundamental dessa relação a fala ligada à escrita, ou seja: “[...] um texto só ser apreendido por alguns de seus ‘leitores’ graças a mediação de uma fala que o lê em voz alta.” Nesse sentido, há um outro modo de leitura, realizado por aqueles que não sabiam ler e precisavam de uma outra pessoa para saber o que se dizia no almanaque. Desse modo o conhecimento do texto escrito não está restrito a uma “leitura individual, silenciosa”, mas também oralizada e compartilhada.

Sendo uma produção social e cultural, o livro é produzido com uma intenção, mas a leitura que se faz não é neutra, para Chartier (1999, p. 77) a leitura “[...] é sempre apropriação, invenção e produção de significados [...]”, ou seja, o leitor possui a liberdade de leitura, de crítica, imposição. Assim como as previsões do almanaque podiam encantar os agricultores,

---

<sup>14</sup> Essa moeda foi usada no Brasil até o ano de 1942. Até os dias atuais alguns brasileiros costumam usar o termo “contos” para referir-se ao dinheiro (CONCEITO, 2011).

também havia aqueles que não seguiam os prognósticos de Manoel Luiz, e talvez isso se explique pelo fato de que muitos agricultores e agricultoras, embora comprassem, lessem, ou soubessem dos almanaques, tinham e faziam suas próprias experiências

#### 1.4 Futuro do Folheto: Os Efeitos da Modernização

Nascer e crescer no Sertão paraibano, interior do Nordeste, é criar uma relação com a natureza e, sobretudo, com sinais. Sinais que estão por toda a parte, em plantas e animais. É ouvir do homem sábio que quando as galinhas se coçam ou estendem as penas, a chuva virá, é também ver os ramos da mulher rezadeira curar o mal. É esperar a notícia ruim se o galo cantar fora de hora. Colocar uma linha vermelha na testa de uma criança quando estiver soluçando e não dizer o nome dela em frente ao espelho porque ela demoraria a falar. Não pode comer ovo ou macaxeira quando estiver menstruada e jamais varrer casa ou assoviar de noite, porque chama cobra. E nunca duvidar das “pessoas sabidas”<sup>15</sup>. E um detalhe: tudo isso transmitido oralmente, não era escrito e armazenado em um *pendrive* para que se pudesse ler a hora que quisesse.

São tantos ritos, símbolos, experiências e medos, que para muitas pessoas podem soar como aresia<sup>16</sup>, “coisa de matuto”, mas foram essas práticas, gestos, signos que fizeram e ainda fazem parte do cotidiano sertanejo. Portanto, os dizeres do almanaque, as profecias de um homem sábio, os conselhos para resolver os problemas fizeram parte da vida do homem e da mulher do campo, guiaram a lida do agricultor com as suas plantações e os negócios. Além de mostrar previsões, o almanaque foi objeto de conhecimento do sertanejo.

Apesar desse folheto ter circulado em décadas consideradas como a chegada e instauração de uma modernidade e progresso (1960-1990), caracterizados pelo novo, pela ciência e rompimento com costumes “atrasados” (AGRA, 2007), o almanaque *O Nordeste Brasileiro* não sobreviveu a chegada do século XXI, que trouxe consigo o acesso à internet, facilitando a comunicação, os estudos, as notícias e tornando tudo mais rápido. O uso do rádio e da televisão também se expandiu.

O “escrever uma carta” foi sendo substituído pelo “escrever um *e-mail*”, o telefonema também foi ocupando o lugar da carta, da escrita, as relações vão se construindo de modo

---

<sup>15</sup> Geralmente são homens ou mulheres mais velhas que através de suas vivências e experiências se tornaram detentoras de conhecimento. Conhecimento que cura, aconselha, prever, e tem o respeito de todos por isso.

<sup>16</sup> Conversa sem fundamento.

diferente, não é mais necessário mandar revelar fotos, esperar quase um mês para poder enviar pelos Correios, pois a internet permite ver alguém que mora distante de modo mais próximo e mais rápido.

Os modos de produção e comunicação vão sendo alterados pela tecnologia e conseqüentemente, transformando a sociedade socialmente, economicamente e culturalmente. Podemos perceber isso na fala de Dona Terezinha, que assistiu de perto essas mudanças com o almanaque:

Eu lembro de pai comprava, é ti Neco comprava, Isaac que já era dos mais novo comprava. Eu sei que (som ao fundo) começou a comprar almanaque de Mané Luiz quando... num... começou... ele deixou de vender assim, porque acho que quando começou esse negócio de coisa, previsão nas televisão, acho que ele deixou de fazer os almanaque dele pra vender que o povo tava avançando o sinal nera (som ao fundo) e ele... só que o que ele escrevia antes num tinha nada a ver com o que tem em televisão [...]. (SOUSA, 2020).

Essas transformações afetaram os agricultores de Ibiara, pois a produção e circulação desses livretos foram se tornando cada vez mais escassas. Não tinha mais como se saber os conselhos de Manoel Luiz, suas previsões, a influência da lua, o planeta que iria reger o ano, nem muito menos saber os signos. As previsões de chuva passaram a ser televisionadas, analisadas e apresentadas pelos profissionais da Meteorologia<sup>17</sup>, sobretudo porque as pesquisas científicas dão uma guinada.

Para Dona Terezinha as previsões transmitidas pela televisão não têm mais sentido para ela:

Hoje eu fico, eu nem gosto de escutar aqueles negoço de previsão, que as coisa de Deus se fosse pra saber, todo mundo podia saber, num era pra uns e ôtos não, aí eles vão pra televisão: amanhã vai chover aqui, aculá, aculá, aculá num chove, aculá vai ser quente, homi, onde é que ninguém pode mexer com as coisa de Deus, pode mexer com as coisa do homem, mais de Deus não, que Ele pode mudar tudim duma hora pra ôta e ninguém manda nas coisa dele. Esse negoço de previsão de televisão, que depois que apareceu esse negoço de televisão, ninguém acredita mais em Deus, ninguém acredita mais, na, na, ó as experiência nem vo... nem vale mais que o povo num dá mais valor. (SOUSA, 2020).

---

<sup>17</sup> A meteorologia é uma ciência exata que se utiliza de conhecimentos da física, estatística, computação e diversas outras matérias para compreender os fenômenos atmosféricos e suas relações com o homem e com o meio ambiente (FARIA, 2020).

As mudanças do mundo contemporâneo ocasionaram a grande diminuição e quase desaparecimento da produção e circulação dos almanaques, livreto que durante muito tempo foi o meio de conhecimento sobre o mundo, o tempo e o destino para diversos sertanejos. Portanto, para Dona Terezinha, não ter mais acesso a esse tipo de conhecimento advindo das experiências feitas pelos “homens sábios”, muitos “sem estudo”, causou um desengano, principalmente, nas pessoas, pois passaram a duvidar do poder divino.

Destacamos um quase desaparecimento, pois embora em um número pequeno, ainda há pessoas do Sertão que produzem almanaques, exemplo disso é o famoso “Chico do rádio” na cidade de Cajazeiras – PB. Radialista, jornalista e escritor, Chico do Rádio completa no ano de 2020, 30 anos de publicação do *Almanaque do Sertão*, usando também dos modernos meios de comunicação para falar das suas experiências sobre previsões das chuvas<sup>18</sup>.

Antes um dos agentes de almanaque e hoje através dos programas em rádios, o redator Chico do Rádio faz a divulgação de suas previsões de chuvas, além também de realizar a impressão do seu almanaque. Embora em pouca quantidade (com relação ao que se produzia há décadas atrás), o folheto é distribuído nas feiras do Juazeiro do Norte<sup>19</sup> e vendido para aqueles que ainda tem interesse em saber sobre os planetas regentes do ano, os conselhos relacionado a saúde e, principalmente, sobre suas experiências para as chuvas.

Sobre as transformações que afetam esses impressos, Chartier (1999) nos faz refletir sobre uma “revolução das revoluções”, fazendo menção a uma “revolução eletrônica”, na qual o livro adquire outro formato:

Existe propriamente um objeto que é a tela sobre o qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual defrontava o leitor do livro em rolo na Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. (CHARTIER, 1999, p. 12-13).

Assim como muda o modelo do livro, conseqüentemente mudam-se as maneiras de ler, os leitores, a produção, distribuição e as formas de contato com os livros. Com essa revolução, os papéis de autor, editor, tipógrafo, distribuidor e livreiro, foram reunidos em uma só tarefa; o autor pode também ser o editor, pois o mesmo pode dar finalidade ao seu texto, além de que o

<sup>18</sup> Canclíni (2008, p. 31) explica que: “Alguns atores sociais encontram, nesses processos, recursos para resistir a globalização ou modificá-la e repropor as condições de intercâmbio entre culturas.”

<sup>19</sup> Palco de grandes poetas, artistas e da grande produção e circulação de folhetos populares.

processo de difusão não precisa mais passar por tantas tarefas até chegar ao leitor, a divulgação é imediata.

No final dos anos 1990, o público do almanaque foi diminuindo e a nova geração passou a ter acesso à informação de forma rápida, o contato com outros tipos de leitura, a curiosidade de acessar um computador, um celular e inserir-se na modernidade e tecnologia que cresce. As previsões do “profeta” já não tiveram tanta importância para a maioria das pessoas, pois na televisão a informação é ao vivo e sobre todo o país, sem precisar esperar um ano para saber o período de chuva no Sertão. Aos poucos a sociedade vai deixando para trás uma determinada crença, mudando e apropriando outros conceitos.

## CAPÍTULO II

### ANO (DES)FAVORÁVEL: OS “HERÓIS” E OS SERTANEJOS NA ESTIAGEM DO SERTÃO (1960-1990)

As falas presentes no almanaque *O Nordeste Brasileiro* pareciam nortear o cotidiano do nordestino, suas ações e decisões pareciam ter uma relação direta com as “previsões” que o almanaque trazia. Numa região em que os períodos de estiagem são constantes, perceber a interferência desses almanaques é algo que nos desafia neste trabalho. O que as pessoas faziam quando as previsões de Manoel Luiz avisavam de um ano ruim de inverno? Como lidavam com a terra seca sem condições de produzir? Recebiam alguma ajuda do governo? Quais? Quem tinha acesso aos “benefícios”? Como os políticos utilizavam-se das políticas públicas diante da seca?

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011, p. 81) nos ajuda a pensar a relação da região Nordeste com a seca, segundo ele:

O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país.

A região Nordeste só começa a ser notada e surge historicamente, devido aos usos das grandes estiagens que assolam a região e, com isso, começam a ser construídas imagens sobre ela: lugar de pobreza, violência<sup>20</sup>, do atraso, ignorância, falta de higiene, habitado por pessoas vistas como não civilizadas, analfabetas e que só sabiam lidar com os animais e a terra. Como surge com a característica de um “espaço-problema”, que necessita de atenção, a seca “[...] torna-se um argumento político quase irrefutável para conseguir recursos, obras e outras benesses que seriam monopolizadas pelas elites dominantes locais.” (SILVA, 2003, p. 362).

Nesse sentido, os estereótipos<sup>21</sup> criados para a região Nordeste como o lugar do atraso, da fome e da pobreza influenciaram na própria história da região e dos nordestinos, pois ainda

---

<sup>20</sup> Caracterizada, em grande medida, pelo Cangaço.

<sup>21</sup> É interessante percebermos que esses estereótipos não são frutos somente de um olhar de fora, feitos por Jornalistas e Viajantes imersos em um discurso de nacionalismo que permeava pelo Brasil no início da década de 1920, no qual buscavam conhecer o país e relatar hábitos e costumes das regiões, mas também, e principalmente, são discursos que foram elaborados e reforçados pela elite regional (política e intelectual) que descreviam o Nordeste como uma região atrasada, pobre, deserta, de um povo ignorante e analfabeto. Além disso, é importante

hoje ser do Nordeste é sinônimo, para muitos, de pessoas sofridas, matutas, ignorantes e violentas. O nosso objetivo não é analisar os preconceitos com relação ao Nordeste e o nordestino, mas sim de procurar compreender como nordestinos e nordestinas lidaram/viveram/sobreviveram às secas no Sertão, especificamente em Ibiara, em um período marcado por perseguições políticas, prisões, autoritarismo e corrupção, que foi a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

## 2.1 O Nordeste e a Ditadura Civil-Militar

A vida no Sertão nesses longos anos do período da Ditadura no Brasil foi marcada pelo desejo da terra e pela esperança nas chuvas que São Pedro derramaria sobre o solo quente e seco da região. Possuir uma terra, construir uma família, principalmente com muitos filhos(as), era essencial para que, desde criança, pudessem ir ajudando nos afazeres de casa e da roça. Os meninos para plantar e colher; as meninas para cuidar dos irmãos mais novos, moer o milho do angu e levar o almoço para os trabalhadores na roça. Algumas vezes, as meninas também iam arrancar toco, buscar água com uma rodilha e a lata na cabeça ou quando tinham um jegue, colocava as ancoretas<sup>22</sup> e o trabalho seria mais leve. Essa é uma experiência que Dona Terezinha e sua família vivenciaram, como também muitos outros sertanejos e sertanejas da cidade de Ibiara. A quem se interessar e chegar, Dona Terezinha conta os momentos de lutas, necessidades e aventuras, em tons de risos e até um pouco de saudades de uma época difícil, mas prazerosa de viver.

No seu arquivo de memórias, Dona Terezinha ressalta a importância das chuvas no Sertão para a sobrevivência da família e da colheita<sup>23</sup>. A partir do mês de outubro (mês de trovoadas), principalmente em dezembro, já se esperavam os sinais, os “homes” e as “muié” entendida faziam suas experiências, assim relata a entrevistada:

Tinha tia Ceíça também, que era uma vea da roça também, ai... ela num era muito de almanaque não que ela era analfabeta, mar ela tinha as experiência

---

destacar que, a produção desses estereótipos também está atrelada ao discurso modernista e de civilidade que se instituía na cidade de São Paulo, como destaca Durval Muniz (2011) “o berço de uma nação civilizada, progressista e desenvolvimentista”. E consequentemente, desenvolve um sentimento de superioridade, principalmente, sobre a região Nordeste.

<sup>22</sup> Barril de forma achatada para adaptar ao lombo dos animais de carga (INFOPÉDIA, 2020).

<sup>23</sup> Principalmente do algodão que era a principal fonte de renda e o tipo de produto mais plantado e comercializado no Nordeste.

dela, ela fazia a experiência dela dia de Santa Luzia, dia 08 de dezembro, era... ficava olhando se via relampo, se relampiar era uma experiência pro ano, aí dia de Santa Luzia que era dia 13, aí ela já colocava a, os mês do ano, né, primeiro mês aquele período de inverno, de chuva, aí ela colocava, chamava, era as pedrinha de sal. aí ela colocava (explicando com as mãos) na, como bem, hoje é dia de Santa Luzia, aí de noite ela butava num pratim em cima da casa, aí contava janeiro, fevereiro, março, abril e maio, até junho, acho que ela contava as seis pedrinha, num sabe... aí ali, no ôto dia bem cedo quando ela ia ver, a pedrinha que tivesse suada, o mês era bom de chuva e a pedrinha que num tivesse suada era o mês que num ia ter chuva, e dá a entender que era certo porque se umas suava e ôtas num suava, né... é um mistério, né. (SOUSA, 2020).

As experiências e as previsões do almanaque eram avisos (bons ou ruins) de como seguiriam as plantações, sobretudo, alertando sobre as chuvas no decorrer do ano. Percebemos na fala de Dona Terezinha que os almanaques não eram a única forma de saber as previsões, os agricultores e agricultoras conheciam e tinham suas experiências particulares, experiências estas que se caracterizavam na percepção de detalhes que se apresentavam nas plantas e nos animais em determinado período, além das simpatias que faziam parte do conjunto de crenças dos sertanejos e sertanejas em Ibiara.

Ainda é importante compreendermos que essas experiências eram transmitidas a cada geração, mas não era qualquer pessoa que tinha o dom de conhecer e falar sobre as previsões de chuvas, por isso as que se destacavam com esse saber, como “tia Ceíça”, eram muito respeitadas na região, além de também serem procuradas para realizarem partos e curas pelo ato da reza. Essas experiências/simpatias já existiam desde muito antes dos almanaques de feira surgirem, o que não sobrepõe um saber ao outro, mas passam a se relacionar e haver uma comunicação entre o que diria a experiência/simpatia e os escritos que trazia o almanaque.

As experiências e o acesso aos saberes do almanaque preparavam os sertanejos para o ano seguinte, como dependiam da agricultura, conseqüentemente, de chuvas, era importante saber das previsões, pois um bom inverno garantiria o sustento da família e caso não fosse assim tinham que encontrar algum jeito para se manter. Como? Se a fonte da economia, o meio de viver, era plantar, colher e vender, como os agricultores conseguiriam ter uma renda caso os prognósticos de Manoel Luiz, ou as experiências, avisassem sobre poucas chuvas que não dariam conta de produzir uma boa safra? De que forma o governo poderia ajudar as famílias que viviam as conseqüências da seca?

Os dizeres do almanaque para um ano seco indicavam ao agricultor um plantio de produtos que poderiam conseguir enfrentar a estiagem ou avisava para estocar a safra do ano anterior, pois o inverno não seria produtivo. Mesmo o almanaque *O Nordeste Brasileiro*

avisando sobre o ano que chegava, se ia ser de um bom inverno ou não, alguns agricultores, aqueles que tinham um pouco mais de condições, já se preparavam para a estiagem, guardando um pouco da safra e prevenindo-se, para que a família não passasse por necessidades. Como nos conta a senhora Terezinha, em sua casa havia essa preparação:

Vendia o mi na folha, quando era um ano bom de inverno. Muita gente se apertava, né, que num tinha, num tinha como garantir do ano pro outro. O teu avô, ele fazia assim, quando ele vendia os algodão dele, que era, no tempo que apurava um dinheiro, aí ele já prevenia pro outro ano aquelas coisa que era necessária, ele já prevenia, já comprava, né, até ficar perto de alcançar a outra safra, né. (SOUSA, 2020).

E o ano “des(favorável)” também afetava os negócios, pois a forma de “comprar e vender na folha”<sup>24</sup> não funcionava, porque dependia da boa safra, o agricultor que precisasse do dinheiro, não tinha como “fazer o dinheiro”, já que não tinha a plantação para vender devido a falta de chuvas. Em decorrência disso, muitas famílias passavam necessidades, não tinham como enfrentar a grande estiagem sem a ajuda de alguma política pública.

No governo de Juscelino Kubitschek<sup>25</sup> (1956-1961) foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) com o objetivo de diminuir as consequências causadas pela seca, promovendo o desenvolvimento da região e minimizando a desigualdade econômica entre as regiões do país. Isso fazia parte do projeto político de JK, ligado ao crescimento industrial do país, pois sendo uma região base para a economia do Brasil, era necessário investir com os novos ares da modernidade que se instalava.

No entanto, com a instauração do Regime Militar em 1964, caracterizado principalmente pela centralização política do Estado, a atuação da SUDENE tomou novos rumos, primeiramente sendo desvinculada da Presidência da República e recebendo cortes no orçamento financeiro. Foi transformada em um órgão com o objetivo de dar apoio financeiro e técnico a projetos nacionais, ou seja, a SUDENE passou a ser apenas uma marionete do governo, responsável por buscar e ampliar os investimentos na região com projetos (COLOMBO, 2013).

---

<sup>24</sup> De acordo com a colaboradora Dona Terezinha, “vender na folha” era quando o agricultor tinha plantado milho, por exemplo, estava precisando de dinheiro, mas o milho ainda não estava no tempo certo para colher e vender. Então, o agricultor/vendedor oferecia uma parte de sua roça (cinco sacos de milho, por exemplo), o agricultor/comprador comprava por um preço baixo, entregava o dinheiro e quando chegasse no tempo da colheita do milho, o agricultor/vendedor ia pagar a quem “comprou na folha”. Nesse caso, os cinco sacos de milho. Mas funcionava com qualquer tipo de plantação.

<sup>25</sup> Caracterizado por Lilia Schwarz e Heloisa Starling (2015) como “o vendedor de esperanças”.

De acordo com Lucélia Colombo (2013) a sobrevivência da SUDENE durante a Ditadura, deu-se primeiramente porque os militares não tinham um projeto para o desenvolvimento do Nordeste, assim tinham que seguir com o que tinha iniciado JK juntamente com o economista Celso Furtado e, segundo, porque também não podiam desconsiderar os problemas na região, principalmente, os causados pelas longas estiagens, pois o desenvolvimento da região era pauta governamental naquele período. Desse modo, os militares apoiaram-se nos projetos de desenvolvimento para a região, com a modernização de atividades rurais, investimento na agricultura e pecuária, buscando uma melhoria nas condições de vida dos agricultores, como forma de legitimar os discursos do governo autoritário e conter as revoltas que aconteciam naquele momento.

Nesse sentido, a busca pela modernização e desenvolvimento das atividades agrícolas no Nordeste começou a fazer parte do Plano de Desenvolvimento Nacional dos militares, ou seja, para que o Brasil crescesse economicamente, era necessário a implantação de bases econômicas em cada região do país. A preocupação em si não era minimizar os efeitos da estiagem, promovendo melhores condições de vida a população afetada, mas apropriar-se dela para beneficiamento de uma economia nacional, usando das grandes estiagens para atrair investidores e empresas privadas para a região, como também obter recursos para as obras feitas em propriedades privadas, a chamada “indústria da seca”, a qual discutiremos no próximo tópico.

Portanto, no período da Ditadura Civil-Militar, além de lidar com os efeitos da seca, o Nordeste vivia os planos econômicos e, principalmente, políticos dos militares. Os programas e projetos enviados eram recebidos pela população com grande alegria e esperança. Algumas ações desenvolveram-se no sentido de empreender mudanças na região. Programas como: Polonordeste – Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste, Prohidro (programa voltado para o armazenamento de água nas regiões mais secas), Programa de Irrigação e Projeto Sertanejo, foram alguns deles. Segundo Colombo (2013), o Projeto Sertanejo fazia parte dos Programas Especiais dos militares e tinha como objetivos a geração de empregos, para que diminuísse a migração para o Centro-Sul e os grandes centros nordestinos, a modernização da agricultura e área rural do Sertão, pois era o lugar com maior índice de desagregação social e onde também os efeitos da seca eram maiores, e principalmente o de criar uma classe média rural, a qual estabilizasse os discursos do regime militar. Dona Terezinha vivenciou a aplicação desse Programa em Ibiara e diz que:

No ano de Buriti foi bom que Buriti deu empréstimo pro povo pra fazer casa, que essa casa aqui foi construída no plano... comé meu Deus... Projeto Sertanejo. [...] É, no governo de Buriti. Tinha o projeto sertanejo, aí ele liberava uma verba pra os agricultor que quisesse construir uma casa. Aí cê pode ver que o modelo das casa do projeto sertanejo é tudo esses modelo aqui, num sabe. Num tinha esse alpende não, só a casa. [...] Na região aqui de Com... todo canto teve. Em Itaporanga, Diamante, Boa Ventura, é, em Conceição... teve várias casa que foi construída no, no, no projeto sertanejo. Aí teu vô construiu essa daqui pelo projeto sertanejo. era assim, tipo um financiamento, você ia pagando aos pouco, né. (SOUSA, 2020).

O Projeto Sertanejo trouxe mudanças no cotidiano sertanejo, transformando um cenário simples, com pequenas casas feitas de barro e varas em moradias estruturadas, erguidas com tijolos, em um tamanho maior, mais seguras e acolhedoras. Mas, não foi somente o cenário das casas que mudou, a possibilidade de construir uma casa melhor fez com que as pessoas vissem nessa oportunidade um reconhecimento das dificuldades e um apoio por parte do Governo Federal para a melhoria das condições de vida dos agricultores. Uma alegria em saber que estavam sendo notados e “ajudados”.

A atuação desse projeto em Ibiara aconteceu quase ao final do período da Ditadura, pois Tarcísio Buriti assumiu o cargo de governador da Paraíba em 1979. O Projeto foi a alegria de muitas famílias, pois como era comum terem muitos filhos, era um grande sonho ter a própria casa construída de tijolo, com piso cimentado e em um tamanho maior das de taipa<sup>26</sup>.

Como era um financiamento, o Projeto também instigava mais o agricultor nas colheitas, para poder conseguir o dinheiro da parcela. No entanto, os Programas Especiais, principalmente o Projeto Sertanejo, não surtiram os efeitos esperados pelo governo, ou seja, não influenciaram no crescimento econômico da região. Desse modo, esfacelando a economia e o regime, e dando continuidade ao discurso de que o problema do Nordeste são as secas (COLOMBO, 2013).

Embora os projetos levassem (teoricamente) aos sertanejos melhores oportunidades no enfrentamento das estiagens, eles fracassaram e não tiveram o resultado esperado pelos

---

<sup>26</sup> De acordo com Silva (2017), as casas de taipa ao final do século XVIII não representavam a parte pobre da população, pois naquele momento a riqueza era representada pela posse de terras e gado. No entanto, esse tipo de status cruzou os séculos e, ainda no século XX, a estética e estrutura das moradias rurais e também urbanas eram erguidas com barro e varas, cobertas com telha, de taipa, até mesmo daqueles que tinham outras posses. Possivelmente, a mudança de casa de taipa para alvenaria (feita de tijolo) tenha ocorrido por influência do discurso de modernidade e civilidade que começava a instalar-se no Sertão, representados por projetos, como o Projeto Sertanejo, atuante na cidade de Ibiara. As casas de taipa e até mesmo algumas já feitas de tijolos tinham o piso no barro, e isso fazia com que alguns animais, como lacraias, escorpiões e até cobras fizessem moradas tanto nas brechas pelo chão quanto nas paredes. O aparecimento desses bichos dava-se também devido ao estoque de “legumes” (feijão, milho, algodão, arroz) que se fazia dentro de casa ou em um quartinho construído a parte. Como o piso era na terra, para fazer a limpeza era necessário sair “agoando” a casa para poder varrer, devido a poeira que fazia. Com o Projeto Sertanejo, as casas passaram a ter o piso “encimentado” e paredes rebocadas, facilitando a limpeza e também a eliminação de animais que se escondiam pelo chão e paredes. Além de proporcionar um maior conforto, segurança e inserção de novos cômodos, como o banheiro.

governantes, que seria o desenvolvimento social e, principalmente, econômico do Nordeste, em busca de tornar a região considerada atrasada em civilizada e moderna. Diante disso, as frentes de emergência surgiram como uma alternativa necessária para o enfrentamento da seca na região, apesar disso foram usadas como mecanismo político para beneficiamento de uma pequena elite.

## **2.2 As Emergências: Frentes de Trabalho Como Ajuda Paliativa do Governo**

Rezar, inscrever-se numa frente de trabalho, mendigar, juntar-se a um grupo que cerca a prefeitura, conformar-se, saquear, apelar para o fatalismo, migrar: estas são as alternativas colocadas sob uma criteriosa arte de sobreviver que ao longo do tempo foi se incorporando à tradição e ao cotidiano do povo do Nordeste. (GARCIA, 1984, p. 67).

Diante das grandes estiagens, muitos optavam por embarcar no pau de arara<sup>27</sup> que seguia para o Centro-Sul do país, em busca de emprego e encontrar uma forma de ajudar a família que ficava, mas os que ficavam alistavam-se nas “emergências” e sob o sol quente e ardente do Sertão da Paraíba enfrentavam o cabo da enxada ou da foice para conseguir algum dinheiro e comprar o que comer. Essas frentes de trabalho, as “emergências”, como o próprio nome diz, foram formas paliativas do governo para conter as revoltas e saques que aconteciam. Dona Terezinha vivenciou os impactos de uma grande estiagem e conta que, em Ibiara, os saques eram comuns quando a estiagem era “braba”:

Se fosse uma sequinha besta que alguém tivesse como passado do ano pro outro sem passar fome, aí num vinha não. Aí quando era uma seca que arroxava mermo, a primeira coisa que o povo fazia era começar a invadir nas feira, num sabe [...] no dia da feira [...] é, a invadir, entrava nas escola carregando tudo, gente que num tinha sem pricisão, se aproveitava, aí ia na feira, aí os pobi dos feirante tinha que fechar tudo logo, porque o povo queria carregar, chegava lá, era só enchendo os saco e carregando [...] Na, nas bodega, que nem falava de primeiro, era assim. Aí quando começava assim, o povo fazer essas invasão, aí o governo mandava uma emergência pra aquele setor. (SOUSA, 2020).

Os saques funcionavam como forma de chamar a atenção do governo e decretar situação de emergência na localidade, mas Dona Terezinha frisa que apenas em situações extremas, os

---

<sup>27</sup> Caminhão para transporte de pessoas, composto por varas cobertas com uma lona (DICIO, 2020).

sertanejos aderiam aos saques. A fome, a sede e a falta de trabalhos causavam desespero nos sertanejos, que viam nos saques e invasões, além de uma maneira de adquirir alimentos, um meio também de atrair as “emergências” para a cidade e de fazer o governo enxergar as necessidades da população. No entanto, de acordo com Colombo (2013), esses programas emergenciais não eram bem vistos pelo Estado, pois tinham um alto custo ao governo.

As emergências funcionavam por meio de um alistamento para realizar alguma obra (provavelmente já chegava nessa etapa decidida), era destinado a determinado setor/cidade uma verba para pagar aos operários que se inscrevessem e exercessem o trabalho que fosse ser desenvolvido no local, sendo os mais comuns: construção de açudes<sup>28</sup>, estradas e barreiros, pois deveriam ser obras que beneficiassem a população no período das estiagens e que pudessem ser aproveitadas no período de inverno.

A cidade era dividida por setores, provavelmente, cada sítio. Assim, era escolhido/indicado em cada sítio um responsável para realizar o alistamento de uma turma. O feitor era o responsável por alistar e administrar os operários<sup>29</sup> no serviço, uma pessoa que, possivelmente, estava diretamente ligada a algum governante político. Nessa hierarquia, abaixo do feitor estava o fiscal e o apontador, estes realizavam a checagem das obras e dos trabalhadores. Por último, os cassacos, agentes que desenvolviam “no braço” a construção. As obras, geralmente, eram realizadas nas propriedades dos feitores, esses recebiam um salário e o benefício em sua propriedade.

As inscrições nas frentes de trabalho eram realizadas por famílias, as famílias que tivessem dez ou mais filhos, tinham o direito de alistar até três pessoas da família e estes iam fazer o trabalho que fosse determinado. No ano de 1958, por exemplo, período anterior ao da Ditadura, os cassacos:

Pessoal quando começou na... chamava o trecho, né, aquela turma, aí se alistava e ia lá pra aqueles trecho ficar, trabaia a semana inteirinha, pai cansou de ficar a semana inteirinha, lá de Conceição pra lá (apontando com o dedo) numas brenha, numas estrada de terra, fazendo, roçando pra fazer estrada, acho que hoje onde passa a pista, né, que eu num sei onde era. Mas devia ser essa, que era pra fazer estrada do governo, aí alistava [...] saía de madrugada de casa, da serra pra Ibiara, quando chegava em Ibiara que pegava o transporte

---

<sup>28</sup> A técnica de açudagem instalada na região tinha como objetivo a criação de reservatórios de água como forma de minimizar a falta de água para a população e os animais no período da seca. No entanto, a construção de açudes foi transformada na política de açudagem, ou seja, os políticos utilizavam-se das obras para beneficiamento em campanhas eleitorais, como também buscavam favorecer os grandes proprietários de terra, designando as obras a sua propriedade. Além disso, também procuravam assumir cargos dentro das comissões da seca (SILVA; SOARES, 2012).

<sup>29</sup> Comumente chamados de cassacos.

pra ir pra Conceição, aí passava a semana todinha lá, conzinhando na panelinha lá no mei do tempo, feijãozin pra comer com farinha e toicinho de poico [...] era seco e tem uma coisa e é porque o governo dava. O governo dava o feijão, dava a farinha e pagava aquel... aquele dinheirinho pra aquela família, sabe. (SOUSA, 2020).

#### Durante o Regime Militar:

Eles ganhava um dinheirinho lá, num sabe. Aí recebia num sei se era por mês ou por semana, acho que era por mês que recebia. No dia do pagamento, teu vô levava tudim, botava na caminhoneta, ele tinha uma caminhoneta, aí levava pra rua. Agora eu só num sei onde era que pagava o pessoal, se era na prefeitura, onde era [...] só que ninguém dava de comer a cassaco não, num sabe, era cada um por sua conta. Eles trabalhava, mais era, era, assim, só pra ganhar aquele dinheirinho e eles ter como fazer a feira deles, né. Aí todo mês tinha aquele pagamento. (SOUSA, 2020).

Desse modo, percebemos na fala da agricultora que a forma de pagamento aos cassacos nas “emergências” no período da Ditadura era somente uma quantia em dinheiro, provavelmente, ao final de cada mês. Não eram mais entregues os alimentos para mantimento no trabalho, já que os locais para se trabalhar eram mais próximos de casa e assim cada um se responsabilizava pela sua alimentação. Em sua fala, a agricultora faz questão de marcar o lugar da diferença e de mostrar que, o período JK<sup>30</sup> foi marcado pela esperança e pelo respeito às dificuldades vividas pelos sertanejos. Característica marcante da memória, de idealizar um momento passado, mas também de enfatizar a diferença e tornar sua fala uma fala de denúncia, de indignação. As mudanças no trato com os cassacos, da própria natureza e localização das obras tem uma interferência nesse processo e refletem as distinções entre os períodos do pré-64 e a Ditadura.

Sobretudo, os tipos de trabalho a serem realizados foram mudando, pois durante o Regime, até a década de 1970, as obras eram focadas na abertura de estradas e construção de açudes, usando carrinhos de mão, cavadores braçais, enxadas e foices, ou seja, em muitos casos, seriam obras consideradas sem utilidade, pois as técnicas usadas não davam mais conta de uma construção segura, embora muitas outras sustentassem.

A partir de 1980 o Brasil caminha em seu processo de redemocratização, marcado pela restauração de alguns direitos sociais e também pela mudança nas soluções para o enfrentamento da seca no Nordeste. Uma dessas mudanças foi uma nova alternativa para as

---

<sup>30</sup> Embora o governo de Juscelino Kubistchek tenha deixado dívidas (literalmente) históricas para o país e seu povo, o mesmo também registrou para boa parte dos brasileiros, nesse contexto, os nordestinos, traços de mudança e prosperidade.

frentes de serviço, primeiramente, pelo fato de não haver mais condições de construir açudes “no braço”, sendo que máquinas inovadoras e modernas já ocupavam esse espaço, e segundo porque seria mais interessante transformar as frentes de trabalho em frentes produtivas, ou seja, preparar a terra na expectativa de um bom inverno (CAMPOS, 2014).

A agricultora relata:

Aí tinha que botar pra fazer alguma coisa, era pra... ou pra arrancar toco pra preparar a terra, ou pra fazer um açudim, uma benfeitoria, tinha que fazer, num era preciso fazer muita coisa não, mas tinha que apresentar alguma coisa [...] Aí teu vô trabaiou aqui, fez, plantou capim nesses arto, cavava os buraco pra plantar um capim. É... aí fez esse açudim, aí tinha a turma dele, tinha bastante gente. (SOUSA, 2020).

Nesse sentido, a ideia da “emergência” durante o período militar seria justamente uma maneira de acalmar a população, oferecendo trabalhos e pagando por eles, embora fosse de um alto custo para o Estado. De acordo com a agricultora, o feitor responsável pelo alistamento era quem designava onde os cassacos iam trabalhar e o que iam fazer, deveria apenas “apresentar alguma coisa”, provavelmente em sua propriedade. Mas o trabalho nas “emergências” não era destinado somente aos homens, as mulheres também desempenhavam suas atividades:

Era no governo de Wilson Braga, aí o povo se aqueixava, porque alistava muita mulher, num sabe... aí no governo de, de Wilson Braga, a, a, Zezim da laje tinha uma turma e ar muié tinha que ir pro trecho com o bucho na boca, acho que tinha muié que ganhava neném no trecho [...] é, trabaiando, e era pra trabaiar, pra cavar coisa lá pra fazer açude, aí no, no tempo que teu vô pegou, pra, nos anos 70, tinha a barraqueira, né. Chamava-se a barraqueira, que era quem fazia as comida dos cassaco. Os cassaco levava a coisinha, feijãozinho, a farinha, que era o que tinha mermo, e acho que um pedacim de tocinho lá. Aí a barraqueira botava as panela no fogo, cada um fazia seu fornim lá no chão e ela quem cozinhava pros cassaco, aí ela ganhava o dinheirinho dela. (SOUSA, 2020).

O trecho tornava-se palco de conversas, trabalho, apelos, desabafos, aperseios e também de alegria ou tristeza (mais uma criança para alimentar) para aquelas que conseguiam dar à luz a uma criança em um lugar “inapropriado”. Embora o discurso de “mulher, dona de casa” fosse a marca do período, a necessidade as levava a ocuparem também a lida da roça, algumas pegando no pesado, outras usando os seus dotes culinários. No entanto, a maioria das mulheres do Sertão foram criadas sob a obrigação do trabalho, algumas em atividades mais leves, outras

encarando a terra e a lavoura. Assim sendo, enfrentar as obras da “emergência” não seria algo incomum para as mulheres, apesar das suas particularidades, como uma gravidez.

Enquanto umas viam a poeira subir depois de uma cavada no chão seco, outras procuravam água nas areias por onde passava o rio. As mulheres que ficavam em casa tinham o ofício de cavar cacimbas e encontrar água para alimentação, lavar roupas e também para o gado beber, cada uma com sua finalidade. Além de preparar a comida e cuidar das crianças que ainda não iam para a roça, muitas vezes, com mais uma na barriga.

O rio tinha que cavar cacimba, num tinha poço não, era cacimba. Mais até no, até no, antes de fazerem esse, o açude da piranha, num precisava de cavar cacimba funda no rio, que o rio cortava a correnteza, mais aí a água era bem razinha, e o rio tinha areia, areia bem limpinha, aí cê chegava lá, cavava uma cacimba até abrir, abria até com as mão, aí desgostava, aí era, tinha a água pra trazer pra casa, trazia água pra casa, aí lavava roupa no rio, tinha a cacimba de lavar roupa separada. Quando era tempo, pros bicho beber, aí tinha que coisar a levada bem grande, que era pra criar bastante água pros bicho beber. (SOUSA, 2020).

Mas esse era o privilégio de quem morava próximo a um rio, pois os que dependiam de açudes, andavam léguas<sup>31</sup> e léguas em um animal para conseguir água, muitas vezes já suja. Além da falta de alimentos e trabalho, era preciso trabalhar também para encontrar água para o sustento, por isso um dos focos das “emergências” era a construção de açudes, com o objetivo de aumentar o número de reservatórios de água para que no período da seca houvesse como a população manter-se, o problema seria quando fossem dois ou mais anos seguidos sem um inverno que não desse para abastecer os açudes.

Enfrentar os momentos de seca não era tarefa fácil no Sertão, principalmente, quando havia uma família grande sem nenhuma renda extra. A escassez trazia tristeza e desânimo ao povo, mas a esperança sempre seguia firme nos sinais da natureza, nas novenas para São José e no poder de Deus. A fé também era alimento dos sertanejos e sertanejas que lutavam pela sobrevivência.

### **2.3 Indústria da Seca: Os “Heróis” e seus Feitos**

---

<sup>31</sup> Medida itinerária antiga, de valor variável (DICIO, 2020).

A seca no Nordeste não começou ontem ou anteontem, Fernão Cardim relata a primeira seca na região em 1587, ou seja, a falta de chuvas não é uma surpresa para a população nordestina e muito menos para os governantes, que há muito tempo lidam com a estiagem, o fracasso das lavouras e o medo de enfrentar um ano seco, pois a alegria e sustento dos agricultores dependem de um bom inverno, tanto para as condições de sobrevivência quanto para as plantações.

Os programas criados durante o período da Ditadura visavam o desenvolvimento e a modernização da agricultura no Nordeste, focando em uma agregação da região à economia nacional, no entanto, a seca enquanto um evento cíclico já tinha determinada sua ocorrência. O papel do governo, como responsável pela administração e bem-estar da população nacional, deveria ser a realização de projetos que, de certo modo, prevenissem a seca; a atuação de políticas públicas que ajudassem às famílias e suas lavouras quando a estiagem chegasse, assim buscar soluções antes do “problema” acontecer.

Nesse sentido, as “emergências” foram criadas como uma ajuda resultante das revoltas da população e do momento que pedia a intervenção do governo. Desse modo, o “problema” da seca não é sua ocorrência, mas a não contribuição do Estado para minimizar a sua catástrofe, que usa o fenômeno para legitimar discursos por meio da apropriação de políticas públicas, como as “emergências”, para a criação de um heroísmo e desvio de verbas. Além da falta de comunicação com a população sobre o encaminhamento de ajudas.

“Aí minha fia, eu num sei pra onde era que vinha não, sei que [...] aparecia, né, esse arrimidei. Era do governo do Estado, nera de prefeitura não [...] Aí através do governo do Estado, aí os proprietário tinha esse direito, né. Aí teu vô fez, pegou mais uma turma.” Na fala da Senhora Terezinha percebemos o desconhecimento sobre como o programa emergencial chegava às comunidades e qual era, de fato, a sua finalidade. Em “os proprietário tinha esse direito” é interessante ainda percebermos a ideia de que as “emergências” eram enviadas com um propósito político para que os proprietários de terra “ajudassem” os necessitados, realizando o alistamento nas obras e assim reforçando o discurso dos militares, fazendo também com que esses proprietários tivessem um tipo de respeito e uma moral em seu setor/cidade, como um homem bom e servidor.

Lilia Schwarz e Heloisa Starling (2015, p. 10) afirmam:

Numa nação caracterizada pelo poder de grandes proprietários rurais, muitos deles donos de imensos e isolados latifúndios que podiam alcançar o tamanho de uma cidade, autoritarismo e personalismo foram sempre realidades fortes a enfraquecer o exercício livre do poder público, a desestimular o fortalecimento das instituições e com isso a luta por direitos. Diz o provérbio popular que no Brasil “quem rouba pouco é ladrão e quem rouba muito é barão”, como a legitimar uma noção, hoje muito discutida e politizada, de que no país o fato de ser abonado já é prova de isenção e de uma cidadania acima de qualquer suspeita.

Desde a sua “descoberta” o Brasil foi sendo construído por meio de práticas (sociais e políticas) violentas, autoritárias e corruptas que, infelizmente perduram por séculos. Práticas essas que geraram uma sociedade excludente e preconceituosa, dividida entre os que tem poder e o que não tem, sobretudo um poder representado pelos “grandes homens”, de posses e que tenham alguma influência político-social. Os vínculos sociais que se estabeleciam, principalmente, no período sobre o qual discutimos, eram puramente e exclusivamente interesseiros, a maioria dos homens, sobretudo aqueles que já estavam em um alto patamar da sociedade, agiam em busca de um reconhecimento social heroico e não realmente como um ato de ajuda, ou como no caso das emergências, uma atitude ética que seria ajudar, de fato, aos que precisavam e não a quem interessasse.

Em consequência disso, o poder público, as instituições e as leis, tornam-se enfraquecidas, como pontuaram Lilia Schwarz e Heloisa Starling (2015), pois o que passa a controlar a sociedade e as pessoas são os donos do poder, os quais muitos são os representantes políticos. A autora ainda nos trás a reflexão sobre o imaginário que é criado a respeito de muitos cidadãos e que até o presente é uma ideia pertinente na sociedade: “O fato de ser abonado já é prova de isenção e de uma cidadania acima de qualquer suspeita.” (SCHWARZ; STARLING, 2015, p. 10). Ou seja, o cidadão confiável e respeitado, é automaticamente livre de algo indecente. Mas confiável a quem, ao quê e por quem? Até que ponto chegaria a confiança? São práticas como essas que fizeram parte do desenrolar das “emergências”.

A tal da confiança era importante, politicamente, principalmente a dos proprietários de terras nas cidades pequenas, para que estes tivessem controle sob boa parte da população e fortalecessem o discurso de que para progredir era necessário haver ordem, representada pela velha e famosa frase “ordem e progresso” exposta em nossa bandeira nacional e tão exibida na Ditadura Militar. Provavelmente, os fatores eram indicação de algum representante político, visando uma aliança entre governo e povo, mas a seriedade e a ética deviam perpassar a população, pois a preocupação era “aliviar” as consequências da estiagem. Retomando a ideia

de Silva (2003), as “emergências” fizeram parte de um argumento político para obtenção, principalmente, de obras nas propriedades de uma pequena elite rural e o controle dos mais carentes pelos proprietários.

A seca no Nordeste foi tratada de forma diferente por cada governo. No período anterior ao golpe de 1964, Dona Terezinha relata que:

Nos anos 58, no meu tempo ainda, no tempo que era nas seca, as família tinha um abono, né. Um abono familiar, ainda dependendo do número de gente que tinha na casa, aí tinha, vinha aquele dinheirinho todo mês pra aquela família, era, chamava-se o abono. Aí quando os mais vei fosse completando ano, aí já ia saindo, já ia diminuindo [...] é, tipo o Bolsa Família, mais acabou-se aquele negócio de abono, que ainda era pra hoje existir. Mais aí como começou a mudar de governo [...]. (SOUSA, 2020).

Durante as estiagens no pós-64, a alternativa oferecida pelo governo ao povo eram as frentes de emergência, ocasionadas pelos saques e invasões dos flagelados que necessitavam de comida. Os que conseguiam ser alistados tinham a certeza que receberiam a “ajuda” do Estado, mas e quando não ocorriam as “emergências”? O que acontecia com as famílias que não possuíam outra renda advinda da agricultura? Não havia preparação do governo para com a população antes que a seca chegasse, as famílias mais carentes viviam do que plantavam, mas quando a chuva não chegava, vinha a fome e mais uma vez o Estado era pego de “surpresa” pela seca.

As secas foram usadas como uma forma dos políticos, principalmente, engrandecerem-se diante da sociedade, aparecerem como heróis e salvadores do problema. Presidentes, governadores, prefeitos, deputados, entre outros. Embora fosse seu papel e trabalho intervir e buscar melhorias para o bem-estar da população, a grande maioria usou e usa de eventos naturais, como a seca, como uma porta para ganhar o apoio político e afeto do povo, o qual muitas vezes age pela inocência de retribuir o bem e a ajuda oferecida.

Os feitores das turmas de “emergência” eram vistos como homens que estavam ajudando a determinada família, fazendo o alistamento dos filhos e filhas, no entanto, era o seu remunerado trabalho fazer tal atividade. Possivelmente, o feitor tinha a autonomia de inscrever em uma frente de trabalho as pessoas do seu ciclo de proximidade e afeto e não, especificamente, as famílias que estivessem mais necessitadas. Por trás de toda escolha/indicação havia um interesse que iniciava no Estado.

A maneira de lidar e ver a seca pelos sertanejos e pelo Estado são visões e vivências bem diferentes. Enquanto os sertanejos e sertanejas encararam a fome e a sede, o que para a grande maioria soa como os castigos de Deus; o Estado, nesse caso, o Regime Militar enxergava na seca um “problema” que atrapalhava os planos para desenvolvimento econômico da região e do país.

De acordo com Silva (2003), os programas emergenciais foram “alimento” para a “indústria da seca”, principalmente, pela “política de açudagem”, pois em um clima quente e seco, embora os açudes funcionassem como grandes reservatórios de água, esta iria se evaporando devido às condições climáticas. Além disso os açudes eram construídos em áreas que não favoreciam a distribuição por gravidade, amparava poucas famílias. E, sobretudo, esses açudes acabavam sendo apropriados pelos proprietários.

As soluções para enfrentamento da seca foram mudando ao longo dos governos, principalmente, com a criação de programas sociais que buscaram minimizar as necessidades das famílias que estão nas faixas de pobreza e extrema pobreza. No entanto, esses programas, como o Fome Zero, que posteriormente foi transformado em Bolsa Família, só passaram a existir após a queda da Ditadura Civil-Militar, contribuindo até hoje para o sustento de muitas famílias que não possuem um trabalho fixo.

### CAPÍTULO III

#### **“O POVO DEIXOU DE ACREDITAR”: OS PERSONAGENS POPULARES E SEU LEGADO**

Para que haja uma compreensão sobre o cotidiano de determinada comunidade, suas expressões de fé, de costumes, práticas e ritos, é interessante envolver nesse universo de discussão historiográfica os personagens que desempenharam papéis significativos no modo de viver e compreender o mundo nessa comunidade. Pessoas que atuaram efetivamente na execução das manifestações religiosas, na forma como determinados costumes foram praticados, na influência e poder que construíram por meio dos seus saberes. É interessante que essas pessoas também sejam tratadas como protagonistas na história.

Nesse sentido, procuramos aqui apresentar e discutir os perfis de personagens que tiveram suas vidas voltadas para a atuação e compartilhamento de informações em um período da história marcado, principalmente, pela carência da medicina científica. Personagens que usaram das suas experiências para contribuir na salvação de vidas e dar assistência de como viver da/na agricultura.

#### **3.1 Adverte o Profeta Manoel Luiz dos Santos: Só Eu Mesmo Posso e Tenho Como Resolver Todos os Problemas da Sua Vida**

Entre profetas e poetas do Nordeste, Manoel Luiz dos Santos ganhou destaque pelas veredas do Sertão com suas previsões de chuvas, indicações sobre o planeta regente do ano, o mês propício para a plantação, o mercado de gêneros alimentícios, as fases da lua e seus significados, conselhos para o dia de viajar ou fazer uma mudança. Tudo isso informava o seu almanaque. Além de profeta, Manoel Luiz brincava com as palavras e montava suas rimas, apresentando na capa de seu almanaque os versos, de modo a introduzir o que vinha no livreto ou falando de si mesmo:

B rasileiros do Norte, sem vingança,  
R eparem no mundo se alguém vê  
A strólogo bom como eu só porque  
S ou profeta de toda confiança;  
I nstrutor e poeta de lembrança  
L unarista, vidente, conselheiro,  
E scritor, cartomante verdadeiro;

I mperioso aqui mesmo viverei  
 R ecordem ainda: que fui, sou e serei  
 O horoscopista do povo brasileiro. (SANTOS, 1970, p. 1).

Essa forma de composição poética, definida como acróstico<sup>32</sup> estava presente em quase todos os almanaques de Manoel Luiz, geralmente formados a partir da palavra BRASILEIRO. Além do acróstico, era comum colocar também poemas, ou apresentando-se, ou indicando seu trabalho, ou mencionando santos católicos:

Frei Damião no Brasil,  
 Debaixo do céu de anil  
 Tem feito milagres mil  
 Orando a Deus verdadeiro  
 Frei Damião desde já  
 No meu pensamento está  
 Que ele foi e será  
 Meu guia, meu conselheiro

Frei Damião me abençõi  
 Jesus Cristo me perdõi  
 Por tudo quanto já foi  
 Passado em meu coração.  
 Abençoado por meus pais  
 E ainda recebo mais  
 As bençãos sacerdotais  
 Do Padre Cícero Romão (sic.) (SANTOS, 1977, p. 1).

É interessante percebermos a devoção do profeta para com os santos e sacerdotes da Igreja Católica, podendo soar como algo contraditório se seguirmos à risca os mandamentos da Igreja. Contudo, esta é uma relação comum na cultura sertaneja, pois ser profeta, “adivinhador”, entendedor da natureza é visto como um dom de Deus, algo tido como uma bênção divina. Assim, ao mesmo tempo em que Manoel Luiz menciona em uma entrevista (O FIM, 2011)<sup>33</sup> que sua base foram os estudos de Nostradamus<sup>34</sup>, ele também se reconhece como um católico e devoto de Frei Damião e Padre Cícero, como também afirma possuir a bênção de Deus no seu ofício.

---

<sup>32</sup> Composição em verso cujas letras iniciais (às vezes as mediais ou as finais), lidas no sentido vertical, formam uma ou mais palavras, que são o tema, o nome do autor ou o da pessoa a quem foi dedicada a composição (DICIO, 2020).

<sup>33</sup> Entrevista presente no documentário *O fim do sem fim* direcionado por Beto Magalhães, Cao Guimarães e Lucas Bambozzi, tendo como objetivo apresentar algumas profissões que estão desaparecendo no Brasil.

<sup>34</sup> Michel de Nostredame, conhecido por Nostradamus (1503-1566) foi um astrólogo, vidente e médico francês (FRAZÃO, 2019).

Ser profeta estava no sangue de Manoel Luiz, pois seu destino já estava traçado pela água do conhecimento do rio Pajeú que cruza sua terra natal, São José do Egito<sup>35</sup>, no estado do Pernambuco. Reza a lenda que no leito desse rio foi enterrada uma viola e quem bebesse dessa água virava poeta. Sendo lenda ou não, a cidade de São José do Egito tornou-se o “berço imortal da poesia”, devido a tantos poetas e violeiros que surgiram ali, inclusive o “profeta do sertão” Manoel Luiz dos Santos.

Conta-se que aquele que tem um dom, desenvolve desde pequeno. E assim, a partir dos sete anos de idade, Manoel Luiz já se interessava pela poesia e curiosidades do Universo, buscando saber sobre a lua e suas fases, os significados dos ventos e do afloramento das árvores. Durante quinze anos, Manoel Luiz dedicou-se aos estudos da Astrologia e Numerologia, em busca de responder suas inquietações e espalhar o seu saber. Em 1948 inicia a circulação do seu “pequeno livro”, o *Nordeste Brasileiro*.

As inquietações de Manoel Luiz o tornaram um homem sábio e de grande referência no ofício de profeta/autor de almanaque/poesia na região do Nordeste, ou como fala o sertanejo: “um homem entendido das coisas”. Suas pesquisas movidas pela curiosidade o levaram a conhecer o Universo e a desvendar os sinais que a natureza nos dá e, assim, a ser também um homem que conduziu o modo como as pessoas lidaram com a agricultura, a sorte, o amor, uma viagem, uma mudança, uma infelicidade, a vida.

Além de divulgar suas previsões e saberes em seu almanaque, Manoel Luiz disponibilizava em sua residência<sup>36</sup> um espaço (com agendamento) para atendimentos, ou seja, ele também exercia um papel de Astrólogo, no qual através do estudo do mapa astral do cliente, ele indicava datas propícias, como, por exemplo, para viajar ou fazer uma mudança. De acordo com relatos populares<sup>37</sup>, muitas pessoas dirigiam-se à casa de Manoel Luiz antes de realizar uma viagem, pois temiam por alguma tragédia. Ou para mudar-se de residência/cidade, receosos com a possibilidade do insucesso, procuravam o profeta para saber as procedências a fazer.

Diante dessas experiências, é importante destacarmos o poder que esse poeta exerceu em sua trajetória profética pelo Nordeste, o quão influentes e respeitados foram seus saberes

---

<sup>35</sup> Manoel Luiz nasceu no sítio Barro Vermelho, pertencente ao povoado de Batatas, em São José do Egito – PE.

<sup>36</sup> Essa caracterizada por uma placa escrita “Profeta Manoel Luiz”. Não havia erro para encontrá-la.

<sup>37</sup> Em visita à cidade de São José do Egito, no ano de 2017, busquei conhecer e conversar com Manoel Luiz a respeito do seu ofício de profeta, como também troquei algumas palavras com vizinhos e alguns familiares, onde consegui poucas informações, pois Manoel Luiz, devido a idade já avançada, encontrava-se em situação de caduquice, assim como sua irmã, com problemas de saúde, não foi possível obter muitas informações e nem realizar a gravação de uma entrevista.

sobre a vida, a agricultura, o modo de lidar com os infortúnios e o cotidiano sertanejo. As palavras de Manoel Luiz causaram um encantamento e despertaram uma crença na população sertaneja.

O personagem de profeta/poeta desempenhou um tipo de poder por meio dos seus escritos. As narrativas de Manoel Luiz foram influenciadoras no cotidiano sertanejo, de modo que os seus conselhos e previsões eram postos em prática. O seu lugar de identidade era também um lugar de poder, reconhecido por si próprio, por seus pares e por seu público leitor. Cabral (2016) apresentou em sua tese cartas trocadas entre José da Costa Leite<sup>38</sup> e Manoel Luiz, nas quais Costa Leite pedia a ajuda de seu colega de profissão para fazer a Tabela dos Eclipses, pois Manoel “era muito inteligente, mas guardava tudo pra ele”. Nas cartas, Manoel Luiz pede a quantia de duzentos cruzeiros para enviar a tabela a Costa Leite:

É muito barato. Sou professor de astrologia vivo desta profissão, sou astrólogo. Então, me mande pelo correio a importância de Cr\$ 200,00 que depois lhe mandarei a Tabela. Tudo é difícil, tudo é caro! Acredite em mim e tenha fé que eu lhe garanto uma boa tabela. Eu estudo muito de dia à noite, compro livros caros sou esforçado! Ajude-me que lhe ajudarei também. (SANTOS, 1975, s.p.).<sup>39</sup>

Desse modo, percebemos como Manoel Luiz era referência também para outros do seu ofício, exemplo de um bom profeta. Além da venda dos seus almanaques, também cobrava pelas orientações com seus pares, pois sendo estes ajudantes na venda dos almanaques<sup>40</sup>, também eram concorrência. Estabeleciam entre si relações de negócios com informações sobre a produção dos almanaques, o seu conteúdo e a divulgação.

Podemos notar também o reconhecimento desse personagem e das suas profecias, a importância e a crença no “profeta do sertão”. Manoel Luiz afirmava: “Eu sou o maior profeta do nordeste brasileiro. Você que é ignorante, acredite se quiser.” (O FIM, 2011). É interessante percebermos a autoafirmação que faz de si. A legitimação tanto do seu discurso quanto do seu personagem. De reconhecer-se como tal. De dar valor ao seu ofício. De proclamar o seu trabalho. Exaltar-se como sendo um bom profeta, pois é “[...] maioral em ciências ocultas, estuda muito, ler bem e dorme pouco” (sic.) (SANTOS, 1991, p. 10).

Falando em Manoel Luiz, seu Domingos relata:

<sup>38</sup> Pernambucano, José da Costa Leite é um poeta, xilógrafo, cordelista e escritor do almanaque *Calendário Brasileiro*.

<sup>39</sup> Trecho da carta de Manoel Luiz enviada a José da Costa Leite, em 2 de dezembro de 1975. São José do Egito – PE.

<sup>40</sup> Era comum entre os profetas a troca dos almanaques para a venda. Cada um enviava certa quantia de almanaques para a cidade do outro, gerando assim a circularização e comercialização em diferentes cidades.

Vinha outros, mais era mais pouco. Os almanaque mais (som ao fundo) era os de Manoel Luiz mesmo (som ao fundo). Os de Manoel Caboclo também, mais esses eu nunca comprava não [...] era... umas experiência acertava e ôtas não [...] olhava também, negócio de signo, essas coisa [...] os planeta... qual o gerente do ano. Eu gostava. (LIMA, 2020).

Percebemos na fala do nosso colaborador o seu compromisso e afeição pelo almanaque *O Nordeste Brasileiro*, pois mesmo com a opção de outro almanaque, o agricultor escolhia as narrativas de Manoel Luiz, apesar de suas experiências não serem sempre “certeiras”. Notamos, portanto, que esses “erros” não interferiam na compra e nem na crença neste almanaque, muito menos a concorrência que estava na mesma banca de feira. Seu Domingos deixa marcado em sua fala o prazer que era ler os escritos desse profeta, apesar da presença de um outro almanaque, com experiências possivelmente diferentes. Manoel Luiz tinha seu lugar de homem experiente aclamado por seus leitores.

No relato de Francisco de Assis (Chico do Rádio) percebemos também a legitimação dada ao profeta Manoel Luiz, quando é mencionado: “Manoel Luiz era um homem muito preparado!” (GOMES, 2020). Como alguém que teve a oportunidade de conversar com o profeta, Chico do Rádio demonstra em sua fala o quanto Manoel Luiz era uma pessoa culta, falava compassadamente e bem explicado, como se estivesse recitando um poema. Isso pode ser notado também no documentário aqui já citado. O profeta deixava transparecer, por suas palavras e modo de falar, o quanto gostava de fazer aquilo e o quanto ele era, de fato, preparado para seu ofício.

Esse reconhecimento do seu ofício de profeta era seguido pela afeição e atenção a Deus, aos santos e a duas figuras religiosas que marcam a cultura nordestina: Frei Damião e Padre Cícero. Em seus almanaques, Manoel Luiz sempre destacou esses personagens como inspiração para seus escritos e protetores da sua caminhada e ofício, como mencionados anteriormente em seus versos. Havia uma relação de devoção entre o profeta Manoel Luiz e os personagens religiosos, saberes que se cruzavam em suas narrativas. Isso se explica pelo fenômeno da religiosidade popular que debateremos adiante.

### **3.2 Os Ofícios no Sertão Como Parte de uma Religiosidade Popular**

As fases da lua, as posições dos planetas e das estrelas, são mecanismos que a Astrologia estuda em busca de compreender os acontecimentos do Universo e de como esses elementos

interferem no cotidiano humano. No entanto, muitos que desempenharam e desempenham a atividade de astrólogo, “adivinho do futuro”, não deixaram de lado a figura de Deus como proprietário e controlador dos acontecimentos. Não houve uma separação entre as crenças católicas e as explicações astrológicas (THOMAS, 1991). Embora os dogmas cristãos sejam divergentes da forma como a Astrologia propõe-se a compreender o mundo, o papel exercido por Manoel Luiz como profeta não rejeitou ou contestou a presença divina como guia do seu ofício, muito menos os seus leitores.

Ir à missa, rezar um terço ou uma novena oferecida a algum santo(a), fazer uma promessa, procurar uma rezadeira quando sumisse algum objeto, ter uma consulta com um adivinho antes de realizar uma viagem, realizar simpatias na fogueira de São João, fazer uma oração antes de dormir, consultar a fase da lua para deitar uma galinha, plantar, cortar o cabelo, fazer manteiga da terra ou colocar um copo com sal grosso e alho em algum lugar da casa para espantar o mau olhado. Essas entre muitas outras práticas e superstições fazem parte dos costumes de muitos sertanejos, inclusive dos ibiarenenses. Práticas entendidas como parte de uma religiosidade popular, de um universo de encantamentos que se entrelaçam com as crenças católicas. Nesse sentido, os autores ressaltam:

No Brasil, as formas diversas de expressão da religiosidade popular têm origem nas várias religiões do mundo. Nelas estão agregadas tradições do catolicismo português e das práticas religiosas africanas, por exemplo. Assim, a mesma prática religiosa pode ter características diferentes de região para região. Além disso, a escassez de atendimento clerical e a predominância de uma população rural acentuam a caracterização de uma devoção popular disforme e nas conformidades das necessidades locais. (ANDRADE; NOGUEIRA, 2014, p. 6).

Os cruzamentos desses saberes e práticas são comuns no mundo sertanejo, principalmente devido à forte presença de personagens que são, de certo modo, a representação dessa religiosidade. Personagens que atuam em uma comunidade, cidade ou região, como sábios e influenciadores nas práticas diárias do homem e da mulher sertaneja. Constroem um respeito e admiração por causa da sua reza que curou ou fez aparecer algo, em razão de um conselho, de um ensinamento, de um milagre, de uma previsão do futuro. São pessoas “escolhidas por Deus” para agir pela fé. Pessoas que, geralmente, não tiveram acesso a uma escola. Pessoas que possuem e transmitem saberes através de suas experiências.

Rezadeiras, benzedores, curandeiros, parteiras, adivinhos, profetas, Padre Cícero Romão Batista, Frei Damião, Manoel Luiz dos Santos, são atores sociais que deixaram marcas na memória de muitos sertanejos, que atuaram como intermediadores do poder divino. Pessoas

que foram ouvidas e respeitadas. Ajudaram a realizar partos, aconselharam o que plantar e em que tempo plantar, advertiram sobre o inverno ou a seca, curaram uma dor de dente, uma picada de cobra, tiraram um mau olhado e quebrante de uma criança, fizeram promessas serem alcançadas.

Sousa (2018, p. 12) nos faz refletir sobre essas práticas quando discute sobre o “roubo a São José”<sup>41</sup>:

Esta prática religiosa se constitui por meio de genuínas manifestações de fé dos fiéis, que correspondem às próprias dimensões da vida destas pessoas, bem como as suas sensibilidades. Desta forma, estes sujeitos desenvolvem sua percepção de mundo, nem sempre valorizadas, mas que os permitem trilhar seus próprios caminhos que, neste caso, se traduz em uma invenção de uma religiosidade propriamente sua.

Desse modo, essa discussão nos faz perceber que assim como o “roubo” a um santo na esperança de chuvas para o Sertão é uma manifestação de fé dentro dessa religiosidade popular, a recorrência aos personagens aqui já citados também faz parte desse conjunto de manifestações de fé que é a religiosidade popular. Assim como enfatiza Sousa (2018), são ações próprias de uma comunidade ou região, nesse caso Ibiara – PB, expressões que caracterizam o modo de viver e compreender o mundo. Costumes e práticas que se cruzam, de forma a saciar as particularidades de um povo. Culturas entrelaçadas que dão significado às vivências sertanejas.

Se entendermos a religiosidade popular como algo que “[...] manifesta sua especificidade através de uma linguagem religiosa própria do povo.” (MARTIN; ANDRADE, 2010, p. 118), podemos compreender que a procura por rezadeiras, benzedores e profetas, como Manoel Luiz, são expressões de fé e crença que se enquadram nesse universo encantado que denominamos de religiosidade popular, também reconhecida como “comportamentos diferentes e autônomos”, manifestações particulares que estão a todo momento ganhando novos significados e apropriações.

Nesse sentido, destacamos a seguinte reflexão, assim como: Padre Cícero Romão, sacerdote católico e que obteve grande poder político, religioso e social pelo Nordeste, influenciando muitas vidas sertanejas; e Frei Damião, frade italiano que através de suas peregrinações encantou muitos fiéis com seus conselhos e ensinamentos; também Manoel Luiz dos Santos, ator social sem nenhum título institucional católico, também desempenhou um papel importante na região nordestina, representado por suas narrativas (escritas e em forma de

---

<sup>41</sup> Ver: “Vivas ao santo padroeiro das chuvas”: (re)significações religiosas no culto a São José, Pombal-PB (1950-1980) (SOUSA, 2018).

consultas). Seus leitores foram também seus fiéis. Recorreram também a esse profeta em um momento de agonia e desespero. Ouviram seus conselhos para resolver os problemas da vida. Adquiriram amuletos da sorte para livrar-se de algum mal, conquistar um amor, largar o alcoolismo.

A procura por esses personagens em momentos de doenças, desânimo, aflição e medo, representa o cotidiano de muitas pessoas no mundo sertanejo. Essas figuras estão diretamente relacionadas ao modo como determinado povo curou-se, enfrentou uma dificuldade, resolveu um problema financeiro ou amoroso. Recorrer a algumas dessas práticas aqui citadas (a oração de uma rezadeira, uso de amuletos ou simpatias), que fogem dos mandamentos católicos, foram e ainda são formas que o homem sertanejo encontra para suprir e dar sentido aos acontecimentos cotidianos, que muitas vezes não são encontrados nos preceitos da Igreja Católica. Mas destacamos que uma crença não substitui a outra, elas cruzam-se e combinam-se, formando assim outras práticas, dando sentido ao conceito de “hibridação” (CANCLÍNI, 2008).

A relação aqui estabelecida entre Manoel Luiz e duas figuras católicas abre uma reflexão acerca do papel exercido por esses personagens no Sertão do Nordeste. As narrativas sobre Padre Cícero e Frei Damião ainda hoje são propagadas, os milagres e ditados deixados por eles ainda são lembrados e servem de histórias curiosas e encantadoras. As previsões de Manoel Luiz encontram-se também guardadas na memória ou engavetadas em algum baú, e mesmo sendo prognósticos antigos, muitos dos seus dizeres sobre plantações ou horóscopos continuam dando significado a alguns acontecimentos.

As romarias e procissões realizadas com devoção ao “Padim Ciço” e a Frei Damião reuniam muitos dos seus fiéis que iam em busca de um “Deus te abençoe, meu filho/minha filha”, uma cura, uma oração, ou só mesmo para ouvir as suas palavras consideradas santas. E, desse modo, como discutido no capítulo I, o momento das feiras livres servia de encontro para os agricultores, que iam ansiosos à procura de esperança no almanaque de Manoel Luiz. Esperança em um ano de chuvas, de colheita, de alegria. Ir de encontro a esses personagens era momento de satisfação. Representava respeito por serem sábios. Era a fé por acreditarem no que diziam.

Nesse sentido, refletimos sobre o poder construído por esses atores sociais através dos seus saberes, do seu conhecimento. De acordo com Foucault (2013, p. 224 apud BORDIN, 2014, p. 229) “[...] o saber gera poder na pessoa que o legitima.” Ou seja, por meio das suas previsões, poemas e adivinhações, Manoel Luiz adquiriu um poder, conquistou muitos leitores e seguidores, como também, Padre Cícero e Frei Damião, ganharam fiéis e devotos por suas

orações e milagres. Não era um poder controlador, mas influenciador. Um poder que foi fabricado e legitimado.

Assim como Manoel Luiz obteve destaque através do seu almanaque em Ibiara – PB, há um outro personagem que merece visibilidade histórica no ofício de parteiro/farmacêutico/dentista no Sertão da Paraíba. Conhecido como Sinhô Rodrigues, esse sujeito era responsável pela realização de partos, tratamentos ginecológicos, extração de dente e receitas médicas, tudo isso em um período marcado pela carência médico-científica, principalmente nas cidades interioranas (1950-1980). Nesses locais essas pessoas destacadas eram quem curavam, realizavam partos, advertiam sobre o tempo e aconselhavam sobre a vida. Importante destacarmos como ainda na segunda metade do século XX vemos essas permanências, sendo que desde a década de 1930 o discurso médico sanitaria já orientava muitas regulamentações e vivências nos centros urbanos.

É intrigante pensarmos como nessas décadas, havia um homem dedicado em realizar partos e curar pessoas, sendo este um ofício geralmente praticado por mulheres. Além disso, os métodos e equipamentos por ele utilizados não eram os ramos e folhas do mato usados pelas parteiras. Como alguém que foi paciente de Sinhô Rodrigues, Dona Terezinha relata:

As parteira era as mais ignorante, porque ele falava, ele chamava elas era de cachimbeira, ele falava que quando precisasse dele num fosse atrás de parteira não, que quando ele chegasse já tava tudo dirmantelado, as muié já tava tudo melada de azeite, de cebola e ele já trazia toda medicação que precisava, ele tinha as coisa dele, ele era preparado, tinha toda medicação certa, sem precisar de cibola, nem azeite (risos). Tinha o material de tirar os menino quando os menino num vinha por conta, tinha material de fazer coretagem, tinha o, tinha até o aparei de medir a pressão pra ver cuma a gente tava, tinha todo, toda medicação, todo equipamento. (SOUSA, 2020).

Quando precisava o pessoal ia buscar e ele já levava toda medicação que precisava, ele era muito organizado, fazia tudo, fazia parto, fazia coretagem, mermo cru, o grito comendo de irmola (risos), mais ele fazia tudo e a respeito da medicação ele passava, a muié que quisesse tomar escondido do marido ele passava na hora o anticoncepcional, mais a maioria ignorava, né. Teu vô mermo ignorava, deixava tomar não, falava que nera normal não e a igreja num concordava também não em tomar anticoncepcional não, mais muitos já tomava. (SOUSA, 2020).

Aí tinha também a mesinha lá de fazer exame, examinar as muié que ia se aquechando de firida no útero, ele tratava, tratou de várias aqui na Lagoa Seca mermo, que eu conheço ele tratou de três, que foi... a primeira foi mãe, tempo de... nos anos cinquenta e oito por aí, depois foi aqui na Lagoa Seca, foi Ilda de tia Ceiça, foi cumade Teta e Antonia de Sitionio e ele tratou delas tudim, elas tavam com, com firida de útero e ia prá lá e fazia tratamento, ele tinha todo, todo o equipamento, num sabe. Agora esses equipamento lá de fazer esse

tipo de tratamento aí eu num sei explicar qual era porque eu nunca fiz. (SOUSA, 2020).

Nesse período, Sinhô Rodrigues já representava um saber médico mais avançado do que, comumente, as pessoas tinham acesso. Sobretudo, por oferecer às mulheres métodos contraceptivos e uma saúde ginecológica. Sinhô Rodrigues desempenhou um papel importante e significativo na cidade de Ibiara e outras do Sertão, pois seu trabalho era respeitado e valorizado. Mas, diferente das parteiras e assim como Manoel Luiz, ele cobrava pelo atendimento prestado. Com sua maletinha, percorria muitos lugares, salvando vidas e cuidando dos corpos sertanejos. A intenção é percebermos a atuação desse personagem, de como ele também faz parte do conjunto de sujeitos que exerceram no cotidiano sertanejo momentos de alegria, salvação, alívio e, principalmente, de fé.

Diferente de Manoel Luiz, Sinhô Rodrigues agia diretamente no cotidiano dos ibiarense, com atendimentos domiciliares e no seu espaço médico. Como representante de um saber médico moderno, a população tinha acesso a medicamentos novos, como o uso de anticoncepcionais, pelas mãos do próprio parteiro, em um período em que o esposo e a Igreja, como coloca Dona Terezinha, não consentiam com tal ato.

Falar desses personagens e da forma como usavam seus saberes em prol de ajudar as pessoas, é falar também de um cotidiano marcado por conhecimento e manifestações de fé. Uma mistura de saberes que, de certo modo, saciavam as necessidades da população. Tanto carnis quanto espirituais. Ao mesmo tempo em que se recorriam às parteiras, orações, promessas, simpatias e objetos de sorte, também se fazia presente alguém que comungava de saberes diferentes e com outros métodos.

A presença desses personagens no Sertão fazia do viver sertanejo um universo encantado, com novenários pela zona rural; romarias; visitas às rezadeiras ou alguém "entendido dos sinais da natureza"; partos feitos em casa; a ida à feira livre, que era momento de encontros, paqueras, comidas, bebidas, compras, novidades; havia reunião em alguma casa para contar as histórias antigas, de botijas ou pessoas mortas que apareciam; simpatias eram realizadas, crenças eram valorizadas. Aos poucos o poder, a fé e esses personagens foram ficando só nas histórias.

### 3.3 Entre o Atraso e a Civilidade: Saberes que Comungam

As cidades brasileiras passaram a serem alvos de um novo traçado urbano, sendo esquadrinhada mediante os discursos dos médicos, engenheiros e arquitetos. Essa reforma urbana foi encabeçada por parte de uma elite letrada que buscava tirar a sociedade brasileira do atraso e da imundice (SOUSA, 2017, p. 65).

O atraso e a imundice eram caracterizados pela falta de higiene nas cidades e vilarejos, ausência do cuidado médico-científico para as pessoas, a recorrência às práticas de rezadeiras, curandeiros e parteiras. O projeto urbano e higiênico visava novos hábitos para a população, divulgados por meio da imprensa, e sendo um destes o almanaque de farmácia, como discutimos no primeiro capítulo.

Os personagens apresentados anteriormente vão sendo aos poucos escanteados. A modernidade que chegava foi ocupando o espaço médico, trazendo novos ares às cidades. As práticas de cura realizadas pelos personagens aqui destacados começaram a ser perseguidas e criminalizadas. A cura deveria vir por meio de medicamentos produzidos em laboratórios e receitados por médicos ou farmacêuticos, assim as garrafadas e raizadas deveriam ser abortadas do uso humano. Pois o Estado e a junta médica buscavam corpos higiênicos, modernos e civilizados.

Interessante notarmos como Dona Terezinha mostra em sua fala o quanto Sinhô Rodrigues apresentava-se como conhecedor das práticas médicas científicas, demonstradas por seus equipamentos e medicamentos que já comungavam com os saberes modernos. Os hábitos das parteiras são por ele menosprezados, por não suprirem mais as necessidades do momento do parto.

A chegada desses ideais modernos no interior da Paraíba é marcada pela perseguição aos “terapeutas populares”, tachados como representantes do atraso, da ignorância e da criminalidade. Todas as formas de cura praticadas pelas rezadeiras, parteiras e curandeiros, foram motivos de crítica e denúncia, “[...] benzeção, sangria, parto assistido por comadres e parteiras [...] automedicação através de chás, ervas, banhos [...]” (RAMOS, 2016, p. 15), eram consideradas práticas que não podiam fazer parte dos novos hábitos e do progresso que se instaurava.

O discurso de modernidade e progresso foi trazendo normas e mudanças nas práticas de cura. Os ramos das rezadeiras, as simpatias na hora do parto, os sinais das previsões de chuvas deveriam ser substituídos pela ciência e por seus intelectuais. No relato de Dona Terezinha, percebemos como Sinhô Rodrigues nas décadas de 1950 e 60, já representava o ideal científico,

com aparelhos, exames e medicamentos, desqualificando o trabalho das parteiras. Podemos notar um rompimento com as práticas místicas, consideradas atrasadas.

Os rituais vividos no momento do parto, como menciona a nossa colaboradora, do uso de azeite e cebola eram característicos do atraso, da incivilidade e, assim, tinham que dar vez ao progresso que se instaurava, nesse caso, a atuação de Sinhô Rodrigues já configurava a modernidade. Conseqüentemente, rezadeiras, curandeiros e parteiras foram perdendo seu espaço, embora esse discurso não tenha rompido totalmente com algumas práticas, pois muitas ainda resistem até hoje. Sobre essa resistência, Chartier (2016, p. 46 apud SOUSA, 2017, p. 36) disserta:

Essa resistência se dá mediante a força de modelos culturais que se solidificam e crescem a sombra da Igreja, pois nestes espaços de orações em que se tem um modelo dominante, não impede que outras formas de cultos e sujeitos venham a se manifestar, já que sempre haverá uma brecha entre as normas, o cotidiano, vivências e crenças desses indivíduos.

Podemos perceber essa resistência através das narrativas do almanaque de Manoel Luiz, pois, ao mesmo tempo em que circulava na imprensa a chegada e instalação de novos hábitos em busca de um corpo civilizado, rompendo com práticas consideradas ultrapassadas e anti-higiênicas, o *Nordeste Brasileiro* informava também ao leitor uma “flora medicinal”, responsável pela cura de doenças, como também para a prevenção. Para o ano de 1979, escreveu Manoel Luiz:

O maracujá-açu cura o alcoolismo crônico, asma, coqueluche, diarreia, disenteria, dor de cabeça nervosa. Folhas verdes em fusão. Epilepsia: limão, erva-cidreira, velame do campo. Gripe: Sabugueira. Enxaqueca: alfazema. Equizema: melão de São Caetano ou babosa. Baço: mulungu e alfazema. Coração: limão e hortelã. Feridas: girassol e arruda. Reumatismo: caroba, carnaúba, eucalipto, aroeira, cordão de frade. Sífilis: carnaúba, caroba e língua de vaca. Pneumonia: eucalipto. Tísica: agrião. Úlceras: caroba. Tosse: jatobá ou agrião. Tuberculose: agrião, velame de mato. (SANTOS, 1979).

Esse tipo de conteúdo nesse momento representava ainda a carência dos saberes médicos modernos nas cidades do interior da Paraíba. Incluir essas informações no almanaque significava um tipo de resistência a institucionalização da medicina científica, além de retratar como ainda era importante compartilhar isso com os sertanejos, pois era o cotidiano de muitos, era ao que a maioria tinha acesso e podia adquirir.

A crença nas plantas do mato, como também nos ramos e orações das rezadeiras não foram de uma hora para outra deixadas de lado. Para muitos, a reza e o ramo tinham mais valor

do que remédios farmacêuticos, e atualmente ainda podemos encontrar essas práticas. Apesar da ampliação da ciência médica, as rezadeiras ainda representam um poder na sociedade, pois há pessoas que as procuram e as legitimam por seu saber. Embora poucos e escanteadas, essas figuras ainda vivem.

Assim como os discursos médicos foram de encontro às práticas das rezadeiras, parteiras e curandeiros, a chegada da modernidade e de equipamentos que facilitaram o acesso à informação, a circularização dos saberes presentes no almanaque foi, de certo modo, substituída e, conseqüentemente, personagens como Manoel Luiz. Parte da cultura nordestina expressada por autores de almanaques, cordelistas, poetas e repentistas, figuras católicas como Padre Cícero e Frei Damião está sendo, aos poucos, desconsiderada e esquecida. Esses personagens foram requisitados por um grande período pelos sertanejos, fizeram parte do cotidiano, das manifestações de fé e das crenças de um povo. Por isso é importante continuar a discutir a presença e o papel desses personagens nas vivências de comunidades e cidades.

Há, muitas vezes, um desconhecimento e desvalorização por parte da nova geração sobre esses personagens. Como afirma Canclíni (2008, p. 35): “A inovação estética interessa cada vez menos nos museus, nas editoras e no cinema; ela foi deslocada para as tecnologias eletrônicas, para o entretenimento musical e para a moda.” Ou seja, a modernidade trouxe consigo hábitos e novas visões de mundo e de vivência. Quase tudo, ou tudo, resume-se a um computador com acesso à internet. Todos os personagens resumiram-se a um único, pois na internet encontram-se respostas e soluções em pronta entrega.

Como discutimos no primeiro capítulo sobre a ausência de produção dos folhetos, aqui destacamos o desaparecimento dos personagens e da falta de valorização a eles, a descrença nas práticas que por muito tempo foram a base de vida para muitas pessoas. Sobre isso, Dona Terezinha relata:

Mais era bom, os almanaque de Mané Luiz mermo, acho que ele veio, deixou de fazer almanaque depois que começou a aparecer esse negócio de televisão, porque acho que ele... o povo deixaro de acreditar, né. Que assim como o povo deixou de acreditar nas experiência antiga que valia, deixaro de acreditar nos almanaque, como se, se ele, o que ele escrevia, é porque ele tinha um dom, né, uma sabedoria, e esses que vão pra televisão, vão porque estuda aqueles negócio lá pra alguma previsão (som ao fundo). Mais antes, antes, era totalmente diferente. (SOUSA, 2020).

Notamos assim que a chegada e instalação da modernidade foi percebida também pelo povo, pelos novos hábitos aos quais tiveram que se adaptar. A transmissão das previsões pelo rádio e televisão ocuparam o espaço do profeta. Hoje a maioria das pessoas não tem a

oportunidade de conversar com alguém que compreende e dá significados aos sinais da natureza, como fazia Manoel Luiz. Muitos não possuem nem o desejo de procurar conhecer e dar visibilidade a esses personagens. Ir à feira e encontrar almanaques e cordéis, procurar uma rezadeira para livrar-se de um quebrante, conversar com alguém que nunca teve acesso a um curso superior, mas sabe realizar um parto, em muitos casos isso pode soar até como motivo de risos, de um “e tu ainda acredita nisso?”.

Isso pode ser explicado como falta de fé ou pela ideia de que “[...] o povo deixou de acreditar nas experiências antigas que valia [...]” (SOUSA, 2020), mas talvez isso faça parte de um projeto maior. Um projeto que mudou hábitos, transformou crenças, escanteou pessoas, e institucionalizou um novo modo de viver. Um novo cotidiano do qual esses personagens não fazem parte, onde as muitas práticas aqui descritas tornaram-se arcaicas demais para conviver com as tecnologias. Embora haja muitas figuras que ainda resistem ao seu ofício, uma boa porcentagem do projeto da modernidade foi instaurado, e o que tem de mais negativo nisso é a falta de visibilidade, principalmente na historiografia, e de valorização a essas pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Navegar através das memórias dos colaboradores dessa pesquisa e pelos rastros deixados pelo *O Nordeste Brasileiro* e suas narrativas, nos possibilitou compreender um cotidiano ibiarense marcado por hábitos, rituais, crenças, medos, esperanças, superstições e uma fé, expressada por meio do uso do almanaque de feira como guia-conselheiro de ações voltadas para a agricultura e a vida. As narrativas representadas pelas previsões de chuva, influência de cada fase da lua, produtos rendáveis durante o ano, foram informações que atuaram na construção dos modos como o homem do campo lidava com a sua rotina de plantar, colher, vender, comer e sobreviver em Ibiara.

Foi desafiador, mas muitas vezes acomodador, percorrer e construir novas histórias sobre e para Ibiara. Nessa cidade, seus habitantes construíram um modo de vida ímpar, amparado em crenças que davam sentido aos fenômenos que aconteciam, conduzido por hábitos que representavam a fé desses sujeitos. Hábitos estes que poderiam dar a ideia de um cotidiano contraditório, se pensarmos a recorrência às rezas, curas e previsões que confrontavam com o ideal católico, no entanto, não se compreendia dessa forma, não eram saberes separados, pois a fé os interligava, e os personagens que representavam essas práticas eram considerados enviados por Deus, eles tinham o dom da cura e do conhecimento.

Em um cotidiano imbricado de superstições e simpatias, o almanaque de Manoel Luiz representava parte de uma religiosidade popular. Uma religiosidade que não dependia de uma aceitação institucional da Igreja Católica, eram manifestações de fé que se realizavam porque acreditavam ser o caminho mostrado por Deus. Ser guiado pelo almanaque ou benzido pelos ramos, eram formas dos ibiarense darem significado à vida, ao mundo e também maneiras de enfrentar os desígnios humanos.

Além de fazer parte do conjunto de manifestações que é a religiosidade popular, o almanaque de feira representava um objeto de poder para os agricultores, pois com suas narrativas de previsões de inverno ele conduzia de que forma o homem do campo iria trabalhar em determinado ano, se iria plantar algodão, batata, feijão, arroz ou milho. E isso influenciava em como esse agricultor ia ser reconhecido na cidade e região. Em um de seus relatos, Dona Terezinha mencionou a conquista de medalhas do seu esposo Isaac, como aprovação do trabalho exercido na agricultura e reconhecimento por ser um bom agricultor. O bom agricultor tinha o respeito e a admiração de toda população, como também, na maioria das vezes, ficava mais próximo dos políticos das cidades.

Desse modo, como bons agricultores acabam sendo intermediadores de projetos para os moradores, como nas emergências, durante o período da seca, geralmente eles tornavam-se os responsáveis pelas turmas para trabalhar, e como chefes tinham o direito de escolher as pessoas que iriam para as obras. Não havia uma seleção, era indicação. Nessas relações que se estabeleciam entre o político e o bom agricultor, e entre o bom agricultor e as famílias, possivelmente, não havia somente uma intenção de ajuda, mas também que políticos fossem “recompensados” posteriormente, através da relação entre as famílias (que sentiam-se ajudadas por serem escolhidas) e o agricultor responsável, que ganhava assim mais prestígio. O período da Ditadura Civil-Militar pregava a ordem para obter-se progresso e, assim, era importante que essas relações fossem estabelecidas. Ter o prestígio e o respeito das famílias que naquele momento se encontravam em necessidade, era essencial para manter o controle da população.

Um tipo de controle também era expressado pelo saber científico que aos poucos adentrava nas cidades e ia transformando os corpos e hábitos sertanejos. Em meados do século XX, o parteiro da cidade de Ibiara já representava um rompimento com as práticas consideradas atrasadas, Sinhô Rodrigues marcava o lugar da medicina científica e apresentava-se como atuante de novos hábitos, saberes e cuidados com os corpos, passando a ocupar o lugar das comadres parteiras, que pouco a pouco iam sendo substituídas. No entanto, apesar desses rompimentos há hábitos e crenças que continuam a comungar com essas novas práticas, os ramos e os sinais de chuva continuam a serem significativos.

As falas dos colaboradores revelaram como o cotidiano ibiareense estava permeado de saberes e hábitos que davam significado e caracterizavam suas maneiras de crer. As formas de conduzir a vida e o trabalho tinham relação com os fenômenos que consideravam ter relevância e interferência nas atitudes humanas. Os fenômenos eram tidos como sinais (bons ou ruins) que determinavam como as pessoas iriam agir diante de tal acontecimento. O aparecimento de animais influenciava na espera de um novo ano, assim como o cultivo de determinadas raízes e folhas de árvore atuavam em um processo de cura.

Diante de tantas narrativas, ainda há muito o que se pesquisar sobre as apropriações do almanaque de feira. Há muito o que se conhecer sobre a produção desse folheto, o seu produtor e as relações que se construíram na divulgação e circularização do *O Nordeste Brasileiro*. Há ainda o que se compreender com relação às vivências dos sertanejos durante as secas, às experiências carregadas de aflições e lutas. Há muitas memórias que dizem respeito à cidade de Ibiara e seu povo que precisam ser ativadas e reveladas a fim de novas produções. Existem tramas no processo de editoração desse folheto que carecem de análise. Ainda há personagens que precisam ser revelados pela historiografia. Há muito o que se entender sobre as formas de

compreensão do mundo e da vida que os ibiarenenses guardam em sua bagagem. Há silêncios que devem ser despertados. Há histórias que necessitam ser contadas. Há almanaques de feira que ainda precisam ser explorados e leituras que precisam ser realizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRA, Giscard Farias. A URBS DOENTE MEDICADA: a higiene construindo Campina G(g)rande, 1877 a 1935. In: **História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos**, 24., 2007, Rio Grande do Sul. Anais complementares. Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Editora Cortez. 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 33, n. 61, p. 225-251, jan/abr, 2017.
- ANDRADE, Manuel Correia de. A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil. **Revista de economia política**, v. 6. n. 4. outubro-dezembro 1986;
- ANDRADE, Wesley Lima De; NOGUEIRA, Wanderleia Silva. **Catolicismo popular enquanto expressão da cultura popular: práticas e apropriações em Quirinópolis (GO)**. XII Encontro da Associação Nacional de História, seção Mato Grosso do Sul. 2014.
- BARBOSA, Andréia Cristina da Silva. **Riqueza que mexe com os sentidos: feira livre de Senhor do Bonfim**. Salvador, 2013.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Zahar, 2002.
- BORDIN, Tamara Maria. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. **Saberes**, Natal-RN, v. 1, n. 10, nov. 2014, 225-235.
- CABRAL, Geovanni Gomes. **Arte, história e narrativa: a trajetória do poeta José da Costa Leite**. Recife, 2016.
- CAMPOS, José Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. **Estud. av.**, v. 28, n. 82, São Paulo, Oct/Dec. 2014.
- CANCLÍNI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes Ltda. 3ª edição. Rio de Janeiro, 1998a.
- CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. 5 ed.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII**. 2. ed. Brasília: UNB, 1998b.

CHARTIER, Roger. **Do código ao monitor: a trajetória do escrito**. Estudos Avançados. 1994. p. 185-199.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **História de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba**. Recife, 2010.

COLOMBO, Lucélia Aparecida. A Sudene e a mudança institucional no Regime Militar. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, p.153-175, jul.-dez. 2013.

CONCEITO. Conceito.De. **Conceito de Conto**. 2011. Disponível em: <https://conceito.de/conto>. Acesso em: 03 mar. 2020.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Companhia das Letras. Tradução: Daniel Pelizzari. 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO). 2003, p. 9-25.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

DICIONÁRIO Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ERA uma vez. Intérpretes: Sandy e Júnior. Compositores: Claudio Da Matta Freire e Alvaro Luis Socci. *In*: SONHO Azul. PolyGram, 1997. 1 CD, faixa 15.

ESTRADA de Canindé. Intérprete: Luiz Gonzaga. Composição: Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. *In*: O Homem da Terra. RCA Victor, 1950.

FARIA, Caroline. Meteorologista. *In*: **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/profissoes/meteorologista/>. Acesso em: 08 mar. 2020.

FRANÇA JÚNIOR, Luis Celestino de. **O Juízo do Ano: Um estudo sobre o almanaque popular no Nordeste**. V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo, 2007.

FRAZÃO, Dilva. Nostradamus: Astrólogo francês. *In*: **EBiografia**. 08 jul. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/nostradamus/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

GARCIA, Marília Fontana. Nordeste: o reverso da medalha. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 1, n. 1, p. 67-71, 1984.

INFOPÉDIA. Ancoreta. *In: Dicionários Porto Editora*. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ancoreta>. Acesso em: 03 mar. 2020.

JÚNIOR, José Dos Santos Costa. MACIEL, Raquel Silva. **Uma poética e uma política no ato de ler: diálogos com Roger Chartier e Michel De Certeau**. XXVII Simpósio Nacional De História, Anpuh-RN. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MARTIN, Eliane Cordeiro Sanchez; ANDRADE, Maristela Oliveira de. Religiosidade popular, santos, magos e feiticeiros: um estudo etnográfico no Ligeiro-Paraíba. **Religare** 7 (2), 117-126, outubro de 2010. p. 117-126.

MELO, Josandra Araújo Barreto de; PEREIRA, Ronildo Alcântara; NETO, José Dantas. Atuação do estado brasileiro no combate à seca no Nordeste e ampliação das vulnerabilidades locais. **Qualitas Revista Eletrônica**. ISSN: 1677 4280. v.8, n. 2, 2009.

MELO, Rosilene Alves de. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. **Revista IEB**, n. 52, 2011. Set/mar. p. 107-122.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, 2003.

MELO, Rosilene Alves de. **Escrito nas Estrelas: almanques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino**. XIII Encontro de História, Anpuh-Rio Identidades. 2008.

MEYER, Marlyse. **Do Almanak aos almanques**. Ateliê editorial, 2001.

MOURA, Rosiane Valério de. **A narrativa impressionista dos almanques de cordel**. *In: IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2009, Recife-PE. IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2009.*

NOVA, Vera Casa. **Lições de Almanaque no Brasil – um estudo semiótico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

O FIM do Sem Fim. Direção: Beto Magalhães, Cao Guimarães e Lucas Bambozzi. Diphusa/Bananeira Filmes/ Cinco em Ponto. Belo Horizonte/MG, 2001. 92 mm.

PALAVRA Rural. **Cuidado com o canto da “coã”**. terça-feira, 5 de julho de 2011. Disponível em: <http://palavrarural.blogspot.com/2010/03/cuidado-com-o-canto-da-coa.html>. Acesso em 09 set. 2019.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanques no Brasil**. Campinas – SP, Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil. São Paulo, 1999.

RAMOS, Felipe Aires. **Na Penumbra, a cura: uma história do Curandeirismo na Paraíba (São João do Cariri, 1928-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2016.

RODRIGUES FILHO, José. **Imagens em perspectiva: memória e poder na literatura de cordel**. Cajazeiras, 2017.

SANTOS, Manoel Luiz dos. [**Correspondência**]. Destinatário: José da Costa Leite. São José do Egito – PE, 2 de dezembro de 1975. 1 carta.

SANTOS, Manoel Luiz dos. **O Nordeste Brasileiro**. [Almanaque]. 1967-1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia: Com novo pós-escrito**. Editora Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Everaldo de Oliveira; SOARES, Eloyza Tolentino. A Técnica de Açudagem como resolução das Secas na década de 1950. **Anais do V Encontro Estadual de História do Rio Grande do Norte**, Anpuh-RN, 2012.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003.

SILVA, Tadeu Pereira da. **Arquitetura e história no sertão da Paraíba: um estudo das moradias rurais na cidade de Paulista (1820 a 1935)**. Cajazeiras – PB, 2017.

SOUSA, Emerson José Ferreira. “**Vivas ao santo padroeiro das chuvas**”: (re)significações religiosas no culto a São José, Pombal-PB (1950-1980), Cajazeiras, 2018.

SOUSA, Maiza Ribeiro de. **Um último adeus: práticas fúnebres e a busca da boa morte nos séculos XIX e XX – São João do Rio de Peixe-PB**. Cajazeiras – PB, 2017.

SOUSA, Ronald Felipe Barreto de. Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedeadas e Rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica. **XIV Encontro Estadual de História do Ceará**, 2014.

TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF**, v. 10, 2013.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII**. Companhia das Letras. São Paulo, 1991.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanques: história, contribuições e esquecimento. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008. p. 307-314.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Identidade Paulista: Construção e Representação nas Páginas do Almanaque D' O Estado de S. Paulo. **Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"**. 2007.

WIKCIONÁRIO. O Dicionário Livre. **Cômputo Eclesiástico**. Disponível em: [https://pt.wiktionary.org/wiki/c%C3%B4mputo\\_eclési%C3%A1stico](https://pt.wiktionary.org/wiki/c%C3%B4mputo_eclési%C3%A1stico). Acesso em: 29 jun. 2020.

## APÊNDICE

ENTREVISTA 1: 29 – 30 de janeiro de 2020

Ibiara, entrevista realizada com Terezinha Furtado de Sousa, para o Trabalho de Conclusão de Curso “Viver no Sertão: o almanaque de feira como profetizador das estiagens e guia do cotidiano sertanejo em Ibiara – PB (1960-1990)”, a cargo da discente Lilian de Lima Beserra e da orientadora Dr<sup>a</sup>. Viviane Gomes de Ceballos.

T: Terezinha Furtado Leite de Sousa, 75 anos, moro no Sítio Lagoa Seca, desde os 18 anos, casei com 18 anos e vim morar aqui, né. Apesar de ter dado uma varedadinha, mar num conta, a residência fixa é aqui mermo.

L: pronto, aí sobre os almanaques...

T: êh minha fia, sobre os almanaques o que é que eu vou falar?

L: o que era, assim, o almanaque, como era as profecias que vinha nele?

T: bom, minha fia, o almanaque era um livrim que falava das previsão do tempo, a... como, hoje eles fala, né. Mas num é... era uma pessoa que falava porque tinha aquele conhecimento que num era uma pessoa, sabe, que num era, num... acho que num tinha quase estudo. Que Mané Luiz era um homem que escrevia aqueles almanaque e acertava muitas coisa, acertava, é...dias que ia chover, falava das chuvas, aí quando num dava certo o povo criticava que ele tinha errado (risos)

L: quando não acontecia, né?

T: quando não acontecia as previsão que ele escrevia no livrim, aí falava sobre as fases da lua, o tempo de plantio, como você plantar, como... tempo de colheita, tempo da criação, até do... das fases da lua, né. O tempo melhor pra você plantar, pra você... como bem... pra você deitar galinha, pra você capar um bicho...

L: tinha tudo, né?

T: tinha tudo isso... aí ele falava das fases da lua, né (som ao fundo). Tempo favorável, né... (som ao fundo)

L: E muita gente comprava o almanaque?

T: comprava, muita gente comprava. O pessoal mais vei, todos eles comprava. Eu lembro de pai comprava, é ti Neco comprava, Isaac que já era dos mais novo comprava. Eu sei que (som ao fundo) começou a comprar almanaque de Mané Luiz quando... num... começou... ele deixou de vender assim, porque acho que quando começou esse negócio de coisa, previsão nas

televisão, acho que ele deixou de fazer os almanaque dele pra vender que o povo tava avançando o sinal nera (som ao fundo) e ele... só que o que ele escrevia antes num tinha nada a ver com o que tem em televisão...

L: era outros sinais que ele tinha?

T: era outros sinais, é que ele tinha um dom, né. Ele tinha um dom de saber das coisas, e muitas coisa que ele escrevia, é... escrevia no livrim dele dava certo. O povo gostava porque já... era assim... como que se vivia por aquele almanaque...

L: as colheitas era de acordo com o almanaque? O que o agricultor ia fazer era de acordo com o...

T: era... se fosse um ano desfavorável pra inverno, os agricultor já tava tudo ciente que não ia ter uma boa safra, né

L: unrrum

T: se fosse favorável, aí todo mundo se animava já, sabia que ia ter uma boa safra, de mii, feijão, algodão, é... o que plantasse. Arroz, quem plantava arroz, tudo que cê plantasse, quando era um ano favorável, era favorável pra tudo. Quando era um ano variado, mas quando o ano era variado, nas previsão dele, ele já marcava. Marcava aqueles mês e o que... os mês que devia chover mais, que as veis chuvia menos, né, aí já dirmantelava a... a...

L: aí quem comprava o almanaque era esses agricultor que tinha mais terras ou num tinha isso?

T: era o pessoal mais velho, né... que vivia da agricultura e acreditava, né. Num era... esse pessoal mais novo num... acho que num chegou nem a comprar, porque quando eles... ele parou de fazer os almanaque, aí o pessoal mais novo já... mas os mais velho mermo, lembro do tempo de pai, tempo do meu avô, pai lá na serra, todo ano tinha que comprar, ele num sabia ler não, mar era pra comprar o almanaque pra pai ler pra ele ver, saber como é que ia ser o ano. E quando falava... como bem, 58, 59 foi dois anos seco, enrabado um no outro, e o povo já... 58 foi seco, seco, aí lá se vem as previsão de 59, seco de novo, aí pronto, aí o povo já fica já tudo descrente como é que ia viver, né. Por que em 58 teve emergência, o governo mandou emergência pro povo, é... como bem, ai na terra de teu avô, que hoje é de Severino Barro, ele, pessoal quando começou na... chamava o trecho, né, aquela turma, aí se alistava e ia lá pra aqueles trecho ficar, trabaiar a semana inteirinha, pai cansou de ficar a semana inteirinha, lá de Conceição pra lá (apontando com o dedo) numas brenha, numas estrada de terra, fazendo, roçando pra fazer estrada, acho que hoje onde passa a pista, né, que eu num sei onde era. Mas devia ser essa, que era pra fazer estrada do governo, aí alistava. O pai de famia dependendo do número de famia, alistava três pessoa na casa, aí lá em nois era oito fio, pai e mãe, 10 (marcando nos dedos). Aí alistou pai, Manué e Pedo meu irmão, Pedo, meu irmão era um ba... buchudinho, desse

tamainzim assim (mostrando com a mão o tamanho), buchim só tinha lumbriga e alistou-se, pai levava ele no ombro, saía de madrugada de casa, da serra pra Ibiara, quando chegava em Ibiara que pegava o transporte pra ir pra Conceição, aí passava a semana todinha lá, conzinando na panelinha lá no mei do tempo, feijãozin pra comer com farinha e toicinho de poico.

L: que o ano era seco?

T: era seco e tem uma coisa e é porque o governo dava. O governo dava o feijão, dava a farinha e pagava aquel... aquele dinheirinho pra aquela família, sabe. Aí quando foi... 58 foi (assim) (?), quando passaram um tempo lá pro, pro, pras quebrada longe, aí eles organizaro, pra família ficar mais perto de casa, é, onde tinha um açude, é... ir trabaia reformando aquele açude, nera trabaiano não, era só arraiano mermo, aí, aí tio Orim foi quem... era o dono da terra, né. Aí tinha otos operários, chamava era os cassaco (risos) aí pegou, aí passou o resto do ano ali na serra mermo, trabalhano ali no açude, fazendo uma parede lá e... e quando foi 59, que vei seco, aí pronto, 59 num teve emergência não, aí quem tinha uma coisinha pra vender pra comprar um pouco de feijão, um pouco de milho, um pouco de farinha, tudo bem. E quem num tinha...

L: passava fome...

T: o canção piava. Por que eu sei que nois num passemo fome porque mãe tinha uma garrinha de terra lá no Lobo, aí pai foi, vendeu, era herança de mãe, pai foi e vendeu, comprou de legume pra nois comer o ano de 59. Aí quando foi em 60, 60 entrou de cara feia, aí quando começou o inverno já foi no mês de março, e tem mais, foi assim, de repente, sabe. O inverno chegou no mês de março, agora foi assim, foi muito inverno, mais foi... mas o povo já tava tudo achando que ia ser mais um ano seco, mais aí em 60 foi... foi um ano muito bom de inverno, apesar de ter começado tarde. Mar naquele tempo ali, os agricultor plantava uma vez... fazia a roça, né, ceicava, aí quando já era em dezembro plantava feijão e algodão, plantava no seco, aguardar as primeira chuva, né. Aí quando vinha as primeira chuva, aí já cipuava, né, de feijão e algodão, aí plantava o mi, aí quando num dava certo, vinha um verão, aí aquele mi num ia dá nada, fazia uma replanta, plantava, aí... o inverno continuava (som ao fundo), aí daquela replanta tirava legume suficiente...

L: aí como... é, sabia assim o preço do almanaque, mais ou menos, quanto era?

T: minha fia, eu num sei não, tem certeza não, só que eu acho que nera muito caro não, que naquele tempo as coisa era... dinheiro era difícil né, o valor do almanaque eu num sei não, mais que muita gente comprava, desse povo mais velho comprava. Comprava e... e fazia, e tudo no mundo ia no almanaque pra ver, quando o mês entrava de cara feia, já ia no almanaque vê se tava certo ou errado.

L: aí chegava, vinha pra feira, nera?

T: aí vinha... quê que tu disse que vinha pra feira?

L: o almanaque?

T: é, os alma... eles vinha praí, num sei quem era que trazia, sei que vinha, todo ano vinha o almanaque, sei quem trazia, sei que enviava, sei quem era o portador, eu sei que vinha e muita gente comprava, muita gente dos mais vei comprava o almanaque, mais... aqui mermo... você ainda achou almanaque aqui, num foi?

L: achei

T: eu num sei se foi dos que Isaac comprou ou foi dos que ti Neco, que tinha nas malotinha de ti Neco aí quando os menino truveram dali os troço dele. Eu sei que Isaac mermo comprou, comprou muito almanaque de Mané Luiz. Agora (som ao fundo) um almanaque de verdade mermo é o do pensamento, mais praqui mermo, nessa região nera muito vendável não.

L: aí quando os agricultor, é, sabia assim, lia o almanaque, aí via que ou o ano ia ser bom ou ruim, aí eles comentava com os outros...

T: aí, aí minha fia, assim, se o ano fosse bom, fosse um ano de, uma safra de algodão boa, aí cê via... Isaac mermo comprava muito algodão na foia, chamava na folha, né. O povo que queria é, pegar num dinheirinho adiantado, né, que tinha algodão, tinha sua roça de algodão, que dava pra ocê confiar, que dava pra comprar, aí comprava por um precinho baixo, né, aí quando começava a catar, já tinha que trazer, pesar, pra entregar a quem tava devendo. Teu avô mermo comprou muito isso, é tanto o algodão como o arroz, num sabe...

L: comprava de acordo com aquilo que o almanaque dizia...

T: era...

L: se o ano fosse bom, se fosse dar algodão, aí ele comprava...

T: é, se fosse um ano bom, aí ele já, aí o algodão já era garantido, né, aí comprava, comprava sem medo, porque sabia que ia ter safra, né.

L: Unrrum

T: aí se o ano fosse trapaiado, aí Isaac já ficava com o pé atrás, porque assim como podia dar, alguém podia num tirar nem o que vendeu na folha, né

L: Unrrum

T: e... isso aí tanto fazia com o algodão, fazia com o milho, vendia o mi na folha, quando era um ano bom de inverno. Muita gente se apertava, né, que num tinha, num tinha como garantir do ano pro outro. O teu avô, ele fazia assim, quando ele vendia os algodão dele, que era, no tempo que apurava um dinheiro, aí ele já prevenia pro outro ano aquelas coisa que era necessária, ele já prevenia, já comprava, né, até ficar perto de alcançar a outra safra, né.

L: o que era vender na folha?

T: era... vender na folha era... tá na roça, vai dar algodão, né... é o algodão esse ano a safra é boa, aí chegava um aqui dizia: Isaac, vim vender aqui uns quilo de algodão. Aí como ele sabia que o algodão tava... é... tava...um... prometendo uma safra boa, aí ele comprava, confiava, né, nas pessoa, aí comprava...

L: na roça, então?

T: na roça...

L: na folha...

T: é, na folha...

L: ah, entendi

T: ele fazia o negócio, aí pagava e ia aguardar quando o algodão...

L: tirasse...

T: tirasse o algodão... aquele vendedor tinha que trazer, já tava vendendo, né...

L: verdade

T: a merma coisa acontecia com o milho e com o arroz...

L: comprava na roça, então... e se desse uma quantidade a mais do que ele tinha comprado, aí ele ganhava...

T: não, se desse a mais quem ganhava era quem...

L: quem tinha vendido...

T: não, ele num comprava a safra toda, ele comprava a quantidade que o agricultor vinha vender, né, como bem... um tempo quando João Nicolau... logo quando João Nicolau casou, né... aí ele morava lá nos Bento, tinha uma lagoa de arroz muito boa, aí ele foi, vendeu num sei quantas quarta de arroz a Isaac, arroz tava bunitim, já nascidim, né, aí vendeu, Isaac comprou... aí quando o... deu o arr... o preço baixo, né, que quem comprava na foia comprava barato, né

L: unrrum

T: pra guardar, receber, quando desse, aí quando foi pra vender o arroz, bater o arroz, aí.. oxem, e João Nicolau queria entregar arroz... oxem, vendi arroz barato, eu vou entregar nada, ele um queria não, pagar não, de jeito nenhum, entregou achano ruim e acho que num entregou nem todo, porque tinha vendido barato, aí, aí... quando vem, quando vem a safra mermo, aí o preço melhora, né... é nisso que quem compra na foia ganha, porque cê comprou hoje...

L: se a safra for boa, né...

T: cê tá planejando, né, cê tá comprando uma coisa na dúvida, né, mar aí cê tá comprando barato, quer dizer que aí quando vem que cê vai receber, aí quem vendeu barato, aí na hora que vem a safra, aí melhora o preço, né, todo mundo ver, né, uma safra boa, aí já aumenta o preço, quem comprou barato vai ganhar porque comprou vendo o que acontecia...

L: entendi

T: acontecia com a, o algodão, com o milho, com o, e com o arroz... Isaac comprou muito mi na foia, meu Deus do céu. Uma vez ele comprou um mi até aquele Zé de Paula, nois já morava na rua, aí...foi um ano que teve bastante mi, mais num foi um ano muito bom não, só que teve bastante mi. Aí Zé de Paula, muleque ainda, de menor, aí foi lá, pra Isaac comprar um saco de milho, aí Isaac nem queria fazer negócio mais ele, que ele era de menor, né

L: hum

T: aí ele insistiu muito, aí Isaac: tá bom, eu vou comprar porque eu conheço seu pai, só que eu vou falar pra ele... não, mais o mi é meu, quem vai resolver isso aí sou eu. Isaac: já que você tá insistindo eu vou comprar, mais eu vou falar com seu pai, aí foi, comprou... uma quantidade lá de mi, aí quando, depois Isaac chamou Antoin Barro lá, e Antoin Barro: aaahh, eu mermo num autorizei não, ele vender mi não, ele mermo num tem mi não. Aí Isaac disse: pois, eu comprei confiando em você. Eu sei que ele resolveu, mais (?). aí Isaac: eita, o caba fazer negócio mais um de menor, sem autorização dos pai, o que acontece é isso mermo. Ele já sabia, né...

L: aí começava a plantar em, em dezembro, era?

T: era

L: mas aí os almanaques chegavam quando?

T: os almanaques chegava no final do ano pra entrada do outro, logo pra entrada do ano, que era já pra você...

L: saber...

T: saber o que ia fazer

L: hum

T: aí quando era em dezembro, todo mundo já tinha, é, queimado as roças, ceicado, aí já tudo no seco, plantava feijão e algodão, era a primeira coisa de plantar, porque quando caía as primeira chuva, o feijão e o algodão esperava na terra quente mermo. Aí quando vinha as primeira chuva, aí já nascia tudo bunitim, aí quando imendava a chuva mermo direitim, aí tava tudo cipuado. Aí depois é que plantava o milho, plantava fava, plantava amendoim, plantava o que tinha de..., girimun, melancia, tudo isso plantava antes, hoje ninguém planta mais não, se planta num dá, né

L: é

T: e se dá, num presta

L: aí aqui na região tinha outro povo que fazia assim, essas previsão?

T: é, tinha ali ti João Aive, né, que era um homem da roça também, aquele ali era um vei sabido, um vei daquele nera pra ter morrido não (risos), era mais sabido que Mané Luiz. ele sabia até

aquele negócio de você dizer o dia que você, o ano que você nasceu, o mês, e ele fazia uma contagem, voltando pra trás e batia no em cima, no dia que você nasceu (batendo na mesa)

L: unrra, era entendido, nera?

T: era

L: aí ele dava as previsão de chuva também? Os sinais...

T: ele tinha as experiência, né, que ele valorizava, tinha tia Ceiça também, que era uma vea da roça também, ai... ela num era muito de almanaque não que ela era analfabeta, mar ela tinha as experiência dela, ela fazia a experiência dela dia de Santa Luzia, dia 08 de dezembro, era... ficava olhando se via relampo, se relampiar era uma experiência pro ano, aí dia de Santa Luzia que era dia 13, aí ela já colocava a, os mês do ano, né, primeiro mês aquele período de inverno, de chuva, aí ela colocava, chamava, era as pedrinha de sal

L: sim, sei

T: aí ela colocava (explicando com as mãos) na, como bem, hoje é dia de Santa Luzia, aí de noite ela butava num pratim em cima da casa, aí contava janeiro, fevereiro, março, abril e maio, até junho, acho que ela contava as seis pedrinha, num sabe...

L: hum

T: aí ali, no ôto dia bem cedo quando ela ia ver, a pedrinha que tivesse suada, o mês era bom de chuva e a pedrinha que num tivesse suada era o mês que num ia ter chuva, e dá a entender que era certo porque se umas suava e ôtas um suava, né... é um mistério, né

L: é, verdade. Aí eles dizia essas experiência ao povo?

T: é, falava essas experiência. Todo mundo quando, quando, dizia assim, os que num fazia a experiência, mais acreditava nesses que fazia a experiência, né. Aí já ia saber como tinha sido a experiência, aí ôtos ficava tucaiano pra ver se via o relampo no dia de nossa Senhora da Conceição, que é dia 08 de dezembro, e é uma experiência boa. Aí ôtos já fazia a experiência da flor da manga, né, que a manga carregasse, florasse bem, o ano era bom, e assim era as experiência dos agricultor que num tinha televisão naquele tempo, né. Hoje eu fico, eu nem gosto de escutar aqueles negoço de previsão, que as coisa de Deus se fosse pra saber, todo mundo podia saber, num era pra uns e ôtos não, aí eles vão pra televisão: amanhã vai chover aqui, aculá, aculá, aculá num chove, aculá vai ser quente, homi, onde é que ninguém pode mexer com as coisa de Deus, pode mexer com as coisa do homem, mais de Deus não, que Ele pode mudar tudim duma hora pra ôta e ninguém manda nas coisa dele. Esse negoço de previsão de televisão, que depois que apareceu esse negoço de televisão, ninguém acredita mais em Deus, ninguém acredita mais, na, na, ó as experiência nem vo... nem vale mais que o povo num dá mais valor...

L: ninguém acredita

T: ninguém acredita, aí nem vale.

L: aí no almanaque vinha os signo também, mas...

T: vinha os signo

L: alguém lia assim?

T: é... ave maria, quem num lia, mai escutava, gostava de escutar, depois que apareceu o rádio, o finado Joé num perdia o signo dele não, por nada

L: escutava, né

T: escutava. Eu as veiz escutava meu signo e (som ao fundo) isso é uma loucura, porque eu duvidava, no dia que desse bom, coisa boa no signo, podia dizer que aquele dia ali era o pior que tinha, só tinha coisa ruim (risos) é, nada que prestasse. Aí eu falava, é o contrário, num adiante ninguém ir atrás de signo não, que signo é só pra confundir as pessoa, mais o finado Joel acreditava, todo dia, ele tinha o raidim dele, ele descia pra cá, mais eu duvidava ele num trazer o raidim dele, que na hora de... de passar os signo, ele tinha que tá vendo

L: pra escutar

T: ele era um analfabeto, mais ele gostava de escutar

L: aí vinha também umas receita, de tipo, chá, chá de maracujá é bom pra dor de barriga, chá num sei de quê é bom pra num sei o quê, mais a atenção era só pras previsão...

T: é, não, isso daí ninguém ia atrás de saber de chá não, era só da previsão de inverno, pra poder ver se o ano ia ser bom, ou se ia ser ... (som ao fundo) médio ou ... (silêncio) mais era bom, os almanaque de Mané Luiz mermo, acho que ele veio, deixou de fazer almanaque depois que começou a aparecer esse negócio de televisão, porque acho que ele... o povo deixaro de acreditar, né. Que assim como o povo deixou de acreditar nas experiência antiga que valia, deixaro de acreditar nos almanaque, como se, se ele, o que ele escrevia, é porque ele tinha um dom, né, uma sabedoria, e esses que vão pra televisão, vão porque estuda aqueles negócio lá pra alguma previsão (som ao fundo). Mais antes, antes, era totalmente diferente, mais era as coisa, a terra, a terra produzia, num tinha negócio de rrigação, você tirava, tudo que você tirava era com as chuva do inverno, o inverno era favorável dava pra ocê tirar, que era inverno, as veiz começava em janeiro, ó em setenta e... três, sessenta e três, setenta e três pra setenta e quatro (tentando lembrar) aí quando foi em setenta e três... não... sessenta e dois, aí em sessenta e três nós fomo, aí em sessenta e dois, o inverno começou noite de natal, véspera de natal nós tava plantando essa baixa aqui de arroz (apontando), já no escurecer nós tava terminando, aí começou uma garoinha, parecia chuva de fim de inverno, tinha assim um véu e aquela garoinha, aí imendou inverno, imendou inverno, imendou inverno, quando foi em agosto de 63, nois tava, nois tinha

ido pro Canindé e nois viemo na primeira semana de agosto debaixo de chuva. As coisa que foi plantada no ano de 63, os mio, que plantava os mio, né no baxio, aí plantava feijão no salto do mio, não... feijão no mei da carreira e a fava no salto do mio. Aí a fava ela é tardona, né. Aí ela enrolava no mio, quando o mio já tava de espiga grande, ela começava a enrolar e o mio arriano com o peso. Eu sei que nesse ano foi tanta chuva que nós... Isaac tinha plantado esse baixinho ali onde Vildo plantou capim, ele tinha plantado de milho, feijão e fava, aí quando nois fomo pro Canindé era, já tinha catado a fava e dobrado os mio, mas mermo assim a fava num morria não, porque chuveno, né. Aí ficava enramada no mio. O mio arriava todim, encostava a ponta da espiga no chão e nascia por causa do moiado que era demais. Mês de agosto de 63

L: inverno bom, ein

T: foi de ó... noite de natal de 62 até agosto de 63. Nois chegemo lá no Futuro lá na casa de ti José no domingo, aí nois ia voltar na... não, nois chegamo... foi, no domingo bem cedo, nois durmimo num lugarzinho chamado As Balança, lá numas serras, aí bem cedim nois peguemo a estradinha, varedinha de bode e fomo lá pra ti José, lá pra Serra, aí quando chegemo lá, aí era chuveno, chuveno... e lá era o barro vermei, num sabe, você, se você num andasse direito você dirilizava. Aí quando ti José chegou da feira de Mauriti, que ele ia pra feira de Mauriti nos sábado, aí ele chegou no domingo bem cedo, e nois já tava ajeitando que era pra nois vim de tarde. Ele disse: vai nada, só vai daqui amanhã. Aí Isaac já tinha até arrumado os animal com o primo dele lá na baixa da vea, aí ele disse: nam por animal aqui também tem

Risos

T: aí nois fiquemo lá, durmimo lá, choveu o dia de domingo todim. Quando foi na segunda-feira, era pra nois sair bem cedim, nois viemo sair de lá uma hora da tarde, quando a chuva afinou, aí viemo chegar aqui de madrugada amuntado. Eu numa burra doida (risos) e Isaac num burro... não, ou eu era num burro doido e Isaac numa burra chotona, Isaac com Sales, Sales tinha 10 meis

L: eita

T: e, e eu com esse burro com a mala da, da bagage (risos) ói, parece mentira minha fia, mais é... eu num tô contando nem a metade, que é muito longa a história

L: só tinha cavalo pra andar, né

T: era. E nois ainda por cima, Isaac ainda se perdeu naquelas coisa lá das Cajazeira, tinha um camim que ele nunca acertava, se perdia, e nois de noite naquelas estrada e garoando, aquela chuvinha fina, num sabe, aí quando nois chegemo aqui era de madrugada. Foi 15 dias que nois passemos pelo mundo, ninguém sabia onde nois tava, naquele tempo ninguém dava notícia (risos)

L: andando...

T: nois saimo daqui numa terça de noite, durmimo na rua, peguemo o ônibus que saía, que passava em Ibiara pra Patos. Ó, a estrada era de terra, nois cheguelmo em Patos onze hora da manhã, saiu daqui cinco hora, aí cheguelmo em Patos onze hora da manhã, aí nois fomo pra estação pra se informar do transporte que ia pro Canindé, aí tinha um sinhô lá, o nome dele era seu Mané (alguma coisa), ele trabaiava lá na, na estação, aí ele disse: olhe, vocês num tem, você só vão sair daqui pro Canindé na sexta-feira a noite, porque só tem trem pro Canindé sexta-feira a noite. Aí isso já era na quarta-feira, né, aí...

L: Ixi

T: aí Isaac disse: e agora?. Eu já tinha vomitado tanto no camim que eu enjoava, enjoava, e era estrada de terra, eu já tinha vomitado tanto que... é, se vortar pra trás é, aí eu num tenho mais (...) (risos). Aí Isaac disse: nam, mais nois num vamo vortar não, vamo caçar um canto pra ficar por aqui, aí...

L: esperar

T: aí esperar pra nois ir, que era uma promessa que ele tinha de ir no Canindé. Aí esse homem disse: ói, eu num posso oferecer muita coisa não, mais na minha casa... mais nois levava rede, lençol. Levava arroz, levava carne seca, levava tudo...

L: tudo, já ia preparado

T: é, e as roupa, aí, aí ele disse: ói, eu num poso oferecer muitas coisa não, mais eu ofereço pra vocês um canto pra vocês ficar. Tem onde armar rede, tem onde cozinhar, tem onde lavar a roupinha da criança, pra vocês banhar. Oxente, vamos pra casa de seu Mané. Eita veião bom aquele, ele era um sinhô, bem, bem idosão já e a mulher dele era uma mulher nova. Aí deixa que a sogra dele tava na casa dele, né, em Patos, e ela tinha uma filha que morava em Sousa, bem pertim da estação de trem. Aí nois fiquemo a quarta, a quinta, na quinta nois fomo numa feirinha lá em Patos, fomo na Igreja de Santo Antônio, tava tendo umas missão de Frei Damião, aí depois quando foi na sexta, aí nois, aó o trem só saía de seis horas, de seis horas já era pra tá na estação. Aí deixa que a senhora, sogra de seu Mané ia pra casa da fia dela em Sousa, né. Aí nois fomo junto no trem. Aí quando nois saímos de... nois cheguelmo em Sousa oito hora da noite, aí pra passar a noite acordado esperando o trem que ia pra Canindé só saía no sábado quatro hora da manhã. Aí eu sei que nois... aí a veinha foi e a fia dela tinha até um cafezim quando nois passamo, né. Não, lá em casa é apertadim, mais dá pra nois armar uma rede. Aí nois fomo pra lá, era uma casinha de taipa, bem pequenininha

L: eita

T: aí nois armemo a rede e passamo a noite de coca numa rede, eu Sales e Isaac, o resto da noite, né. Aí quando foi quatro hora da manhã, aí o trem

L: passou

T: fazia a via pra Canindé. Que ele num ia direto pra Canindé, ele ia direto pra Fortaleza, mais aí, ia um pessoal do Rio Grande do Norte que ia casar no Canindé e ia mais umas pessoa que num ia direto pra Fortaleza, ia ficar em Itapiúna, era, tinha uma estação de trem, aí lá quem num ia pra... doze, chamava légua nesse tempo, né. É, de Itapiúna pra Fortaleza era doze légua, aí, aí o pessoal que ia ficar, se combinou... foi umas seis pessoa que ficou, aí nois fiquemo junto, aí nois fomo pra um hotelzim lá. Aí o homem disse: olhe, tem um ônibus aqui de frete, ele faz frete, aí se vocês quiser, a gente vai conversar e marcar a hora que cês querem viajar, porque é doze légua daqui pra chegar. Tanto era de lá pra Fortaleza, era doze légua e de Fortaleza pra Itapiúna também, ôh! Pro Canindé também era outra torada, né. Só que tinha outros transporte. Aí, aí o homem, aí conversaram, né. Aí o homem quando... aí fizeram o frete do ônibus pra gente sair de quatro hora da manhã, porque saimo de quatro hora da manhã e fomo chegar lá no Canindé dez hora da manhã. Era uma varedinha assim, uma estradinha de terra, aí tinha lugar assim que o mato fechava em cima e o ônibus vei passava por debaixo, né. Aí o ônibus num tinha, os banco era que nem... num tem esses banco da Igreja?

L: tem

T: era, os banco do ônibus era de pau daquele jeito, num sabe

L: sei

T: aí de um lado e outro, aí tinha o corredozim e os bancão de pau pra você ir, e num tinha porta não, era tudo aberta

(risos)

T: mais era história... aí nois fomo, aí, ixe maria, quando chegemo no Canindé era dez hora, mais assim mermo nois fomo assistimo a missa, fomo na sala dos milagre, fomo lá, lá numa lojinha que vendia, é, é livrim de oração, aí viemo lá pro ponto que nois tinha... sim, aí fomo testemunha desses noivo, era um povo assim mei abestaiado, parece o povo dos Nicolau, do finado Antônio Nicolau, aí casaram lá e nois fomo até testemunha desses noivo. Aí viemo, aí almoçemo, e de quatro hora esse ônibus vei saiu de lá de novo, e nois viemo chegar em Itapiúna de novo, oito hora da noite. Aí quando foi no outro dia, aí nois pegamo um trem que tava voltando. Isaac disse: nois vamo pro Ceará. Eu falei: e porque nois num vamo direto pra casa?. Nam, nois vamo passar no Ceará, na casa de pai vei, o avô dele, pai de Tonha.

L: hum

T: aí, fomo nesse trem, e rodemo e rodemo. Viemo pra Cedro, aí chegemo em Cedro, aí num tinha trem direto pra Barbalha, aí nois durmimo em Cedro, aí no outro dia foi que nois peguemo um trem que vinha pra Barbalha, aí passemos em Barbalha, aí quando foi quatro hora da tarde peguemo um ônibus vei treco, treco, fomo pra Mauriti, aí de Mauriti, esse ônibus parece que ia mais umas pessoa, aí foi deixar lá na Palestina. Chegamo na Palestina era umas dez hora da noite. Aí chegou lá, ixi, era no, era no, foi no... nois fomo pro Canindé no domingo, passemos o domingo nessa ida, aí na segunda tava voltano, eu sei que quando nois chegemo lá no Ceará já era no mei da semana, aí passemos lá o resto da semana, quando foi no sábado, peguemo uns animal que tinha lá, que o ti de Isaac tinha ido, daí do, do, da região deles ali dos, do Limeira, aí nois viemo nesses animal, chegemo oito hora da noite num lugar que chama As Balança, aí era...

L: tudo quebrado

T: aí era praí lá pela, pra ti José, aí... acho que nois era feito era de ferro (risos) e o bom é as dormida... mais foi, foi quinze dia. Tonha vea acho que já tinha arrancado os cabelo quase tudo, que... e o bom é que nessa época Isaac tinha tido uns arranca rabo mas ti Neco, né. Porque ele queria butar uma rocinha lá do outro lado, numa terra lá que pertencia a ti Neco, e ti Neco num concordou. Ele disse: é, tá bom, eu vou embora dessa merda. Aí pra onde é que tu vai?. Só tinha Manué meu irmã da famia lá em São Paulo, só Manué meu irmão... vamo simbora pra São Paulo. Eu falei: tá ficando doido, num tá Isaac? buscar o que em São Paulo, ninguém tem ninguém lá, vai pedir esmola... nam, mais a gente se ajeita... queria ir embora daqui (som ao fundo) aí ti Chicão vei, irmão de pai pedo: nam, você num vai simbora não, Isaac. Manué, você pode deixar Isaac butar a rocinha dele lá onde precisa, pra que que você quer terra?. Eu sei que era um veião analfabeto, mais era um veião... ele gostava muito de Isaac, né. Trabaiava mais a gente. Passava a semana inteirinha durmino na rede com os pés no chão, que ele num cabia na rede. Tinha nenhuma rede que coubesse ele que ele era grande demais (risos) aí eu que nós, mais Isaac era (som ao fundo) queria ir simbora.. tu vai fugir e deixar Tonha doida? Porque se... nam, mais ela num sabendo, depois que a gente fosse embora, chegasse lá, ela ficasse sabendo se ajeita. Eu falava: se ajeita não, ela morre. Aí, mais Isaac tinha umas veneta, meia doida mermo, mais aí abaixou o fogo, aí nois fizemo essa viagem, quinze dia, sem dar notícia, e Tonha já tava doida, descabelando aí, mais...

L: e plantaram a terra

T: foi... a viagem ficou na história. Aí quando nois chegemo, aí antes de nois ir, pai vei ali, aquele que morreu. Ele trabaiou, ele era sadio, né, aí ele trabaiva, aí ele tinha plantado uma fava na terra que Isaac tomava de conta, que era a terra de tia Maçunila, aí ele plantou a fava, aí

catava e butava lá em casa num quarto que tinha, aí quando foi na semana de nois ir, ele bateu a fava pra pegar a renda pra (som ao fundo) Isaac era o responsável, aí quando nois chegemo era tanta chuva e o montão de paia de fava no terreiro... aqueles carocim que ficava dentro da fava (som ao fundo)

L: aí quem trabaiava assim com vô Isaac, ele num contava não dessas experiência do almanaque, ele num lia não?

T: não, lia nada, os almanaque de Isaac era só pra ele. Ele fazia as coisas dele pelo almanaque, mais ele num...

L: dizia a ninguém não

T: num decifrava pra ninguém não (risos)

L: e ele sabia ler, né. Num precisava...

T: oxem, num precisava de ninguém orientar ele. Ele mermo lia e entendia tudo, né. Mais era assim, minha fia. As coisa nera fácil não. A história do passado é uma história muito longa, vem... uma história toda atrapaiada, de fome, de seca, de dificuldade, de toda (som ao fundo), mais sempre no final vem as vitórias, né.

L: é

T: mais que se teu vô fosse vivo, ele sabia te explicar um bucado de coisa

L: com certeza

T: até dos livros dele que ele leu quando ele fez a, a quinta série... eu num sei onde aqueles livros de Isaac foi esbarrar

L: foi Lindomar que pegou, não?

T: eu acho que foi. Que era uns livro bom, aí tinha assim na capa do livro: admissão ao ginásio. Aquele tempo era, quando fazia o, terminava como diz o quinto ano, né. Aí já era o equivalente a um, a um, segundo grau hoje. Que naquele tempo o povo estudava, né. Eu sei que Isaac quando terminou a quinta série, que eu acho que era a quinta série, aí queria, a madinha dele queria que ele fosse se formar, estudar pra se formar, mais ele num quis.

L: quis a roça

T: ti Neco queria... ele tinha doze anos e o sonho dele era a roça, aí depois, né quando ele viu os colega dele que estudou mais ele, formado, aí ele dizia: o caba que é (som a fundo) é assim mermo (som ao fundo) porque tanta chance que eu tive. Que ti Neco num tinha condição, mais tinha vontade que ele estudasse, e a madinha dele era professora, queria que ele se formasse... aí o negócio dele era roça. Ói, eu só acho dos neto, que Isaac... o que eu acho assim que tem alguma coisa a ver com ele é só Kauã... Kauã num, Kauã num, mais só que Isaac estudou e tinha, tinha capacidade, né, inteligência, mais num, a vocação num era continuar estudando,

num era se formar, era pro cabo da enxada, então foi, aí depois quando viu os colega dele formado, empregado, uns médico, outros policial, outros lá num sei o que, ele falava: é, só eu que fui burro mermo, mais agora é tarde, num adianta chorar o leite derramado. Mais no tempo que ele pegou em 70, que ele pegou uma turma, foi em 70, foi seco, né, aí teve uma emergência, aí alistou uma turma, aí ele pro trecho, ele era o feitor, né. Aí ele ia pro trecho, aí ele levava os livro dele, que ele tinha tudo guardado os livro dele. Ficava estudando lá no trecho. Aí ele perdeu muita coisa, né. Tivesse continuado nos estudo dele, mais o dom dele era criar, quando começou a, a arrumar condução, aí ele criava, trabaiar na roça. Pra ele a profissão mió era a roça.

30/01/2020

T: Pois é minha fia, no, nos ano 70, foi variado o inverno, teve uma emergência

L: Unrrum

T: teu vô arrumou uma turma, foi pro trecho com um monte de operário

L: ele era tipo o fiscal era?

T: ele era o feitor

L: sim, o feitor

T: tinha o feitor e tinha o fiscal, o fiscal eu num sei quem era não

L: aí tinha que ser o que pra ser feitor?

T: sei que ele era o responsável por aquela, aquele pessoal, né, que alistou (som ao fundo). Alistava aquele pessoal pro alistamento, aí ele era o responsável, aí ele ficava ali só administrano pra eles trabaiar, pra fazer alguma coisa, é... um barreiro, uma coisa que servisse pra aproveitar quando viesse um ano de inverno, né

L: Unrrum

T: aí ele ficou... o tempo que ele ficou ele foi primeiro pra Conceição, primeira semana foi lá, aí depois pra Vaje do sal. Aí continuou lá, aí quando a emergência terminou, foi pouco tempo também, num foi... mas era um arrimidei, mermo pro povo que não tinha nada. Depois disso, quando foi aqui, chegou até aqui nos ano... foi no tempo de Burity, governo de Buriti, que teve mais um ano

L: ele era o prefeito de Ibiara?

T: Não. Buriti era governador da Paraíba

L: sim

T: aí ele... foi mais um ano ruim de inverno, num sabe. Aí veio mais uma emergência, aí teu vô tornou pegar mais uma turma, né. Alistou uma turma, até os menino aqui, um bucado dos menino era alistado também, que tinha direito, né. A casa que tinha muita gente como aqui era já em 10 pessoa. Aí tinha, é, tinha direito em alistar dois ou três da casa, né.

L: aí tinha que ser o que pra ser feitor?

T: é...

L: era indicação de alguém?

T: não. Era indicação não. Era você, você era naquele setor, no seu setor e surgia... o ano tava carente, né. Aí você, aí eles liberava, né. Vinha a liberação, aí pras prefeitura, acho que era. Aí eles escolhia uma pessoa que fosse responsável, aí colocava, como bem, na Laje, o povo de Zezim

L: ah

T: teve um ano que... no governo de Wilson Braga que Zezim fez até açude na laje, sabe. Aí aqui foi onde foi feito esse barrerim aí (apontando), foi no ano de Buriti. No ano de Buriti foi bom que Buriti deu empréstimo pro povo pra fazer casa, que essa casa aqui foi construída no plano... comé meu Deus... Projeto Sertanejo.

L: unrrum. Que teve no governo de Buriti

T: é, no governo de Buriti. Tinha o projeto sertanejo, aí ele liberava uma verba pra os agricultor que quisesse construir uma casa. Aí cê pode ver que o modelo das casa do projeto sertanejo é tudo esses modelo aqui, num sabe. Num tinha esse apelnde não, só a casa...

L: teve outras aqui?

T: teve. Na região aqui de Com.. todo canto teve. Em Itaporanga, Diamante, Boa Ventura, é, em Conceição... teve várias casa que foi construída no, no, no projeto sertanejo. Aí teu vô construiu essa daqui pelo projeto sertanejo. era assim, tipo um financiamento, você ia pagando aos pouco, né

L: eu sei

T: aí teve... depois dessa casa aqui teve... num sei qual foi o ano que foi, foi variado, né. Aí teve a emergência, aí eu sei que aí teu vô pegou mais uma turma de gente, alistou, aí quando era, aí tinha que botar pra fazer alguma coisa, era pra... ou pra arrancar toco pra preparar a terra, ou pra fazer um açudim, uma benfeitoria, tinha que fazer, num era preciso fazer muita coisa não, mas tinha que apresentar alguma coisa

L: um projeto, né

T: era, apresentar alguma benfeitoria

L: Mas isso aí vinha pra prefeitura de Ibiara e a prefeitura escolhia?

T: aí minha fia, eu num sei pra onde era que vinha não, sei que...

L: aparecia

T: aparecia, né, esse arrimidei. Era do governo do Estado, nera de prefeitura não.

L: Unrrum

T: Aí através do governo do Estado, aí os proprietário tinha esse direito, né. Aí teu vô fez, pegou mais uma turma...

L: aí ele ganhava algum salário?

T: ele ganhava. Tinha o salário do feitor que era o responsável, né, chamava o feitor...

L: e dos cassaco?

T: e dos cassaco (risos). Os menino chamava os cassaco, os operário. A gente chama de operário, mais chamava era os cassaco. Na, no, na era de 70 mermo era os cassaco, os cassaco... em 58 era os cassaco, ninguém chamava de outra maneira não, era os cassaco. Aí teu vô trabaiou aqui, fez, plantou capim nesses arto, cavava os buraco pra plantar um capim. É... aí fez esse açudim, aí tinha a turma dele, tinha bastante gente. Tinha Antoin Aive com os menino dele tudim, tinha, era, Vardimiro, lá de... o pai de Zabé de Paulo Félix e um bucado de gente, esses Gonzaga ali em cima...

L: aí os cassaco ganhava o quê? Um salário também?

T: eles ganhava um dinheirinho lá, num sabe. Aí recebia num sei se era por mês ou por semana, acho que era por mês que recebia. No dia do pagamento, teu vô levava tudim, botava na caminhoneta, ele tinha uma caminhoneta, aí levava pra rua. Agora eu só num sei onde era que pagava o pessoal, se era na prefeitura, onde era...

L: devia ser

T: eu num lembro direito onde era que pagava. Eu sei que Sales deva lembrar disso, porque Sales era um dos cassaquim, Sales era (risos)

L: aí como o feitor ia assim e em casa? Ficava como?

T: em casa? Em casa ficava eu responsável por as panela e mais ninguém...

L: e pronto

T: só que ninguém dava de comer a cassaco não, num sabe, era cada um por sua conta. Eles trabalhava, mais era, era, assim, só pra ganhar aquele dinheirinho e eles ter como fazer a feira deles, né. Aí todo mês tinha aquele pagamento... Eu sei que no, na era de 80, só num me lembro o ano que foi, que... foi feito aqui esse barreirim. Isaac fez, começou esse barreirim, mais logo terminou também a... foi uma emergência passageira, num sabe.

L: teve algum outro político que ajudou assim nesse tempo?

T: não. Daqui do conhecimento eu num me lembro não, tinha alguém envolvido não.

L: Unrrum

T: eu acho que era uma coisa assim, que vinha do Governo Federal, num sei intermédio, se tinha intermédio de algum conhecido pra apontar né aquelas pessoa... que devia ter, né

L: é.

T: Que se num tivesse num... pra escolher, né. Por que no ano que Zezim fez na laje, era no governo de Wilson Braga, aí o povo se aqueixava, porque alistava muita mulher, num sabe... aí no governo de, de Wilson Braga, a, a, Zezim da laje tinha uma turma e ar muié tinha que ir pro trecho com o bucho na boca, acho que tinha muié que ganhava neném no trecho...

L: trabalhando...

T: é, trabaiano, e era pra trabaio, pra cavar coisa lá pra fazer açude, aí no, no tempo que teu vô pegou, pra nos anos 70, tinha a barraqueira, né. Chamava-se a barraqueira, que era quem fazia as comida dos cassaco. Os cassaco levava a coisinha, feijãozinho, a farinha, que era o que tinha mermo, e acho que um pedacim de toicinho lá. Aí a barraqueira botava as panela no fogo, cada um fazia seu fornim lá no chão e ela quem cozinhava pros cassaco, aí ela ganhava o dinheirinho dela. Já até... quem trabaio como barraqueira no tempo que Isaac trabaio na vaje do sal era uma nora de Mané Gonçalo...

L: mas aí, fora essas emergência teve alguma outra ajuda política? Daqui, do prefeito, de alguém?

T: não, minha fia...

L: ajudaram em nada?

T: lembro não... só me lembro mais... aí depois veio o negócio do biodigestor, era um intermédio da Emater, num sei o que lá, que tinha, que era pra fazer o, que vinha os técnico da Emater, num sabe pra, com aquela proposta de fazer biodigestor que era pra fornecer energia, num sabe...

L: da bosta da vaca

T: da bosta da vaca

L: que era aqui no curral

T: é, era aqui... teu vô fez o depósito ali, né. Aí todo dia bem cedo o curral era pra tá bem limpim que era pra quando... e tinha que ter aquela quantidade de gado que desse, num sabe...

L: eu sei

T: pra fornecer, pra encher aquela, que o bicho era, era grande também. Aí tinha uma caixa, tinha um caxotinho (explicando com as mãos) assim, aí encanado pra dentro, parecia uma cisterna dessa (apontando), aí encanado pra dentro daquele tampão, o bicho era bem tampado,

vedado, num sabe. Aí todo dia bem cedo butava pra colher a bosta bem fresquinha, era a vaca cagando e or... teu pai mermo (risos)

L: ia jogando lá dentro

T: (risos) teu pai mermo butou muita lumbriga (risos). Por que era assim, a bosta fumaçando, as vaca cagando e apanhando e já colocando naquela, naquele, é, cocho, que era tipo um cocho, né. Era um caixão de cimento assim, sabe

L: Hum

T: aí ali, mexia, mexia, mexia, mexia, mexia, e ela...

L: produzia, né

T: ia pra dentro daquele caxote lá tampado, aí lá ela, ela, ainda deu, deu luz aqui

L: Foi?

T: foi, até o técnico na época era Ivonaldo o nome dele, aí quando ele veio testar, né. Aí vinha as, os lampiãozim, com as lampadazinha, pra você testar. Aí eu ganhei até um fogozim de barro, que era pra usar o gás pra cozinhar também, num sabe. Se desse, né. Que teu vô foi uma vez visitar um, fazer uma visita num lá em Boa Ventura, mar teu vô falou que lá funcionava mermo, era pra funcionar geladeira, era pra funcionar fogão e as lâmpada

L: hummmm

T: mas aqui num chegou a esse ponto não porque eu acho que num, num, o gado num atingia, né.

L: era pouca ainda as vacas?

T: é, era, num dava pra...

L: produzir muito...

T: produzir muito. Que tinha que produzir muito, e era todo dia, num tinha essa de, era na hora que as vaca, bem cedim já tinha que colher aquela, aquela merda bem molinha e jogar lá dentro e depois traçar ela pra ela entrar naquele... teu pai se lembra disso aí, porque ele fez muito isso aí

L: unrrum

T: tinha hora que ele apanhava merda com as mão assim, era merda quente (risos), é, mas isso aí era, era coisa que... aí pronto, isso aí já foi uma, uma coisa que o governo mandou, aí foi selecionado os melhores agricultor, num sabe

L: eu sei

T: num foi pra todo mundo não. Aqui mermo nessa região, eles escolheram Isaac, eu num sei se foi intermédio da, da, bicha, da Emater, que até aquela Quinha, ela veio muitas veiz aqui, ela ainda hoje ela é...

L: vó lembra de quem era o governo nesse tempo?

T: é, minha fia, agora eu num tô lembrada não. Mais eu, eu acho que era no tempo de Buriti, sei lá, num sei quanto tempo Buriti governou

L: ele foi um bom governador?

T: foi, foi um bom governador. Ele arrumou muita coisa pro povo, num sabe... que esse negócio dessas, dessas, Projeto Sertanejo foi no governo dele

L: foi nos anos 80, foi?

T: foi, foi depois dos anos 80, porque antes... essa casa aqui foi construída, nois tava, nois passemos praqui nos anos 80, ela foi construída, mais ou menos, em 79, por aí... foi nessa época aí. Agora os governo é que eu num tô lembrada quem era não, governador, prefeito, sei lá quem era. Eu sei que tinha que ter os escolhido, né

L: sei

T: aí teu vô foi escolhido, aí ele foi escolhido até assim, tipo o melhor agricultor, ganhou até uma medalha que veio de Brasília

L: hummmm, da região

T: Sim. Aqui da região ele foi o melhor agricultor

L: que tinha muita produção?

T: é porque trabalhava muito, aí tudo o que ele, ele sempre, sempre tirava mais coisa que os outro, né. Aqui na região ele era o mais caprichoso, tinha mais vantagem, né

L: unrrum

T: aí por isso que ele, nesse negócio do bio digestor ele foi um dos escolhido, mais num deu, ele abandonou, né. Que quando começou, a luta era grande, tinha que fazer aquela luta todo dia bem cedo, com muito cuidado e quando foi, foi pra inaugurar, né, aí vieram, né. Aí ainda hoje eu lembro da piada de Ivonaldo que ele era téc...era ele, era Ivantelson e Quinha trabalhava também, aí tinha, tinha Jurandi que era, que ele foi técnico aqui na Ibiara também, que ele era, ele era muito bom, aí eles vinha pra cá, né. Aí quando foi pra inaugurar, aí truveram os negocim, era tipo, umas coisinha com a lâmpadanzinha dentro, aí butou ali ligar tudo lá, aí acendeu a luz, aí Ivonaldo (tom de animação): eita, pronto Isaac, você deu a luz, Isaac

L: eita

T: risos

L: vô Isaac num deu uma matada nele não?

T: não, Isaac ficava tranquilo nessas hora assim. Aí foi, né, aí veio um Indiano, que naquele tempo o povo se interessava por as coisa, vinha gente de fora, instruir aqueles mais... através de Jurandi, veio um indiano uma vez praqui, foi o primeiro que deu o fogãozinho de barro

L: quem é Jurandi?

T: Jurandi era um técnico da Emater, ele morou muito tempo na Ibiara, depois ele foi embora pro, pra Coremas, um tempo eu vi ele aí na Ibiara, faz um tempão que eu vi ele na Ibiara, nossa, mais eu nem reconheci mais ele

L: sim

T: aí ele, aí, aí o indianozim foi quem trouxe o fogaozim pra mim, aí ele foi e ensinou como era, aí o fogãozinho era assim, tipo um ele era uma coisinha assim (explicando com as mãos) e subia como um pilaozim, aí era todo furicadim num sabe, aí em cima tinha onde você butar a panela, era tipo um filtrozim, só que ele era dividido, num sabe. Num era modelo um filtro, era modelo um pilaozim, aí de barro, aí sentava o pezim aqui no chão, aí de lado tinha o lugar de colocar a mangueirinha que vinha do gás, lá do biodigestor, num sabe. Aí em cima era todo furadinho o barro, aí você era só acender lá, se você acendesse, saísse o foguinho que nem sai nas boca, aí butava a panela

L: unrra

T: ainda apareceu isso, mais aí era muita coisa, aí teu avô desistiu

L: deixou pra lá

T: mais uma vez ele foi numa reunião em Boa Ventura, ele ficou bestinha, disse que lá até geladeira funcionava, porque era muita, muita criação, muito criatório, tinha que ter muito gado pra ter, fornecer mermo todo dia, era todo dia, tinha que ser abastecido todo dia o biodigestor. Colocar lá naquele tanque e mexer e dispejar. Aí dispejava, aí tampava, aí lá ele transformava gás. Ainda hoje existe isso por aí a fora, é porque aqui num, num deu pra... logo veio a energia depois, né, aí foi...

L: é, aí ninguém se interessou mais

T: é, num se interessou mais. Mais era tudo isso, era... e tinha os escolhido, aí eu sei que teve esse ano aí que eu num lembro quando, que governo era, teu avô foi escolhido o melhor da região, aqui do setor, né.

L: unrrum

T: aí ele ganhou uma medalha, veio uma medalha. Sei o que foi feito daquela medalha, era um medalhão assim, sabe

L: aí no tempo da seca de ajuda só tinha essas emergência mermo?

T: só. Puramente, minha fia, só puramente as emergência e era quando tinha, né

L: que num era toda vez?

T: era, se fosse uma sequinha besta que alguém tivesse como passado do ano pro outro sem passar fome, aí num vinha não. Aí quando era uma seca que arrojava mermo, a primeira coisa que o povo fazia era começar a invadir nas feira, num sabe

L: sim

T: no dia da feira...

L: começava a saquear

T: é, a invadir, entrava nas escola carregando tudo, gente que num tinha sem pricisão, se aproveitava, aí ia na feira, aí os pobi dos feirante tinha que fechar tudo logo, porque o povo queria carregar, chegava lá, era só enchendo os saco e carregando

L: unrra

T: Na, nas buodega, que nem falava de primeiro, era assim. Aí quando começava assim, o povo fazer essas invasão, aí o governo mandava uma emergência pra aquele setor

L: Hummm. Teve aí em Ibiara isso?

T: oxe, teve, aqui em Ibiara teve um ano que o povo, aquele Renato, logo que, um ano que... bem, acho que o Renato começou a funcionar sum sei se no governo de Jesus ou era de Nildim, e eu sei que teve um ano que foi seco, a seca puxou, né. Aí os caba começaram a invadir as feira, e invadiram lá, um dia entraram na escola lá, carregaram as merenda tudo

L: unrra

T: que tinha chegado pros aluno. Aí foram na feira... o povo das buodega já fechava logo as porta, porque se eles entrassem, não podia fazer nada, tinha que deixar levar, num sabe. Nem que depois fosse prestar conta e o governo desse um jeito, né

L: unrrum

T: aí quem tava, quem vendia no mei da feira, como ainda hoje tem gente que vende, como Robim, né

L: é

T: o povo carregava o que dava pra carregar (risos). Mas tinha gente que queria reagir, num queria deixar não, mais num podia não, que era, era invasão atrás de comida, de alimento, né

L: é

T: mais tinha deles que num queria nera alimento não, queria carregar coisa. Shampo, (som ao fundo) essas coisa da buodega, aí isso aí num podia não, era proibido, mais se fosse só coisa de alimento, num era...

L: podia deixar

T: era, eles num, num, era, num sofria nada, agora se fosse levar coisa sem ter necessidade, aí num era aceito

L: tavam passando fome, né

T: eram, tavam passando fome. Por que naquela época num tinha esse negócio do Bolsa Família, num tinha nada, num tinha um abono, num tinha nada, né

L: é

T: que antes, nos anos 58, no meu tempo ainda, no tempo que era nas seca, as família tinha um abono, né. Um abono familiar, ainda dependendo do número de gente que tinha na casa, aí tinha, vinha aquele dinheirinho todo mês pra aquela família, era, chamava-se o abono. Aí quando os mais vei fosse completando ano, aí já ia saindo, já ia diminuindo

L: tipo o Bolsa Família

T: é, tipo o Bolsa Família, mais acabou-se aquele negócio de abono, que ainda era pra hoje existir. Mais aí como começou a mudar de governo, esses governo carrasco que nem Fernando Henrique que se fosse por Fernando Henrique ninguém tinha nem Bolsa Família, né. Que Fernando Henrique chama o Bolsa Família era o Bolsa preguiça. Falava que isso aí, era coisa pros caba, num era pra remediar a família não, era pros marido tomar, pegar o dinheiro e tomar de cachaça. Fosse por ele...

L: e no tempo dos militar também num tinha nada

T: pois é

L: que era os anos 80, 70...

T: é. Esse aí. Sei que o que eu me alembro mais é dessa situação aí que a gente passou, e o resto, daí pra cá num teve mais não, negoço de emergência não, eles favorecia mais assim, pra os agricultor, um empréstimo pra eles fazer alguma benfeitoria na propriedade e pagar aquele...

L: parcelado, né

T: é, pagar parcelado e ter um dinheiro pra pagar aquele pessoal que precisava trabalhar, né

L: unrrum

T: porque aí já num era emergência, porque a emergência era o dinheiro que vinha do bolso do governo pra aquele pessoal, né. E esses, depois quando acabou esse negócio de emergência, aí eles fazia, é, é, fornecia o empréstimo, né, pra você... o que tinha que fazer, aí o agricultor pegava, né, e, a... no tempo dessa casa aqui mermo, desse, desse Projeto Sertanejo, foi o tempo de plantar capim nos arte, que era pra fazer uma benfeitoria e ter um dinheiro pra pagar o povo, ao povo que tava sem nada, né

L: unrrum

T: aí depois, a emergência não, a emergência era só pra você tá ali brincando, marcando o ponto, eu nem me lembro quem era que, que... porque nos anos 80 tinha o apontador, tinha o fiscal, tinha o feitor que tava ali no pé da turma, pra eles trabaiar, ver o que tinha que fazer, depois

vinha o apontador todo dia, que era pra, pra ver quem tava, aí chamava um por um e marcar o ponto, né. Aí depois vinha o fiscal (som ao fundo), ainda lembro que aquele Diassis Oliveira, lá na serra de pai Pedo, aquele Diassis Oliveira, o pai daquela muié de Crenaldo, é, ele era fiscal (som ao fundo), mais na, já aqui, quando Isaac foi, a última vez aqui, acho que num tinha, Isaac mermo, era o que, marcava, né, o ponto do, dos operário, né (som ao fundo), aí preenchia aquela folha que era pra levar, pra poder eles fazer o pagamento

L: unrrum. E a água daqui era a do rio mermo?

T: era a do rio, era água do rio, num tinha água encanada

L: quando era o ano seco, o rio ainda coisava?

T: o rio tinha que cavar cacimba, num tinha poço não, era cacimba. Mais até no, até no, antes de fazerem esse, o açude da piranha, num precisava de cavar cacimba funda no rio, que o rio cortava a correnteza, mais aí a água era bem raziinha, e o rio tinha areia, areia bem limpinha, aí cê chegava lá, cavava uma cacimba até abrir, abria até com as mão, aí desgostava, aí era, tinha a água pra trazer pra casa, trazia água pra casa, aí lavava roupa no rio, tinha a cacimba de lavar roupa separada. Quando era tempo, pros bicho beber, aí tinha que coisar a levada bem grande, que era pra criar bastante água pros bicho beber

L: mais depois que fez o açude

T: aí depois que fez o açude, aí pronto, aí o rio acabou, ficou só as grotinha, né. A salsa tomou de conta do lado de cá, aí ficou aquela areia grossa feia por o outro lado e aquela grotinha, aí quando eles soltava bastante água do açude, nossa, ficava tão bonito, a água era limpinha, aonde tinha um lugarzinho mais, mais fundo no rio, era uma beleza, a gente ia tomar banho. Eu acho que nós tem umas foto, num sei se era no ano que tu era bem pequenininha que nós tiramo uma foto lá no rio

L: tem

T: na água do, quando eles soltava a água do açude, a água chega parecia mineral, era bem branquinha, mais aí depois minha fia, que começou essa, essa politicagem nojenta, né. Eles prendendo as água, né, do açude, aí foi onde o rio foi virando riacho, né. Quando soltava uma aguinha pouca, vinha naquela grotinha lá, aí ali passava oito, quinze dia no máximo, aí ali já cortava, que fechava as comporta, né, aí foi ficando mais, foi acabando os rio, né. Aí foi onde o povo começou a cavar os poço, fazer os poço pra ter água, porque do rio mermo num tinha, mais só que como a, a, a água num era aquela seca grande que nem teu pai enfrentou aí um tempo aí, foi há uns 3 anos atrás, né

L: foi

T: que teu pai fez poço aí com num sei quantos anel. Que até um dia ele falando com Socorro, aí disse a Socorro que já já dava no chapéu dos japonês (risos) de tanto cavar de chão a baixo, né.

ENTREVISTA REALIZADA COM TEREZINHA FURTADO DE SOUSA NO DIA 22 DE JULHO DE 2018

SOBRE OS PARTOS REALIZADOS POR ISAÍAS RODRIGUES (SINHÔ RODRIGUES) EM IBIARA-PB

T: Como as pessoas reagia, Lilian, umas ignorava, otos até nem por isso, é, era necessário, né, tinha que fazer mermo cum veigonha e tudo, mais a maioria ignorava, as parteira era as mais ignorante, porque ele falava, ele chamava elas era de cachimbeira, ele falava que quando pricisasse dele num fosse atrás de parteira não, que quando ele chegasse já tava tudo dirmantelado, as muié já tava tudo melada de azeite, de cebola e ele já trazia toda medicação que precisava, ele tinha as coisa dele, ele era preparado, tinha toda medicação certa, sem pricisar de cibola, nem azeite (risos). Tinha o material de tirar os menino quando os menino num vinha por conta, tinha material de fazer coretagem, tinha o, tinha até o aparei de medir a pressão pra ver cuma a gente tava, tinha todo, toda medicação, todo equipamento, só que antes ele andava com um acompanhante, depois ele andava só, aí quando a filha dele começou a, ajudar ele, aí era quem acompanhava ele, mais foi pouco tempo porque já começou funcionar o hospital, aí ela já foi trabaiar no hospital, também depois que o hospital começou funcionar, a casa de saúde primeiro, né. Que eu falei dos anos setenta e nove, mais Júlia me falou que em setenta e seis já funcionava, mais aí num era da minha... eu num sabia, né. Aí ela já trabaiava na casa de saúde, já deixou de acompanhar ele, mais também ele já deixou de fazer parto nessa época, nessas época ele já deixou de fazer porque o pessoal já procurava a casa de saúde, mais até aí era ele o parteiro, quando pricisava o pessoal ia buscar e ele já levava toda medicação que precisava, ele era muito organizado, fazia tudo, fazia parto, fazia coretagem, mermo cru, o grito comendo de irmola (risos), mais ele fazia tudo e a respeito da medicação ele passava, a muié que quisesse tomar escondido do marido ele passava na hora o anticoncepcional, mais a maioria ignorava, n. Teu vô mermo ignorava, deixava tomar não, falava que nera normal não e a igreja num concordava também não em tomar anticoncepcional não, mais muitos já tomava. Só que ele era organizado, as coisa dele era tudo organizado, ele andou fazendo umas coisa errada no início, mais depois ele parou, fazia tudo bem feito. Só que ele vinha de longe, Lilian, eu num tava nem

por dento da, da, época que ele começou, né (som ao fundo) porque depois eu fui relembrar duma mulher dum tio meu que ele fez o parto, tirou o menino e mãe, ele cuidou de mãe nos anos cinquenta e oito por aí. Ele vinha era de longe já, é porque eu num tava lembrada, mais eu num sabia nem o nome dele direito, Julia quem me falou, era Isaias Rodrigues ... E as ferramentas de tirar os menino era aquela lá que eu te falei, era tipo umas conchinha, uma... ele colocava uma dum lado e outra do outro pra tirar a criança, né. E as de fazer lá as coretagem eram de uns negoço lá que eu num sei nem o que era, tirava tudo pra fora e limpava e era tudo cru, nera com nestezia não, era o grito cumendo de irmola (risos)

### O CONSULTÓRIO DE SINHÔ RODRIGUES

T: Ó fia, e a respeito da farmácia, como funcionava lá o escritórim dele, o consultório dele era na merma farmácia, era um quartim lá nos fundo, aí tinha a cadeira do dentista que ele extraía dente, a gente deitava lá e ele arrancava os dente, até os quexos, se fosse preciso, tinha a medicação necessária, ele tinha tudo, ele era muito organizado. Aí tinha também a mesinha lá de fazer exame, examinar as muié que ia se aquechando de firida no útero, ele tratava, tratou de várias aqui na Lagoa Seca mermo, que eu conheço ele tratou de três, que foi... a primeira foi mãe, tempo de... nos anos cinquenta e oito por aí, depois foi aqui na Lagoa Seca, foi Ilda de tia Ceixa, foi cumade Teta e Antonia de Sítonio e ele tratou delas tudim, elas tavam com, com firida de útero e ia prá lá e fazia tratamento, ele tinha todo, todo o equipamento, num sabe. Agora esses equipamento lá de fazer esse tipo de tratamento aí eu num sei explicar qual era porque eu nunca fiz, eu só sei o de tirar menino que era uma conchinha lá que butava uma do lado e ota doutro e se o menino desse trabai ele trazia, nem que truvesse sem pescoço (risos) ave maria, isso daí eu já falei foi demais. Aí você vê, né. As coisa dele era muito organizada, ele tinha medicamento pra todo esse tipo de tratamento pra extração de dente, pra tratar desses probrema aí de ferida no útero que hoje as mulhé já procura otos meio, né... e a respeito dos anticoncepcional eu já falei num foi... aí ele mesmo esterelizava os aparelho, antes da gente extrair o dente que ele esterelizava, tinha lá o modo dele esterelizar, é, colocava álcool em baixo numa vaziiinha, colocava a ota em cima com água e fervia a água, esterelizava os apare... é, o, os alicate de extrair dente, também esterelizava otos material de fazer os tratamento da mulher, ele era muito caprichoso, as coisa dele era tudo... só que era tudo esterelizado porque ninguém usava nada descartável naquele tempo. Hoje cê usa as coisa e joga fora, né, mais naquele tempo era tudo... esterelizava e guardava e o resto.

ENTREVISTA 2: 01 de fevereiro de 2020

Ibiara, entrevista realizada com Domingos Francisco Lima, para o Trabalho de Conclusão de Curso “Viver no Sertão: o almanaque de feira como profetizador das estiagens e guia do cotidiano sertanejo em Ibiara – PB (1960-1990)”, a cargo da discente Lilian de Lima Beserra e da orientadora Dr<sup>a</sup>. Viviane Gomes de Ceballos.

L: O que era o almanaque? O que tinha nele?

D: O almanaque? Dos experiente?

L: Sim, é. O senhor num comprava?

D: Comprava.

L: Vinha na feira pra Ibiara?

D: era

L: aí era muito caro, assim, o preço?

D: não, nera muito caro não. Mais pra trás as coisa era mais barata...

L: É

D: era

L: o senhor lembra ainda o valor?

D: cinco conto

L: cinco conto...

D: era

L: aí vinha pra feira mermo? Ali? Era nos domingos ainda a feira, nera? Em Ibiara... vinha outros ou só de seu Manoel Luiz?

D: vinha outros, mais era mais pouco. Os almanaque mais (som ao fundo) era os de Manoel Luiz mesmo (som ao fundo). Os de Manoel Caboclo também, mais esses eu nunca comprava não.

L: só o de Manoel Luiz?

D: era

L: e as experiências era certa?

D: era... umas experiência acertava e ôtas não...

L: aí vinha todo ano?

D: vinha todo ano

L: aí comprava só porque vinha as experiência ou olhava outras coisa que vinha nele?

D: olhava também, negócio de signo, essas coisa

L: é

D: (som ao fundo) os planeta... qual o gerente do ano. Eu gostava.

L: aí quem trazia era os vendedor mermo que vinha?

D: era, vendedor mermo.

L: aí comentava assim com os outros agricultor quando lia o almanaque?

D: comentava. Eles ficava na feira cantando aquelas página do... do

L: poema?

D: do almanaque. Era... pro povo ouvir e terem mais vontade de comprar

L: aaaaahh

L: aí os agricultor assim, quando comprava, ia comentar as experiência?

D: era... ia ler pra eles mesmo, né? Era...

L: hummm, num comentava com muita gente não?

D: é, se as vezes a pessoa procurava, aí dizia...

L: hummm

D: (som ao fundo) almanaque de fulano, de Manel Luiz tá marcando isso e isso...

L: aí só os agricultor que tinha muita terra que comprava ou assim, quem se interessava.

D: não, é... quem se interessava, né... quem gostava mais...

L: mas o que mais chamava a atenção era as previsão de chuva, de... do que ia plantar...

D: é, é, era (som ao fundo) dava aquelas previsão de chuva nas primeiras semana do mês, na segunda (som ao fundo) no fim do mês... é

L: aí Manoel Luiz falava assim, porque ele começou a escrever essas coisas?

D: é...

L: tinha algum comentário?

D: não, ele num falava não no almanaque não (som ao fundo) porque começou não.

L: nem saía nenhuma conversa assim? Por fora, sem ser no almanaque?

D: é... não... umcum

L: tinha a ver com Padre Cíço, essas coisas...

D: é, o povo num sabia, né...

L: mas ele dizia se tinha a ver com Padre Cíço? Se começou a escrever por causa de Padre Cíço?

D: não, nunca ouvi falar não. Logo eu também nunca me encontrei com ele.

L: Umrrum

L: aí tinha outros profeta aqui na região ou só ele mermo?

D: tinha... o que me lembro é esse Mané Caboclo e outros eu num lembro bem quem era não, sei não se tinha. Experiente mais falado mermo era Mané Luiz.

L: aí muita gente comprava o almanaque?

D: Comprava. Muita gente comprava.

L: fazer as plantaçoão, né?

D: é. Marcava dia de pranta. Tal mês é bom. Tal... ele dava aqueles dia, com as experiênciã dele.

L: aí aqueles que num sabia ler, comprava também?

D: se comprasse era pra outro ler, né

L: outra pessoa...

D: é

L: mas muitos acreditava no que ele dizia?

D: é, acho que acreditava, né. Mais ou menos, né. Que tinha muita experiênciã

L: hum, ele acertava no que dizia, né?

D: é

L: aí do jeito que ele dizia, alguns fazia, né. Se ele dissesse que plantasse algodão, aí plantava...

D: é, é

L: que ia chover tal dia

D: era

L: mas aí depois que começou essas previsão de televisão, aí...

D: mudou, né

L: mudou...

D: é, mudou

L: mas muita gente ainda tem as experiênciã, né

D: é, ainda tem as experiênciã dele. É.

L: os sinal...

D: mas foi ficando velho, aí deixou de imprimir os almanaque. É.

L: é isso mermo

L: mas ainda tem as experiênciã assim, né... o povo lembra ainda, né

D: é, lembra

L: e usa...

D: é, fica se lembrando. Diz Mané Luiz falava isso assim... é, quando ver uma experiênciã duma coisa, né.

L: e as vezes ainda dá certo, né.

D: é

L: verdade

D: é mermo

L: o senhor lembra ainda de alguma experiência que ele dizia?

D: eu me lembro o que ele dizia. É.

L: mas quem mais comprava era os agricultor mermo?

D: era

L: se interessava...

D: aí ele imprimia nesses almanaque dele, os signos do mês tudim do ano...

L: aí o povo lia também?

D: lia, é...

L: os signos, tinha os talismãs também, nera

D: era... quem gostava de escutar os signos

L: aí tinha os talismãs também que ele vendia, nera?

D: era...

L: convidava o povo pra ir na casa dele também...

D: era...

D: saber o horóscopo...

L: é

D: ele era experiente

L: sabido. Será que ele estudou...

D: eu num sei

L: num tinha comentário não, né.

D: é, sei não. Agora eu sei que de saber ler, ele sabia, né não

L: sabia

D: ninguém sabe é se ele terminou os estudo, né.

L: logo só tinha o rádio, né. Se ele fazia alguma entrevista num dava, né, se ele comentasse alguma coisa...

D: é

L: só tinha os almanaques

D: é, só os almanaques, é...

L: mas de Padre Ciço ele num comentava nada não?

D: não. Nos almanaque ele nunca falou o dom dele Cuma começou, né

L: Unrrum. E muitos num dizem, né. Num gosta de dizer

D: é mermo, num diz

L: como é que aprendeu, né

D: é, fica só pra ele mermo, né

L: é. Quando eu visitei ele lá, eu ainda perguntei, mas ele disse: não, num pode dizer não.

D: ói e foi? (risos)

L: ele tava veinho já...

D: tava

L: eu fui em Julho, aí quando foi em novembro ele morreu

D: mas olha aí. Tava perto

L: num sei se era... 94, parece

D: olha, a idade dele já, né

L: era

D: tava vei

L: morava sozim

D: é... caba ver

L: e a casa dele lá era cheia de papel, de tudo, mas ele num deixava ninguém entrar

D: eu sei... é

L: nem a fia dele, nem a irmã, ninguém

D: ó, tinha um segredo com ele, nera

L: era...

D: tinha ciúme dos...

L: das coisas dele...

D: dos almanaque dele...

L: com medo de alguém levar...

D: tava vei já quando tu foi lá, num foi?

L: tava. Usava uma bengala

D: ó aí... é

D: eu gostava dos almanaque dele, toda vida, só pra eu saber planeta do ano...

L: é, se ia ser bom, né. Se o ano ia ser bom

D: é. Sim

L: saber o que ia plantar

D: é. Os preço das coisa ele marcava. No tempo que tinha algodão ele dizia, mês fulano é mió pro preço

L: hum, aí o povo plantava algodão

D: plantava

L: do milho, do feijão...

D: do milho... tudo. Tinha as experiência dos preço, dos comércio também

L: era bom, né. Pro agricultor...

D: era

L: sabia o que ia dar mais dinheiro

D: é...

L: e naquele tempo era o comércio que tinha, era...

D: algodão, feijão, ele dizia...

L: vender coisa, né

D: setembro, outubro, tal tempo era o preço melhor, esperava... ele aconselhava

L: unrrum

D: guardar pra vender naquela época

L: que ia ser melhor, né

D: é. Nos outros tempo era tudo diferente mais de hoje

L: é, o povo trabalhava mais na roça, né

D: é, o povo trabalhava mais

L: e Ibiara tinha muito, né. Muito agricultor

D: é.

L: Conceição também

D: Conceição também

L: aí vendia mais em Conceição ou em Ibiara mermo?

D: depende, né. As veis... era mais na Ibiara

L: o preço tava...

D: era, era mais difícil pra Conceição...

L: que num tinha transporte também...

D: mais vendia também

D: as veiz um comerciante tava fazendo mais preço melhor que outro, né

L: é. Tinha gente que vendia na roça também, né

D: é

L: vender na folha, né. Que o povo fala

D: é. De primeiro tinha esses negócio aí

L: precisava do dinheiro, né

D: é. Quem precisasse...

L: aí vendia na roça mermo, antes de dar o legume

D: é

L: agora hoje o povo num confia mais não

D: é. E algodão num existe mais. É difícil

L: é. Naquele tempo era o que dava

D: era. Era uma das safra grande do Nordeste

L: era algodão

D: era algodão

L: eles exportava pro outro país

D: era

L: fazer roupa

D: era

L: agora hoje quando dá é milho e feijão

D: é

L: em que ano, mais ou menos começou a vim os almanaque pra Ibiara?

D: eu num lembro não...

L: lembra não

D: veio um bucado de ano

L: os ano 50, por aí

D: era

L: acho que até a década de 90 ainda veio, né

D: foi. Teve um bucado de ano vino. Tinha um caba, ele era quem vendia os almanaque, era um caba do lado de Itaporanga

L: hum

D: ele vinha de lá, aí fazia essas feira aqui, de Ibiara, Conceição

L: aí trazia?

D: trazia, era.

L: hoje é fácil ele num tá vivo mais não, né. Faz tempo

D: é. Tem mais não. Hoje ainda tem esse caba que ainda gosta de almanaque, é em Cajazeiras, é, comé...

L: Chico do Rádio

D: Chico do rádio, é

L: é, verdade

D: num sei se ele ainda....

L: acho que ele ainda faz

D: ele é meio experiente também

L: é, Chico do rádio. É verdade.

D: é

L: um tempo eu ainda procurei pra ver se eu encontrava, mas ele... ele tem um programa na rádio parece ainda

D: ói. É.

L: eu vou ver até se eu acho ele pra... é, verdade.

D: pois é. Que ele é daqui de vazante, né

L; e ele é daqui?

D: é

L: hum, pensei que ele era de lá mesmo

D: é não

L: Chico do rádio. É verdade ele faz almanaque

D: a família dele é aqui de Vazante, aí

L: hum. Que hoje o povo num se interessa mais, né

D: é. Que eu toda vida gostei de almanaque, as veis eu até procuro pra saber o almanaque dele...

L: se ainda tem, né

D: só pra eu saber o planeta, o gerente do ano. Ele diz, mais eu num sei... parece que ele num faz muita “profissão” não...

L: quem é?

D: Chico da rádia

L: sim

D: é

L: vê se ele prevê...

D: sim, mais ele faz

L: alguma coisa, né

D: é, do almanaque... que ele gosta de imprimir

L: é mermo. Eu vi falar desse Chico do rádio lá

D: é

L: hoje é pouco esse povo que tem essas experiência

D: é

L: num é como antes não

D: é não. Hoje os experiente é diferente. É desses caba da previsão

L: é, da televisão, né

D: é

L: e as chuva também era mais naquele tempo, nera?

D: era

L: era certa

D: era. Os ano seco era espaçoso um do outro

L: é, parece que foi o ano de 70 que foi seco, né

D: foi. Primeiro foi 58, depois 66 foi mei fraco, aí 70 também.

L: foi seco

D: é

L: mais aí já vinha de inverno bom, né, aí...

D: é

L: dava pra guardar o legume

D: é. Guardava as coisa, alcançava outros ano melhor

L: é. Logo tinha gente que tinha muito filho, aí pra manter...

D: é. A coisa era mais difícil

L: e os que morava de renda acho que era mais difícil, né. Os que morava de arrendatário

D: é. Só que o povo gostava de trabalhar, ajeitava as coisa

L: de todo jeito arrumava uma coisinha

D: é, arrumava

L: os político naquele tempo num...

D: era diferente

L: num ajudava também, né

D: é. Os ano pra trás era diferente, num tinha emprego, num tinha nada. Os político era a coisa mais difícil

L: era mais complicado, tinha que ir pra roça mermo

D: é

L: ou então ia pra São Paulo arriscar uma coisa, né

D: é. Hoje tá mais fácil, teve o saber...

L: é, o estudo foi...

D: Deus querendo ajeita as coisas.

L: o povo foi começando a estudar, aí

D: é.

## ENTREVISTA 3: 19 de fevereiro de 2020

Cajazeiras, entrevista realizada com Francisco de Assis Gomes, para o Trabalho de Conclusão de Curso “Viver no Sertão: o almanaque de feira como profetizador das estiagens e guia do cotidiano sertanejo em Ibiara – PB (1960-1990)”, a cargo da discente Lilian de Lima Beserra e da orientadora Dr<sup>a</sup>. Viviane Gomes de Ceballos.

F: O inverno no nordeste brasileiro conforme as pesquisas que eu fiz em todos os almanaques é o Banco do Brasil, aliás perdão, o Banco do Nordeste ele solta uma espécie de uma agenda e essa agenda se chama-se: agenda produtor rural.

L: Certo.

F: E essa agenda produtor rural, enriqueceu muito meu trabalho de fazer folheto com a ajuda de Manoel Luiz. Onde... do Banco do Nordeste dessa revista que eu falei pra ti a Clima analise, almanaque do pensamento, almanaque Erik do Santo Antônio, né! Aí a do nordeste eu achei mais vantagem porque lá ela explica o que tá no nosso folheto aqui. Manoel Luiz dos Santos morreu e num sabe, num sabia o que é pirrichiu, apogeu, neo lunar. Você olhar aqui pelo apogeu está, estão aqui as explicações: você vai pescar, qualquer um vai pescar, aí você quer trazer um saco de peixe, peixe com força. Tem um segredo, que você, nesse meu almanaque - um deles – mais porquê? Porque eu fiz uma baita pesquisa pra poder encontrar isso uma coisa vai puxando a outra assim e vai puxando. Meu Deus! A gente pensa que sabe e no fim num sabe de nada toda vez tem sempre uma coisa a mais.

L: Verdade

F: e outro vai pescar e não pega nada. Eu não posso dizer aqui você vai ver pelo livro, que é um segredo. É como o livro de São Cipriano, tem uns coisa lá que por exemplo: uma pessoa que tá fazendo panela de barro, tudo vem no almanaque essas coisas viu?

L: sim

F: tá fazendo uma panela de barro, aí tá, e chega lá uma pessoa e solta um pum, pronto! Aí esfarela e desmancha tudo.

L: quando tá fazendo doce essas coisas?

F: doce... eu conheci uma mulher em Conceição que ela matava um pé de pimenta “vishi! Que pé de pimenta” aí o bicho “vrnnnn”. Se desse uma facada num caba em Conceição e ele chegasse no hospital e ela num gostasse da pessoa e alguém quisesse que acabasse de matar aquele caba, bastava chamar Inácia lá do hotel que quando ela chegasse na janela, na entrada “e o que foi isso aqui?” aí o caba “chiu, chiu, chiu” morria ligeiro como um frango

L: menino novo também, né?

F: ela matava igual também. Mas aí vem também a controvérsia das curiosidades como é que a gente tem que combater uma pessoa dessas, entendeu bem? Mas pode me perguntar que eu vou lhe responder agora.

L: aí tu ia buscar o de Manoel Luiz pra revender aqui em Cajazeiras?

F: ia buscar lá, eu era o agente dele

L: hum

F: vendia em São João, agora eu deixei há uns dois, três anos de ir lá...por isso eu tô sentindo falta

L: foi! Ele morreu em 2017

F: fazia na gráfica de Patos, Gráfica Santo Antônio

L: todos eles faziam em Patos?

F: é

L: Porque o almanaque que eu encontrei, só aqueles que é colorido: uns rosa, outro amarelo. Que tem lá o nome Gráfica Santo Antônio. Mas os de antes não tinha o nome, naqueles folhetin de cordel.

F: mas eu tenho anotado. É por que deu uma chuva. Eu vou pra Juazeiro eu sei um canto que tem lá, eu vou passar uns oito dias lá em Juazeiro do Norte, eu tenho vontade de comprar meu pontin lá que eu vendo muito meus folhetos lá, né?

L: unrrum

F: meus almanaque eu vendia na Ibiara também na época que seu Jesus Ramalho era prefeito. Tu eu acho que era criança?

L: eu num morava lá ainda não. Num era nem nascida na verdade

F: num era nem nascida, né? Vocês são de Santana de Mangueira mesmo?

L: não. Eu nasci em São Paulo. A gente morava em São Paulo. Meu vô que morava em Ibiara. Meu vô era Isaque Beserra.

F: esse Isaque é um que morava na saída de Ibiara que vai pra Vazante? Ah não! Ali era Isaias.

L: não. O nosso sítio é indo pra Diamante

F: ah é!

L: antes do Quintiliano

F: ah já sei! Morreu num acidente, num foi?

L: foi

F: é eu tô lembrado

L: meu avô

F: teu avô... tu num conheceu Eliziário Joca?

L: conheço, conheço...

F: morreu já?

L: não! Não.

F: eu pensava que ele tinha morrido?

L: não. Ele arrumou foi outra mulher

F: ele deixou calunga?

L: deixou. Ele tá com outra eu acho

F: calunga é minha parenta ainda. Eu sou Feitosa, ela é Feitosa. Eu num acredito não?

L: oh Eliziário é outro? Não é outro! (risos) não né esse não.

F: é Eliziário Joca, é um galego

L: não. Esse eu sei quem é Eliziário, eu sei.

F: eu acho que ele já morreu?

L: não, morreu não, mora em Va Redonda

F: pois é

L: sim, aí os de Manoel Luiz era produzido em Patos? Aí ele tinha os agentes?

F: tinha os agentes. Eu era um, seu Zé Cazuzza era outro. Aí eu vendia em Juazeiro, as vezes ele não queria eu operar em Juazeiro, ele dizia pra mim né?

L: unrrum

F: eu ia lá porque minha família é de lá do Pernambuco. Eu até tô com vontade de passar um mês ou dois lá naquela região. Por que eu estudei lá naquela região, passei dois anos estudando um curso de comercial, eu morava lá mais minha vó. E interessante que esse negócio de estudar chuva começou com a minha avó. Caba criado com vó tu entende como é que é, né?

L: sei

F: eu tava lá em mãe velha, aí lá em mãe velha eu dizia assim: mãe velha hoje vai dar uma chuva que a água vai bater nas telha. Aí ela dizia: ave maria!!! oh bichin rin, bata, bata, bata, bata na boca meu filho! (risos). Aí despertou essa curiosidade. Eu lá no Pernambuco e já despertou isso, porque as águas vão bater nas telhas porque cai de cima e bate logo nas telhas (risos). Aí eu cheguei uma vez no Rio Pombinho, um sítio município de Diamante, lá em baixo em Chico Nino, lá na casa dele. Aí ele olhou assim pra mim e disse: oh fransquin, vai aí nos zói do rádio e liga aí nos zói do rádio. Mandou eu procurar os zói do rádio e eu caçando os zói do rádio. E rádio tem olho? Não. Tem botão (risos). O que me chamou a atenção foi interpretar os zói do rádio e entender que era o botão. Aí quando eu liguei ele mandou eu botar na rádio de Caicó. Num tinha muita rádio perto aí só pegava as distanciada. Sintonize mesmo em cima, ele

dizia, aí eu sintonizava e eu num sabia o que era. “escute aí, pare um poquin” ele mandava. Aí começava aqueles pipoco, dando os estralos, aí ele dizia que tava chovendo lá em Caicó, e entrava no meu ouvido e saía no outro. “oxe? Tá chovendo lá em Caicó?” eu pensava. Aí ele dizia: oh meu filho tire daí e bote na rádio lá de Afogado da Ingazeira, aí eu botava e ele mandava eu parar pra ele ficar escutando e eu ficava escutando também mesmo sem saber o quê. E o rádio começava a estralar também aí ele falava: ihh rapaz aqui tá perto de chover, pois tá chovendo também no Pernambuco. E eu ficava me perguntando...

L: como é que ele sabia?

F: é. Aí depois de umas duas vezes fazendo isso pra ele eu perguntei: como é que o senhor sabia que tava chovendo lá? E ele respondia: eu sei porque tá chovendo na antena do rádio lá, que quando bota pra ouvir só se ver é a estraladeira. Tá vendo como é as coisas? Um matuto valho que não sabia de nada e ficava achando que a estraladeira do rádio era a chuva que tava caindo lá na antena. Aí tem outras coisas também, por exemplo, o pessoal fica dizendo assim: a formiga tá criando asa. Quando é de novembro pra dezembro eu saio na ponta dos pés pra ir nos sítios aqui por perto, aí vou naqueles pés que já tem aqueles coquin de cupim grande e pego uma faca e abro só um pouco pra ver, se tiver cheio daqueles negocin branco, cheio de fiação...

L: eu sei

F: e mais ou menos com 30 dias já começa a voar, quando ele começa a criar asa e voar aí é chuva e é muito. Se eu abrir e não tiver nada é ano desmantelado. Eu tô preocupado ainda com esse inverno, porque aqui é alto e a gente só escuta os sapos cantando lá em baixo, por aqui a gente não vê e eu ainda não vi aquele monte de sapin correndo assim, aqueles novinho com rabin, que você passa de bicicleta chega dá o estralo, aí eu tô meio arrupiado. As oiticas não pegaram caroço. O pé de mandacaru aqui o meu floraram 6 mas só ficaram 2. Mas eu já vi e tudo baseado nesses livros de Manoel Luis dos Santos e uma coisa e outra

L: lá em Ibiara meu avô disse que quem vendia lá era um homem de Itaporanga que ia pra feira e levava os almanaque dele

F: quem vendia em Itaporanga era eu, eu vendia lá, aí eu deixava uma pessoa lá vendendo pra mim, um senhor vendendo pra mim lá. O meu eu vendia mais, num sei porquê, acho que porque eu era envolvido com esses negócio de rádio. O de Manoel Luiz e o meu, agora tinha gente que queria o dele e não queria o meu, dizia na minha cara.

L: (risos) e os véi era bicho ignorante, né?

F: É. Aí o bom que eu dizia pra seu Manoel: quem diabo é esse Chico de Rádio? Nunca ouvi falar nesse homem? Esse caba sabe de nada! E ele dizia: sabe sim senhor! Ele é muito sabido. Tenho escutado muito ele aqui nessa região. E eu digo: e quem foi que informou ele? Ele dizia:

foi um poeta. Quem informou a ele foi um poeta lá de Fortaleza, tu acha? Eu conheci os poetas quase tudin da região. Tinha um programa na diário do nordeste com os maiores poetas dessa região. E eu dizia sem me identificar: e esses poeta fala no nome dessa caba aqui nessa região? Aqui no Pernambuco? E ele: sim senhor! Eu sou doído pra conhecer esse homem!

L: eita!

F: aquele jeito dele

L: eu sei

F: o senhor quer fazer uma entrevista comigo? Manoel Luiz: pois não?! Eu estou preparado. Ele sentado numa cadeira de perna cruzada. Eu tenho as fotos dele aqui em casa.

L: mas tu tem a entrevista gravada?

F: tenho tá gravada, tá nos arquivo aqui. Foi interessante demais, eu perguntando e ele respondendo.

L: mas tu se identificou?

F: não. Só me identifiquei da segunda vez que fui. Disse que mataram uns filho dele negócio de envolvimento com droga. Ele passou uma fase meio complicada, difícil. Teve um bocado de filho, né?

L: ele teve 4 filhos

F: parece que mataram 1

L: ele só tinha uma menina viva

F: uma ganzelona, um bucho assim...

L: ainda conheci a irmã dele

F: de seu Manoel?

L: sim. Eu fui lá na casa dela

F: tu conheceu?

L: sim, porque lá no lado da casa dele tinha uma...

F: eu tô admirado contigo porque o seguinte: tu jovem desse jeito tá tendo essa tendência criativa. E isso pra mim é uma coisa assim, como é que chama? É uma relíquia. Agora é você quem vai. Eu vou fazer o seguinte: eu vou lhe lançar, você vai ver um dia, você vai mais ele e eu vou fazer uma matéria com você na TV Diário do Sertão.

L: eita! (risos)

F: e você fica na TV, youtube, você faz esse TCC e você diz lá da sua pesquisa. Porque agora quem ficou pasmo foi eu, por que dificilmente a gente encontra uma pessoa que tenha conhecimento e se interesse pelas coisas do nosso nordeste. Nós somos uma região como diz

aqui nesse folheto que tu vai levar, aí aqui diz assim: nós somos uma região é abandonada. O pessoal nasce aqui no nordeste mas ele infelizmente...

L: não dar valor

F: num dá valor. É tratado como barriga verde, nós somos assim discriminados, entendeu bem? E olhe, o clima estado o porquê? Você vai ver, meu trabalho ele é bem focado, direto.

L: certo.

F: as fontes de água podem secar. Você vai ver direto. Tem aqui os calendários do mundo, porque também pra gente poder entender disso a gente também tem que conhecer o calendário chinês e outros, pois a gente tem uma faixa de 6 à 8 calendários e eu fico olhando. O que mais me chamou a atenção foi essa da questão da linguagem desses estudos. O pessoal pensa que...aí o pessoal diz assim: vai chover. A expressão popular ela é muito boa. Mas vamos voltar para os almanaques que eu já tô indo pra outra coisa (risos). Eu aprendi essa manha de almanaque do almanaque do biotônico fontora.

L: almanaque de farmácia, né?

F: é. Que na realidade a palavra almanaque significa dizer o seguinte: ele é francês, certo? Aí tem lá: prevenir-se, se preparar, remediar, precaver, guardar. Aí tem um significado bem grande assim era o primeiro jornal do mundo quando não tinha jornal, revista e livro que orientava as comunidades a as pessoas.

L: informava

F: informava, né? As próprias sociedades: a maçonaria, os estudiosos, observadores, pesquisadores eles batem em cima disso aqui como você e até a tv câmara dos deputados em Brasília. Hoje eu sou correspondente da tv por conta desse negócio e do jornal senado o jornal escrito, o eletrônico. Eu nem queria, mas agora depois do carnaval eu vou estreiar com um programa na tv diário tudo que o cidadão precisa saber: seus direitos e deveres. Que as vezes a gente fala mal dos políticos, dos deputados mas não sabe o tanto de direitos que eles conseguem pra nós

L: unrrum

F: aí é o seguinte almanaque significa também: propagar farmacologia, ensinar remédios. Esse meu livro aqui qualquer pessoa que abrir e quiser fazer um teste se está com câncer ou diabetes, no meu livro ensina. Num precisa pagar seiscentos reais num exame pra saber isso. Se ele quer saber se tá com diabetes, ele chega num canto e urina no chão e encher de formigas, você tem diabetes pois tem doce na urina. Isso é adivinhar? É adivinhar?

Aí tem mulher que não tem filho, aí quer saber se a doença tá no marido ou na mulher. Teve uma mulher lá em Mata Grande que casou-se e quase 20 anos e não tinha filho, aí veio me dizer.

Eu disse: compre um urinol um de uma cor e outro de outra cor, um pra você e outro pra seu marido. Ponha massa de trigo no seu e no dele e fiquem usando. O que nascer bicho e tal é o que o mal tá naquele dali. Aí quando você me disser em qual tá o mal aí eu venho pra lhe ensinar o remédio. Pronto, aí depois já ensinar a medicação, mas qual medicação? Hoje não tá mais existindo, é seus avós, sua mãe deve saber. Antigamente tinha um negócio chamado regulador Xavier 1 e 2, tinha o vinho jurubeba. Aí eu disse: minha filha é o seguinte você vai tomar o regulador Xavier 1 e 2 e você tem anemia o certo é procurar o medico e fazer uns exames corretos. Menino, quando ela fez isso do jeito que eu disse e depois que voltou, tá lá a mulher teve não sei quantos filhos, lá em Mata Grande.

L: é perto de Conceição. Experiência é bicho danado

F: mas foi tirada de onde? Foi tirada de algum canto? Eu num sou adivinhão. Foi tirado de umas fontes aqui do almanaque, almanaque do pensamento e outros almanaques que eu tinha. Eu cheguei em Bonito de Santa Fé vendendo folheto na feira aí cansado eu fui pra o hotel, eu num fui pra casa não. Fiquei lá no hotel de teta, vice-prefeito de lá, num posto de gasolina que tem. E eu num aperreio danado, uma insônia, e aquela sensação de que vinha alguém falar comigo. Então eu levantei e fui olhar lá do primeiro andar, aí vi umas cinco mulheres trazendo outra, uma agarrada numa perna e outra pegada na outra. Aí entrei de novo. Elas entraram lá em baixo e perguntaram a Damascena: fulano de tal tá aí? Então eu ouvi foi o grito chamando e essas mulheres subiram até lá em cima. Aí bateram e tal e chamando Chico do Rádio e Damascena veio e abriu pra elas entrarem. Aí eu vim pro corredor e tava as mulheres e a outra no meio com uma sacola na mão, bem magrinha, aí eu perguntei: o que é que vocês querem? Uma delas disse: eu vim pra o senhor rezar nela. Então eu disse: eu? Vocês tão me achando com cara de rezador por acaso? Quem foi que disse que eu sou rezador? E elas disseram: não! É que o senhor faz programa na rádio difusora em Cajazeiras. É que eu tinha um programa lá na difusora e tinha a parte “um minuto de sabedoria”. Aí o povo achava que eu era rezador ou coisa do tipo. Assim, eu tenho mediunidade e eu tenho pra mim que você também tem! (risos)

L: (risos)

F: tu tens! Olhe, tu nem imagina o que tu vai ser no teu futuro. Tu vai ser uma pessoa que, uma pessoa tão utilitária, uma pessoa que vai servir a tanta gente, tanta gente que vai precisar de tu. Eu já vi isso agora aqui em você. Aí voltando lá pra história das mulheres, uma disse: como é? Tu vai rezar ou num vai? Eu disse: vou não. O que houve com essa mulher? Disseram: não é que mandaram uma macumba pra ela. E eu: macumba? Como? Que macumba? Aí mostraram: a macumba tá aqui no saco, quando abriram era uma cueca samba crioulo, agora uma cueca que cabia um caba de 240 kg, enorme. Aí eu disse: mais mulher, é de lascar uma coisa dessa viu?

Você num reza não, é? Me dê esse negócio aqui! Solte essa mulher aí eu fui no corredor, botei ela de lado e fiquei assim como se tivesse com raiva, aí botei ela num canto mandei ela dá uns três pulos e disse: olhe tire isso da cabeça que isso é coisa da sua cabeça é só uma psicose e deixe de acreditar nisso. Aí eu aproveitei e disse: olhe daqui a 8 dias vai chover, você pegue esse negócio e jogue ali em baixo no rio que a água vai levar pro rabo de quem fez. Essa mulher saiu dali boazinha e fez o que eu disse. Falei da chuva porque a gente já tava em final de novembro e já tinha chovido em Mata Grande e a chuva ia descer de cabeça a baixo já pra dezembro pra o dia de Santa Luzia. E eu não fiz nada, só mandei ela dar uns pulo e dei a sugestão da chuva e ela acreditou do jeito que acreditou no negócio da macumba.

L: Chico qual era o ano que você trabalhava pra Manoel Luiz? O ano que tu era o representante dele?

F: eu comecei a trabalhar para seu Manoel Luiz dos Santos desde o tempo de Expedito, em 1977, porque Expedito Lopes era doido por mim. Disse que ele era valente que é danado, né?

L: ah, é! Os Lopes são conhecidos

F: aí Expedito Lopes disse um dia: cumpade Chico eu tenho um negócio pra lhe dar aqui. Mais rapaz, foi a maior relíquia que aquele homem me deu. Assim como você veio aqui e vai levar alguma coisa, foi eu lá com ele. Aí com isso aí eu pensei: ah rapaz agora eu vou bater as paradas. Mas eu já vendia folheto dele, mas eu pegava com seu Zé Cazuzza.

L: Zé Cazuzza é daqui de Cajazeiras, né?

F: de Zé Cazuzza eu tenho a biografia dele todinha aqui em casa. Eu vou até fazer uma matéria com ele igual eu fiz com Manoel Luiz dos Santos. Agora eu ainda estou perplexo com você dizer que ele morreu.

L: morreu!

F: 2016 né?

L: foi em 2017. Eu fui em julho e ele morreu em novembro

F: mas assim... Esse teu trabalho foi a universidade ou foi você quem quis?

L: foi eu mesma quem quis

F: bom. Manoel Luis dos Santos ele era um homem muito bem preparado e eu fiquei abismado contigo, porque quantos anos você tinha na época que foi lá?

L: tinha de 17 para 18 por aí

F: uma menina com 17 anos já atrás de pesquisa? É interessante, é de não se acreditar numa coisa dessa viu? Eu falei em você na tv diário mesmo sem lembrar seu nome, mas eu só disse assim: eu vou ser entrevistado por uma menina tão nova. Por que só quem já veio aqui foi gente bem mais velha. E o que interessa é essa preocupação na questão do nosso clima, porque se

aqui tivesse muitíssimas pessoas igual a ti a coisa era outra. Nosso folheto aqui tem dado uma contribuição grande aqui em Cajazeiras. Teve uma vez que eu coloquei num almanaque que ia nascer o algodão colorido! Me chamaram de doido, mas eu já sabia que ia ter o algodão vermelho, marrom e verde e já tá impestado em Patos. Pois bem, o almanaque do sertão ele tem esse, esse... pelo menos o meu, eu falo sobre chuva mas também tenho uma preocupação com o bem-estar das pessoas, da comunidade de orientar essas pessoas. Tenho aqui o mandamento de quem cria animal, tem o mandamento do motorista pra evitar tanta morte de acidente que tem. Agora eu me revolto com algumas coisas, por exemplo, uma vez eu conheci um cara que dizia que era curador de cobra, então um dia eu me encontrei com ele e perguntei quanto era pra ele curar um roça lá pro lado de Mata Grande e ele me disse que era seiscentos reais mas para mim fazia por trezentos. É claro que eu não fiz, mas aí não deu outra, eu fui depois de uns dias lá no sindicato rural e quando cheguei lá fui ler uma revista manchete, porque eu sou curioso, aí tava lá a oração pra tirar mal olhado e também a oração pra curar cobra. Aí eu fui e coloquei lá no meu folheto “oração de curar cobra” aí pronto, na época eu vendia por dois reais e o caba cobrando seiscentos (risos) aí eu quebrei o caba. Eu num gosto disso eu num aceito.

L: tem gente que abusa disso

F: é explorar. Você tem que fazer pra orientar e não pra explorar.

L: chico, quando o senhor fez a entrevista com Manoel Luis, tu perguntou de onde ele tirava as conclusões dele?

F: do almanaque do pensamento

L: na vez que eu fui ele disse que não podia dizer não

F: ele também veio com essa conversa, mas ali é uma jogada mas depois ele caiu (risos) eu sou jeitoso, vou meio assim como quem não quer nada e coisa e tal, até que eu perguntei: você deve ter alguma coisinha aí? Alguma biblioteca que você lê? Mais minha filha, ele me mostrou lá uns livro cheio de pucumã, cheiro de mofo, teia de aranha (risos) tudo em cima de uma taboa amarrada com uma corda. Parecia o negócio que minha mãe dipindurava queijo.

L: aí ele lia esses livros? O almanaque do pensamento?

F: ele se baseava por aquilo ali

L: e esse almanaque do pensamento, veio de onde?

F: esse almanaque do pensamento vem lá de São Paulo. Tem pra vender ali na praça Coração de Jesus. Ele diz as datas de plantações, ele diz até a hora e minuto que você tem que plantar. Vem tudo explicando lá.

L: aí seu Manoel disse a tu como ele fazia as previsões?

F: eu perguntei a ele: seu Manoel, sem ser pelos livros como o senhor sabe como vai ser o inverno? Ele disse: os ventos. Ventos? E ele: sim!

Olhe uma mulher já tinha me dito aqui em São José de Piranhas, que quando chegar outubro, observasse do dia 10 a 11 de outubro o vento soprando de manhã do poente pro nascente e de mei dia pra tarde também assim ou vice-versa. Aí observar uma nublação escura, umas barra de seis da manhã no nascente e de dezoito horas no poente. Se o sol nascer vermelho ali é um significado, se ele nascer amarelo é outro significado, se ele nascer branco é chuva demais. Quando cê vê um sol branco, pode esperar que é chuva. Aí amarelo é chuva e o vermelho é, é o tempo aberto... ah, sim, seu Manel? É. Mas você tem que observar ainda também os ventos de dezoito, vinte.. é, oito, dezoito e vinte e oito de outubro, é onde eu vou, me lembrei da mulher daqui, ela falou dez e onze (...) porque assim o sol ele tem uma tabela dele

L: tem

F: Cê tem que conhecer a tabela dele. A tabela dele é um, onze e vinte e um e trinta e um. De dez em dez dias ele muda de posição, é o equivalente, um livro que eu li na universidade aqui que eu me arrependi de num ter pegado aquele livro, na época que Zé Maria era diretor, cê fecha o olho assim (fazendo o gesto), aí vai pra (?), aí olha pro sol, pronto, ele vai, ele vai chegar agora em março, vai ficar alinhado com a terra, aí vai chamar isso de equinócio

L: sim

F: quando for em junho ele vai ficar lá no Norte, seu Mané Luiz me explicando isso, e eu escutando, quando fui olhar nos livros, achei também (?). aí acontece o processamento do alfélio, cê sabe o que é isso?

L: não

F: alfélio, você olhar no dicionário qualquer vai dizer o que é. É o distanciamento do sol com a terra. O sol fica distante da terra quase oito milhões de quilômetros, aí o pingo do mei dia em Monte Horebe e lá é o caba batendo o queixo, o caba de blusa que tá fazendo frio. Na serra da Teixeira, onde, onde é minha família lá batendo o queixo, você tem que vestir uma blusa, meio dia em ponto, e aqui em baixo quente, lá gelado como se fosse um picolé, por conta do alfélio e nois tamo passando o processo oposto, que é o periélio. O que é o periélio? É a aproximação do sol com a terra. E tem que acontecer esses dois processamentos, é, é como se fosse na, na... eu tava até ontem a noite aqui, antes de você chegar, o magna, magnetismo (?), aí a base principal do ano no processamento do sol é cinco de no... é cinco de janeiro e cinco de julho. Todo dia cinco de janeiro tinha que acontecer o periélio, por exemplo: o sol nasce, vai nascer ali ó (apontando). Último dia que ele vai ficar ali é onze de dezembro. Dez de dezembro, de dez a onze ele começa a (gesticulando com as mãos), vai voltando, aí pra você acompanhar ele, aí

num tem como medir, aí perguntaram: qual é distância do sol pra terra? É uma batida de ôi (risos). Aí eu fiz um livro, eu peguei lá dos testemunha de Jeová, e disseram que a terra pesa seis trilhões de tonelada, eu butei lá só pro curiosidade, que pra eu vender meu livro, eu tenho que aqui acolá colocar umas curiosidades...

L: pra o povo se interessar

F: aí disse, aí, aí disse o distanciamento da terra dum canto pra outro, aí o caba disse, eu já sabendo que eu... agora quem duvidar pegue a corda e vá medir pra vê se eu num tô certo (risos) o caba ficou com a gôta comigo (risos). Eu sou ruim (risos)

L: (risos) tem que chamar a atenção, né

F: chamar atenção (risos). Eu faço assim (som ao fundo) entendeu (?). a terra, a terra é o seguinte, ela é mãe, ela cria e ela mermo come, ninguém escapa dela

L: verdade

F: a natureza explica, a natureza diz, ela ama ela mesmo, ninguém pode ferir ela... eu até fiz uma crônica, vou até mandar, já que ele gosta (?), já foi agora, do que aconteceu esse negócio lá de Minas, acabando com as cidade, aí diz assim: um rio, o rio falando, né, mais o caba (?), aí o rio passando “ruuuuu”... como se fosse a alma do rio, no pensamento lá do rapaz lá, como se fosse o rio. (lendo pelo almanaque): eu sou as águas, eu quero passar. Ôh, lamento! Tantas casas, tantas praças, tanta boniteza, mais eu quero passar. Vejo muitos que come dos peixes e são pro, passados aqui por mim, mais eu quero passar. Estou sendo ferida, estou sendo incomodada, estou sendo machucada, maltratada, mais eu preciso passar. Aí é tanta... você fica... isso pra mim, Chico, entendeu (?). aí eu vi também que eu vou até colocar na Tv Diário, mais só depois do carnaval, uma crônica que me chamou atenção, eu vou ficar repetindo isso muitas vezes: um menino tocando num negócio assim, num negócio mais o pai, dentro dum rio, e fazendo uma crônica... mais rapaz, é cada coisa que eu vejo assim no dia-a-dia, que eu digo, meu Deus, eu num sei de nada, uma... cada dia tem uma coisa diferente... é Lilian, né?

L: Lilian. É verdade

F: e a natureza ela é muito rica, agora a natureza assim, você mexe com ela, ela lhe dá o troco, é tanto que eu achei agora uma chácara (?), tá lá no meu site, se tu abrir meu site, tu vê coisa lá, viu

L: como é o nome?

F: você abrir meu site, você pode abrir, por exemplo: blog (?) eu escondo muita coisa lá, eu num digo, porque (risos) são muitos, entendeu, mais que... lá tem muita coisa, viu. Aí depois cê abrir lá, aí vou dizendo os demais que eu tenho. Eu tenho de dez a doze sites. É tanta coisa que eu faço, e num para e cada vez uma coisa diferente. Tava até com vontade de desistir, é que

num tem quem... as coisas que eu tô dizendo são muito complexas, viu. (pausa) vai levar o livro pra seu avô, né?

L: vou

F: (pausa) eu toco sanfona, as vezes eu pego, exercito ela assim... eu faço meus folhetos olhando pra lua cheia, aí eu faço a sanfona, aí faço a sanfona chorar e termino chorando também. Eu gosto de muita valsa, certo? E baseado na música de acauã, olhando as estrelas, e eu, é como se tivesse conversando comigo... eu tô aqui sentado na calçada, eu digo a (?)... um calor danado, vou já fazer os ventos vim, vou dá dez minuto pro vento chegar aqui. Eu faço isso. Falo bem baixinho, invoco São Lourenço, é uma assubiada penosa assim... mais ó, Mundinha, Toinha aqui... (?) você tá chamando é cobra. Num quero saber, cobra e vento, eu quero saber se vai ventar... aí quando é com dez, quinze minutos, aí começa, aí quando é... só que tem um detalhe: você... o vento vai vim forte, aí tem que correr, os vento começa a balançar, tão forte, que quer derrubar a rede de energia por cima da gente, aí tem que ir pra dentro de casa. É.

L: mais muitos dizem que o canto da coã é sinal ruim, né?

F: é. A cigarra também é sem vergonha, ela, ela...cantou aqui em janeiro, dezembro, eu fiquei meio assim arrepiado com ela, viu?! (pausa) aí seu Manoel Luiz dos Santos dizia assim pra mim: ôh Chico do rádio, os ventos... como eu já falei pra tu, né, a questão do dia dezoito... aí o marmeleiro florando na época de fevereiro a março, ele solta aqueles caroço que parece feijão, pronto, é garantido. Primo (?), ele dizia: os ventos... ói, tem uma pessoa no Icó pra me informar e outra lá no rio Piancó pra me informar, aí eu fico... quando você ver subindo aquele rio que vocês mora na beira...

L: é

F: aqueles ventos subindo de rio a cima, pode esperar. Isso em Setembro, na época da estação da primavera, pode ter certeza que vai vim enchente... ele vem de lá pra cá que chega vem, chega vem fazendo a, a, a, naquelas boca de serra assim, sai, brigando assim, rrrrrrrrrrrrruuuu, vem o outro de lá pra cá faz a chamada briga dos mundos, é lindo demais esse espetáculo

L: tem uma, tinha uma experiência também que minha vó contou que tinha uma mulher lá no sítio que fazia, sabe. Aí ela disse que no dia de Santa Luzia, dia treze de dezembro pegava umas pedrinhas de sal e colocava na telha

F: é verdade

L: aí no outro dia olhava, a que tivesse suada era a que, e cada pedinha representava um mês

F: e seu Manoel, seu Manoel...

L: aí a que tivesse suada...

F: aí você diga lá a sua vó que quando chegar assim também a época de dezembro, quando for pegar peixe, se tiver ovada as curimatã, os peixe ovado é chuva

L: no, agora, que nessas chuva que deu, pegaram muito peixe e tinha muita ova, viu

F: o rio de lá já butou?

L: já

F: eu dia vinte e um, dia dezenove de novembro do ano passado eu fui na Tv Diário, voltei a fazer meu programa lá, aí eu fui, fiz uma entrevista lá e disse: olhe, daqui para o dia vinte e quatro vamo ter muita chuva no sertão, uma pena que num vai ser igual, igualitária, porque o retrato das chuvas de um inverno é tirado por as trovoadas, Manoel Luiz dizia isso pra mim... como é o inverno, quem diz o inverno é as trovoadas. Se as trovoadas que acontece, que tá tão dirmantelado, que lá seu avô deve saber disso, que antigamente começava, era em setembro, aí houve uma mudança nos tempos, esse negócio da camada de ozônio, as terras tudo desmatada, aí nós tamo passando, tamo recebendo um grande castigo, porque a natureza tá muito castigada, envenenada, poluída, devastada. E então, é a gente, o que der daqui pra frente é lucro, porque de toda maneira, a natureza ela tá castigada, mas quem castigou? Quem foi que fez isso? Nois vamo...

L: o homem

F: desmataram, né. Então seu Manoel me dizia: olhe Chico do rádio, observe os ventos, observe a, a frutificação das oiticicas, os pau d'arcos, aroeiras, a floração, o carregamento, entendeu bem? (pausa) Eu fico catando Lilian onde tem aquelas cuité, as cabaça, cuité. Se ela der com força assim, entendeu bem (batendo na mesa imitando o som da cabaça). você chegar num canto e ver bufa de cavalo, que é uns pezão...

L: sei, sei

F: sabe, aquele negócio como se fosse, que eu vi lá em Santa Terezinha, lá nos... eles faz aquilo ali, aquilo ali é lá, eles planta aquilo ali, mais é pra levar mais pros Estados Unidos e pra França, agora é negócio de duas mil tarefa e terra, só aquilo pra fazer estufa, num sei o quê, um negócio lá, onde eu fui nessa serra pra entrevista da Tv Câmara. Você vai me ver na Tv Câmara... (pausa) por exemplo, quando o inverno tá perto de terminar você olha o mata pasto, mata pasto, cê tira aquela baje, fica hoje, deixa ali secar e... a gitirana, se ela começar a florar, tá encerrado o inverno

L: muitos sinais, né, que tem

F: é. Um certa vez, um homem tava debaixo de um pé de, de, cajá, aí olhou assim: rapaz, esse Deus é um caba vei seinvergonho, safado. Como é que ele num tem vergonha na cara de fazer um negócio desse tamanho... uma melancia desse tamanho assim, no chão... rapaz, isso tá

errado. Quando der fé, lá vem uma (risos) pá, no pau da venta dele, jogou sangue pra todo lado, depressa se acordou. Eita, Deus, me perdoe (risos) por isso que a gente nunca pode dizer, Deus... a gente nunca deve julgar

L: nem duvidar, né

F: é, num... a natureza é complexa, né

L: pois é

F: e tudo que cê procurar, ela ensina a gente.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“VIVER NO SERTÃO: O ALMANAQUE DE FEIRA COMO PROFETIZADOR DAS ESTIAGENS E GUIA DO COTIDIANO SERTANEJO EM IBIARA – PB (1960-1990)** coordenado pela professora **VIVIANE GOMES DE CEBALLOS** e vinculado ao **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (UFCG)**. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivos: **explorar o processo de produção e circulação do almanaque “O “Nordeste Brasileiro”, destacando sua receptividade na cidade de Ibiara - PB; analisar o surgimento dos “heróis do povo” e suas apropriações da seca para produzir política; Investigar o ator social e autor do almanaque Manoel Luiz dos Santos, relacionando-o a outras figuras públicas do sertão; e se faz necessário por ainda existir lacunas no que diz respeito a pesquisas historiográficas relacionadas aos almanaques de feira. E também por não haver estudos direcionados ao almanaque “O Nordeste Brasileiro” e nem sobre o seu autor Manoel Luiz dos Santos. Portanto, além de contribuir com a pesquisa histórica de almanaques populares, o estudo também se torna importante por seu campo de análise ser a cidade de Ibiara, no interior do sertão paraibano, onde esta possui apenas a história “oficial” sobre o município.**

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **entrevistas orais**. Os riscos envolvidos com sua participação são:

- **Riscos:** invasão de privacidade, constrangimento, desconforto emocional, divulgação de dados confidenciais, tomar o tempo do colaborador ao responder a entrevista, interferência na vida e na rotina dos sujeitos, medo de repercussões e eventuais riscos relacionados à divulgação de imagem;

- **Mecanismos de minimização:** apresentação prévia das questões a serem respondidas, sigilo das identidades dos entrevistados e socialização das análises antes da publicação, garantir o acesso aos resultados da pesquisa, assegurar a confidencialidade e privacidade.

Os benefícios da pesquisa serão: divulgação do trabalho de relevância social para a cidade e ampliação das discussões acerca da cultura no Sertão Nordestino.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

**IBIARA – PB, 30 DE JANEIRO DE 2020**

*Terézinha Furlado*

Assinatura ou impressão datiloscópica do  
voluntário ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Viviane Gomes de Ceballos

CAJAZEIRAS – PB, 01 DE FEVEREIRO DE 2020

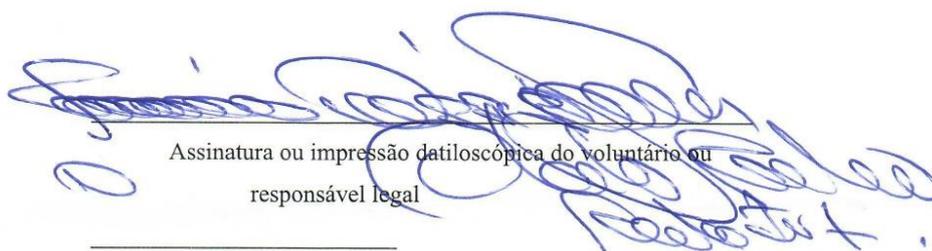
Domingos Francisco de Lima

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou  
responsável legal

\_\_\_\_\_  
Viviane Gomes de Ceballos

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

**CAJAZEIRAS – PB, 19 DE FEVEREIRO DE 2020**



Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Viviane Gomes de Ceballos